

Ana Paula Meyer Velloso

Bibliotecas particulares e dispositivos de
leitura

Mestrado em Ciências Sociais

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo-SP
2008

Ana Paula Meyer Velloso

Bibliotecas particulares e dispositivos de leitura

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais na
Área de Antropologia, sob a orientação do Prof. Doutor
Guilherme Simões Gomes Júnior.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo-SP
2008

Banca Examinadora:

Agradecimentos:

Sou grata ao meu orientador e amigo, Guilherme Simões Gomes Júnior, pelas constantes discussões que fizeram meus pensamentos apontar para direções importantes. Pela delicadeza com que me guiou neste percurso que, apesar de algumas dores, foi essencialmente cheio de alegrias e descobertas.

À valiosa contribuição da banca do exame de qualificação formada pelos professores Júlio César Pimentel Pinto Filho e Norma Abreu Telles.

Ao meu marido, amado companheiro, Guilherme Novaes Villela, pelo incentivo contínuo e apoio incondicional, indispensável ao meu desenvolvimento. Alicerce para a minha felicidade.

Aos meus pais, Normann Pedro Kestenbaum e Mônica Jeanwill Rios Meyer, pelas histórias vividas, por tudo que sou, por tudo que tenho. Fundamentais, inerentes à minha vida, porto seguro que são.

À minha irmã, Christianne Meyer Velloso, que mesmo distante sempre me incentivou e divertiu nos momentos difíceis. Agradeço os livros, melhor presente que já recebi.

Ao meu irmão Fábio Frederico Meyer Kestenbaum, pelas primeiras indicações de entrevistas e discussões de sempre. Meu mais amado e doce menino, agradeço a leitura cuidadosa de cada parte desta dissertação.

A Suzanne Robell, pela persistência em me ajudar a transformar sonhos em realizações – você faz parte de mim.

À querida amiga Ana Maria Barbosa de Faria Marcondes, deliciosa descoberta, pelas valiosas conversas e incentivo nas horas duras.

Esses que acreditaram em mim, quando eu, muitas vezes, não acreditava mais.

Aos professores do curso de Ciências Sociais da PUC-SP: Miguel Chaia, Edson Passeti e Silvana Tótora, pela importante participação em minha formação acadêmica.

À generosidade de meus entrevistados, que me permitiram acesso às suas bibliotecas e compartilharam histórias de vida.

Muito Obrigada

Ana Paula Meyer Velloso

Sumário:

Introdução	1.
-------------------------	----

Capítulo I:

<i>Habitus</i> , estilo de vida, distinção e cultura.....	4.
---	----

1.1 Os caminhos do livro no Brasil.....	24.
---	-----

Capítulo II:

Hábitos de leitura e formação da biblioteca pessoal.....	34.
--	-----

Anexo: “Retrato da leitura no Brasil”, pesquisa da Câmara Brasileira do Livro, 2001/2002.....	141.
--	------

Considerações finais.....	137.
---------------------------	------

Bibliografia	155.
---------------------------	------

Resumo:

Baseado em estudos sobre *habitus* e estilo de vida de Pierre Bourdieu, aplicados para entender a biblioteca pessoal e o hábito de leitura como símbolos de poder e distinção que são conhecidos e expressos no hábito e no estilo de vida de uma cultura dominante e que, portanto, é reconhecida como tal pelos outros estilos de vida.

Hábito que requer um tempo desprovido de urgência retratado em uma atividade sem fins práticos imediatos, exclui as classes populares, desprovidas dos instrumentos de apropriação legítimos, pois a educação familiar ou o sistema escolar não propiciou essa intimidade e, portanto, não conhecem os valores da cultura dominante, mas os reconhecem como importantes e tentam reproduzi-los em suas vidas.

A biblioteca particular é um símbolo de distinção e o hábito de leitura, um hábito primordialmente da cultura dominante e que, portanto, é valorizado e procura ser reproduzido por outras culturas.

Como referencial histórico, sigo com análise de inventários e pesquisas sobre hábitos de leitura, por Roger Chartier, em um estudo sobre leituras e leitores na França do Antigo Regime, fazendo distinções entre classe popular e classe dominante, o campo e cidade, analisando diferentes formas de impresso, passando pelo estudo dos mobiliários da época, voltados ao armazenamento dos livros, diferentes formas de apropriação do texto, até roupas próprias para leitura.

Através de depoimentos, textos auto-biográficos ou memorialistas e trechos de romances em cujo centro estão personagens leitores e bibliotecários, busquei perseguir uma história da maneira de ler identificando as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e os hábitos de leitura. Há muitas semelhanças, e contrastes igualmente, entre as normas e convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação. Semelhanças e contrastes, enfim, encontrados entre os diversos interesses e expectativas com os quais os diferentes grupos de leitores investem na prática da leitura.

Abstract:

Based on studies about Pierre Bourdieu's *habitus* and life style, in order to understand the personal library and reading habits, as power and distinction symbols that are known and expressed in the habit and life style of a dominant culture and therefore recognized as such by other life styles.

Habits that require a time without urgency portrayed in an activity with no immediate practical means, exclude popular classes deprived of appropriate legitimate instruments, as familiar education and school system have not provided this intimacy and, therefore values of a dominant culture are not known, but are recognized as important and thus they attempt to reproduce them in their lives.

A private library is a symbol of distinction and of reading habit, a habit mainly of the dominant culture and as such is valued and attempts to reproduce it is made by other cultures.

As historical reference, I follow the inventories and researches of reading habits by Roger Chartier, in a study about reading and readers of France of the Ancient Regime, making distinctions between popular and dominant classes, field and city, analyzing different printing forms, overviewing studies of books storing furnishings of the time, different forms of text appropriation and even appropriate reading clothing.

Through statements, autobiographical texts or memorialists and parts of romances where center figures are readers and librarians, I tried to search the history of the reading manners, identifying specific dispositions that distinguish the reading communities and their reading habits. There are many resemblances and equally many contrasts among reading rules and conventions, which define for each reader's community, the legitimate uses of the book, such as ways of reading, instruments and interpretation procedures. Resemblances and contrasts therefore are found among several interests and expectations with which the different reading groups invest in their reading practices.

Quero pensar com alma, em paz, espaçosamente, nunca ser interrompida, nunca ter de me levantar da cadeira, deslizar à vontade de uma coisa para outra, sem nenhuma sensação de hostilidade, nem obstáculo. Quero mergulhar cada vez mais fundo, longe da superfície, com seus fatos isolados, indisputáveis.
Virginia Woolf

Introdução:

O tema desta dissertação surgiu de uma longa conversa, como sugestão de meu orientador, que, sensivelmente, percebeu minha afinidade com o assunto, que me encantou desde o início, pois vi a possibilidade de conjugar interesses pessoais e científicos. Nunca pensei que a leitura, um dos meus maiores prazeres, pudesse ser levada a sério em um projeto de pesquisa. Desde cedo gostei muito de ler, acho que descobri através da leitura uma maneira de ter a admiração e respeito da família e amigos. O que começou como forma de obter afeição, virou, contudo, uma enorme paixão, um hábito freqüente. Comecei lendo livros infantis recomendados pela escola e mais tarde passei a ler indicações de meus pais e amigos, até que passei a freqüentar livrarias e feiras de livros, comprando o que me interessava, normalmente romances, contos e um pouco de poesia. Meus livros aumentaram com as indicações para a faculdade e com os volumes que escolhi da biblioteca de meu avô, após a sua morte. Quando ainda estava na casa de meus pais, tinha meus livros no quarto de dormir; na época em que mudei de casa, minha biblioteca já era grande, o que me levou a construir uma estante para ela na nova casa.

Sempre li e comprei muitos livros – quando me encanto com um escritor procuro ler tudo o que ele escreveu e o que escreveram sobre ele. Já tive muitas paixões, Jorge Amado, Gabriel García Márquez, Fernanda Young, Dostoiévski, Katherine Mansfield, Flaubert... A última delas foi pela escritora Virginia Woolf; comecei lendo os contos, depois biografias, até chegar aos romances. Gosto de muitos deles, mas tenho uma afeição especial por *Orlando*, livro que já reli diversas vezes e que me levou a estudar um pouco da história da Inglaterra. Tenho uma irmã que mora na Inglaterra, que me mandou pelo correio todos os livros de cartas e os diários da Virginia Woolf, os quais já li quase todos. Cheguei até a visitar a casa da Virginia Woolf em Lewes, Charleston, que hoje é um museu e também a belíssima fazenda onde moravam e se reuniam o grupo de Bloomsbury. Fiquei tão atordoada por essa paixão que até mesmo cogitei mudar o tema desta dissertação, mas

sabiamente meu orientador me trouxe de volta e hoje vejo que só poderia ter sido assim, pelo menos por ora.

Durante meu processo de pesquisa foram muitos os impactos e mudanças em minha biblioteca pessoal, envolvendo, entre outras coisas, a forma de organização das obras e temas. Minha biblioteca já era uma preciosidade para mim e este sentimento foi fortemente enriquecido, levando-me a rever com profundo cuidado quais obras lá mereciam permanecer. A seletividade foi uma resposta natural à agregação de valor e ao forte sentimento de preservação daquilo que me é precioso.

Mas este olhar sobre mim mesma não seria obviamente suficiente para uma escolha de tal importância. As bibliotecas particulares, com seus hábitos e instrumentos específicos de leitura, me parecem ocupar um espaço importante no desenvolvimento de nossa cultura. A biblioteca funciona como espaço de acumulação de memória e os livros, por sua vez, cumprem o papel de transmissores dessa memória através dos séculos, apesar de sua aparente fragilidade. Acredito ser de extrema importância este estudo sobre bibliotecas pessoais e hábitos de leitura como forma de compreender as formações adquiridas e transmitidas através das gerações e a evolução, ou manutenção, de alguns hábitos ao longo dos tempos. Hoje, terminado o trabalho, não hesito em afirmar que tive a oportunidade, ao visitar as bibliotecas de meus entrevistados, de conhecer verdadeiros oásis culturais e de compartilhar da intimidade de cada um deles, pois ao entrar na biblioteca de uma pessoa, temos acesso à sua intimidade, a parte de sua história de vida.

O tema me obrigou a mobilizar um referencial teórico e histórico, que estão retratados no primeiro capítulo desta dissertação. Quanto aos aspectos históricos, utilizei-me dos estudos de Roger Chartier de uma forma geral, abarcando a história do livro e da leitura, sobretudo através de inventários. Esse estudo chamou minha atenção para a abertura sociológica, onde encontrei respaldo nas teorias de Pierre Bourdieu sobre gosto de classe, estilo de vida e distinção. Porém, tratei desses referenciais com alguma liberdade, sem seguir exatamente o modelo de pesquisa proposto por Bourdieu nem o tipo de pesquisa histórica utilizado por Roger Chartier.

Ainda, tomei como pressuposto a idéia de que os indivíduos e ambientes culturais estudados fazem parte da tradição cultural do Ocidente europeu. Por isso julguei pertinente resenhar a história do livro e da leitura, do Renascimento ao século XIX, buscando traçar

um caminho que começa na Europa, avança pela América Portuguesa e chega ao Brasil, trabalhando com fontes secundárias, com a finalidade de situar o problema.

No segundo capítulo deste trabalho apresento propriamente minha pesquisa, que articulou 22 entrevistas e fontes literárias sobre o tema da biblioteca pessoal. Percebi, nessa articulação, uma grande confluência entre os textos autobiográficos ou memorialistas e trechos de romances, nos quais os personagens centrais são leitores ou bibliotecários e os relatos dos meus entrevistados. O que me faz concluir que todos estão situados em um interior sólido e multifacetado do imaginário ocidental sobre o livro e a leitura.

Busquei, por meio de entrevistas qualitativas, nas quais foram entrevistados homens e mulheres de diferentes perfis, com formações acadêmicas, profissões e idades distintas, entender as diferenças ou semelhanças na formação da biblioteca pessoal e do hábito da leitura. Foram realizadas entrevistas pessoais, incluindo a entrevista com uma restauradora de livros e outra com um marceneiro acostumado a construir bibliotecas. Procurei nessas entrevistas descobrir o lugar do livro na biografia de uma pessoa e, ao mesmo tempo, observar os padrões na relação dos detentores com suas bibliotecas.

Em alguns casos, os relatos são maiores e mais detalhados, em outros, mais curtos e objetivos. Isso se deu de acordo com cada entrevistado, alguns falaram mais do que outros, uns eram mais desinibidos, alguns se preocuparam mais em dar respostas “adequadas” de acordo com cada questão. Porém, no decorrer das entrevistas, e isso poderá ser notado nas transcrições, ao percorrer a biblioteca de meus entrevistados, tive acesso à história de cada um deles e isso resultou em relatos minuciosos e cheios de detalhes. Para melhor divisão dos assuntos abordados, organizei as respostas dentro de nove temas: o mito de origem/cânones, a ordem e a desordem, o zelo e o ciúme, os cuidados, a relação com o objeto, hábitos de leitura, transmissão, aquisição e casos interessantes.

Percebi, por meio dos relatos dos meus entrevistados, que a construção da biblioteca pessoal é de início uma atividade tateante, nem sempre marcada por objetivos explícitos, mas que o progresso nessa direção acaba por introduzir os detentores da biblioteca nesse rico imaginário do livro e da leitura, com suas disposições da alta cultura do continente europeu. Reconheci nos discursos produzidos, códigos e hábitos específicos, elementos de extrema distinção social, que não necessariamente coincidem com estratificações sociais mais óbvias.

“A vida está pulsando ali. O livro faz parte da casa, da comida, da experiência, da maternidade, do cotidiano.”
Adélia Prado

Capítulo I – *Habitus*, estilo de vida, distinção e cultura.

O artigo de Pierre Bourdieu “Gostos de classe e estilos de vida” procura demonstrar através de pesquisas que as classes populares, desprovidas dos instrumentos de apropriação legítimos, pois a educação familiar ou o sistema escolar não propiciou essa intimidade, não conhecem os valores da cultura dominante, mas os reconhecem como importantes e tentam reproduzi-los em suas vidas. Utilizei-me desses estudos, pois entendo a biblioteca particular como um símbolo de distinção e a leitura como um hábito primordialmente das camadas dominantes e que, portanto, é valorizado e procura ser reproduzido pelas outras camadas.

O *habitus* expresso em um estilo de vida é resultado de um capital cultural herdado, incorporado desde a infância e constitui-se em uma dada disposição interiorizada, que se reproduz em condições de existência liberadas de urgência. Não é definido por poder aquisitivo, mas sim por instrumentos de apropriação transmitidos, que resultam em um poder simbólico que é próprio das camadas dominantes e, portanto, reconhecido pelas camadas populares.

“Gerado num tipo determinado de condições materiais de existência, esse sistema de esquemas geradores, inseparavelmente éticos e estéticos, exprime, segundo sua lógica, a necessidade dessas condições em sistemas de preferência, cujas oposições reproduzem, sob forma transfigurada e muitas vezes irreconhecível, as diferenças ligadas à posição na estrutura de distribuição dos instrumentos de apropriação, assim transmutadas em distinções simbólicas”.¹

O estilo de vida está representado no conjunto de propriedades que cercam os indivíduos ou grupos: casa, móveis, quadros, livros, bebidas, perfumes, roupas, entre

¹ Bourdieu, Pierre, “Gostos de classe e estilos de vida”. In. Renato Ortiz (Org.), *A Sociologia de Pierre Bourdieu*, São Paulo, Olho d’Água, 2003, p. 74.

outros, e nas práticas em que se manifestam suas distinções, como por exemplo as distrações culturais, porque estão na unidade originária do *habitus*, princípio unificador e gerador de todas as práticas. “O gosto, propensão e aptidão à propriedade material e/ou simbólica de uma categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida”.²

Os representantes da cultura dominante, detentores do monopólio do desembaraço e segurança dados pela familiaridade, que os aprendizados mais precoces e prolongados asseguram, são os possuidores da verdadeira distinção, reconhecida pelas demais classes sociais como cultura legítima e dominante. A disposição estética está explícita em um estilo de vida e exprime as características específicas de uma condição.

A cultura dominada está marcada pela cultura dominante, porém a cultura dominante deve também suas propriedades mais fundamentais ao fato de que ela sempre se define negativamente em relação às culturas dominadas.

“Em cada nível de distribuição, aquilo que é raro, luxo, inacessível ou fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum e relegado à ordem do necessário e do evidente mediante o aparecimento de novos consumos, mais raros e portanto, distintivos”.³

O valor simbólico de um bem não é calculado por seu valor econômico. Por exemplo, o preço de uma obra de arte é determinado por poucos, aqueles que têm maior intimidade com a cultura dominante, os detentores do monopólio do desembaraço.

“A afirmação de Flaubert, que acompanha o reconhecimento da independência estética e o surgimento do campo literário, segundo a qual, ‘uma obra de arte é inapreciável, não tem valor comercial, não se pode pagar’, não se dá sem contradizer a aspiração à profissionalização da atividade literária, que se torna possível somente pela comparação das obras com bens negociáveis, cujo valor estético pode ser convertido em valor econômico”.⁴

² Idem, p.74.

³ Idem, p.76.

⁴ Chartier, Roger, “O mundo econômico ao contrário”. In. Encrevé, Pierre e Lagrave, Rose-Marie (Orgs.), *Trabalhar com Bourdieu*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006, p.259.

Nas pesquisas realizadas por Pierre Bourdieu, enquanto nenhum dos trabalhadores ou empregados (comerciantes, artesãos, ou pequenos comerciantes) interrogados é capaz de identificar pelo menos 12 compositores de 16 obras apresentadas, 52% dos produtores artísticos e dos professores (78% entre os professores de ensino superior) reconhecem pelo menos 12 dos 16 compositores das obras apresentadas na pesquisa. O mesmo aconteceu quando questionados sobre pintores. O número de respostas em branco opõe fortemente as classes populares, os artesãos e pequenos comerciantes às camadas superiores. E ainda o mesmo acontece com as preferências à audição de estações de rádio e frequência a museus. As classes sociais se diferenciam pelo grau em que reconhecem a cultura legítima e não pelo grau em que a conhecem, as respostas de indiferença são raras. Fica claro o reconhecimento da cultura legítima quando os entrevistados tentam em suas respostas dissimular sua ignorância ou indiferença se esforçando em expor opiniões.⁵

O “aprendizado natural” se distingue do “aprendizado tardio” e apressado, principalmente pela relação com a cultura dominante, esse aprendizado espontâneo confere a certeza da legitimidade cultural, possibilitando o desembaraço, produzindo uma relação mais próxima e desenvolta com a cultura.

“A música não são os discos e a eletrola, graças aos quais descobrimos Bach e Vivaldi, mas o piano da família, ouvido desde a infância e vagamente praticado até a adolescência; a pintura não são os museus, de repente descobertos no prolongamento de um aprendizado escolar, mas o cenário do universo familiar”.⁶

De acordo com Pierre Bourdieu, o poder simbólico é invisível e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que a ele estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados, os símbolos são instrumentos de integração social, tornam possível o consenso a respeito do sentido do mundo social, contribuindo para a reprodução da ordem social.

⁵ Bourdieu, Pierre, “Gostos de classe e estilos de vida”. In. Renato Ortiz (Org.), *A Sociologia de Pierre Bourdieu*, São Paulo, Olho d'água, 2003, p. 83.

⁶ Idem, p. 88.

“Poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário[...] Se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença.”⁷

Assim, a luta de classes simbólica, que opõe os detentores do conhecimento legítimo da cultura dominante aos que reconhecem essa cultura e tentam copiá-la está no fato de que esses últimos têm todas as chances de ver desvalorizados seus saberes e as técnicas, como interessados e destinados a fins práticos, marcados pela pressa na aquisição. Sua cultura repousa sobre a posse de um pequeno capital cultural acumulado mediante a um esforço tardio. Essa forma ansiosa de apropriação cultural leva à escolha de produtos seguros e certificados, como os clássicos e os prêmios literários e a tendência ao rigor lingüístico; fazem mais com medo de fazer menos, e provavelmente irão escorregar.

O gosto pela leitura e a formação da biblioteca pessoal são representações de um estilo de vida da classe dominante e posteriormente aceito pela burguesia que almejou maior proximidade com a cultura reconhecidamente dominante; esse hábito se reflete em um estilo de vida como conjunto de preferências distintivas, expressas de acordo com a lógica de cada subespaço simbólico.

Para compreender o hábito da leitura como símbolo de distinção, é importante ter em mente o conceito de civilidade e seu surgimento. O lema “civilização” remete à cristandade latina. O conceito de *civilité* adquiriu significado para o mundo ocidental em uma época de forte unidade da Igreja católica, constitui expressão e símbolo de uma formação social, traduz a unidade da Europa e simultaneamente a formação social que lhe fornece a espinha dorsal, a sociedade de corte.

O seu ponto de partida foi o tratado escrito por Erasmo de Rotterdam, *De civillitae morum puerilium* (*Da civilidade em crianças*), lançado em 1530, com 130 edições, e que trata do comportamento de pessoas em sociedade e do decoro corporal externo, da maneira como as pessoas se olham, da postura, dos gestos, do vestuário, de expressões faciais, dos modos à mesa, de hábitos de conversa, etc. Erasmo delimita em seu tratado toda a faixa de

⁷ Idem, p. 14.

conduta humana, as principais situações da vida social e de convívio. Esses costumes são referências para os hábitos da corte ainda no século XVIII.

No século XVIII, na Alemanha, a nobreza dá importância à boa forma, ao controle dos sentimentos individuais pela razão, ao comportamento reservado e à eliminação de todas as expressões plebéias e de todos os sentimentos e atitudes vulgares. Imitam a nobreza francesa, falam francês entre eles e relegam a língua alemã às camadas inferiores. Já os ideais e gostos da burguesia alemã e seus modelos de conduta são distintos dos da corte, porém existe uma camada de intelectuais de classe média, denominada *intelligentsia*, composta por administradores, professores, clero, artistas e servidores civis, que não pertencem à “boa sociedade”, mas que muitas vezes obtêm sua renda da corte, que é bastante diferente da classe média formada pela burguesia comum.

Essa parcela da burguesia alemã, que tinha como seus representantes mais importantes o clero e os professores, formava uma elite em relação ao povo, mas ainda assim eram vistos como pessoas de segunda classe pela nobreza. Consideravam-se os exclusivos detentores da *Kultur*, deixavam claro em sua produção literária a falta de *Kultur* da corte, do resto da burguesia e do povo, distinguindo *Kultur* de civilização. Porém, apesar de criticarem os nobres e o povo por sua falta de *Kultur*, queriam se aproximar da nobreza e se distanciar das camadas mais populares, inclusive de grande parcela da burguesia de classe média, que era vista como subdesenvolvida.

“No *Werther*, Goethe mostra também com particular clareza as duas frentes entre as quais vive a burguesia, ‘O que mais me irrita’, lemos na anotação de 24 de dezembro de 1771, ‘é nossa odiosa situação burguesa. Para ser franco, sei tão bem como qualquer outra pessoa, como são necessárias as diferenças de classe, quantas vantagens eu mesmo lhes devo. Apenas não deviam se levantar diretamente como obstáculos no meu caminho’. Coisa alguma caracteriza melhor a consciência de classe média do que essa declaração. As portas de baixo devem permanecer fechadas. As que ficam acima têm que estar abertas. E como todas as classes médias, esta estava aprisionada de uma maneira que lhe era peculiar: não podia pensar em derrubar as paredes que bloqueavam a ascensão, por medo de que as que a separavam dos estratos mais baixos pudessem ceder ao ataque”.⁸

⁸ Idem, p.37.

Portanto, de acordo com Norbert Elias, na Alemanha houve um isolamento extremo da nobreza, que, junto com a fragmentação do território em um grande número de Estados soberanos, foi o que dificultou a formação de uma sociedade unificada, que estabelecesse um modelo que nos outros países adquiriu importância decisiva, pondo sua marca na língua, nas artes, nas maneiras e na estrutura das emoções. Esse distanciamento das classes sociais alemãs é retratado com clareza na literatura da época, que critica a nobreza e mostra ao mesmo tempo o desejo de receber sua atenção, o fascínio da idéia de penetrar nesse círculo fechado.

A situação na França foi diferente, a *intelligentsia* burguesa e grupos importantes da classe média foram atraídos relativamente cedo para a sociedade cortesã. No século XVIII, já não havia mais qualquer grande diferença de costumes entre os principais grupos burgueses e a aristocracia de corte. Tanto a burguesia de corte quanto a aristocracia falavam a mesma língua. As convenções de estilo, as formas de intercâmbio social, o controle das emoções, a estima pela cortesia, a importância da boa fala e da conversa, tudo isso, inicialmente formado no meio da sociedade de corte, passou gradualmente de caráter social para nacional. A *intelligentsia* francesa era formada por um numeroso público burguês e pela aristocracia.

Na França, o homem civilizado representava o ideal do homem de corte, com sua polidez e suavização de maneiras. Um símbolo da posição do debate interno e social é a atitude cortês em relação à atitude do “homem simples”. Os burgueses assumiam cargos políticos, diferentemente da Alemanha, onde a administração do Estado estava restrita apenas à nobreza. A *intelligentsia* francesa deseja melhorar, modificar, adaptar e escolher modelos da corte para transformá-los e desenvolvê-los.

Portanto, essa parcela da burguesia francesa politicamente ativa, parcialmente desejosa de reformas, permaneceu estreitamente ligada à tradição de corte, em seu comportamento e no controle das emoções, mesmo depois de demolido o velho regime. A revolução burguesa, embora tenha destruído a velha estrutura política, não subverteu a unidade dos costumes tradicionais. Já a *intelligentsia* alemã de camada média, impotente na esfera política, embora intelectualmente radical, formou uma tradição própria, puramente burguesa, divergindo totalmente da tradição da aristocracia de corte e de seus modelos.

Achei importante mencionar esse estudo de Norbert Elias para entender como se comportava a burguesia em relação à corte e compreender o conceito de civilização e *Kultur* em relação aos hábitos da corte do século XVIII, para dar continuidade com os estudos de Roger Chartier sobre leitura e leitores no Antigo Regime francês, que distingue claramente hábitos e costumes, em relação à leitura, das classes populares e das classes dominantes. Mas antes de entrar nesse tema, irei explicitar, rapidamente, também de acordo com Roger Chartier, alguns conceitos e suas evoluções na definição de biblioteca ao longo dos anos, primeiro tratada como uma coleção de volumes de uma só obra; depois, como uma biblioteca de resumos, com a idéia de escolher para reduzir e, posteriormente, a noção de biblioteca como catálogo de livros selecionados.

Roger Chartier menciona Gabriel Naudé no seu *Advis pour dresser une bibliothèque*, destinado, em 1627, a Henri de Mesme, magistrado no Parlamento de Paris e grande colecionador de livros, pregando a favor de uma biblioteca numerosa, no lugar de um gabinete pequeno apenas reservado ao gozo de seu proprietário. Gabriel Naudé defende a idéia de que é mais importante ter diversos livros ligados a assuntos comuns e de grande variedade do que ter poucos livros referentes a apenas alguns poucos assuntos, somente os de interesse do detentor da biblioteca. Acreditava que o objetivo de uma biblioteca não é satisfazer saberes egoístas, porque, segundo ele, não há meio mais honesto de adquirir grande renome do que montar uma biblioteca e depois doá-la para a posteridade.

“É porque estimarei sempre que é muito a propósito recolher para tal efeito toda a sorte de livros, pois que uma biblioteca erguida para o uso público deve ser universal e não pode se constituir como tal se não contiver todos os principais autores que escreveram sobre grande diversidade de temas específicos, mas para não deixar essa quantidade infinita sem nenhuma definição, e também para não deixar os curiosos sem esperança de poder realizar e alcançar essa bela iniciativa, parece-me que se devem fazer como os médicos que ordenam a quantidade de drogas segundo a qualidade destas, e dizer que não se deve deixar de recolher tudo que tiver qualidade e condições necessárias para ser colocado em uma biblioteca”.⁹

⁹ Chartier, Roger, “Bibliotecas sem muros”, *A Ordem dos Livros*, Brasília, UNB, 1999. Idem, p. 69.

De acordo com o *Dictionnaire de Furetière*, o termo biblioteca era definido da seguinte forma: “Aposento ou lugar onde se colocam os livros, galeria, construção cheia de livros. Diz-se também de livros que são geralmente arrumados sob construções compridas e em arcos, ou ainda: biblioteca é também uma coleção, uma compilação de várias obras da mesma natureza, ou de autores que compilaram tudo que se pode dizer sobre um mesmo tema”.¹⁰

Quatro anos depois, o *Dictionnaire da Academia Francesa* definia o termo biblioteca da seguinte maneira: “Chamamos também de bibliotecas as coleções e compilações de obras da mesma natureza”.¹¹ Referindo-se à biblioteca como coleção de volumes de uma só obra, aquela que reúne em um só volume o que está em vários lugares, facilitando a pesquisa de temas.

No século XVIII, as bibliotecas passam a ser formadas por pequenos volumes, concisos e manuseáveis, chamados “extratos”, “resumos”, “compêndios”, etc... Não se trata mais de acumular em uma única coleção (periódica ou não) uma quantidade de obras separadas sobre determinado assunto, mas sim de reduzir e eliminar. Se anteriormente o objetivo de formação de uma biblioteca era reunir todos os livros de determinado assunto particular em apenas um lugar, tarefa difícil, agora, acredita-se que o saber necessário esteja presente em algumas poucas obras e deva ser analisado e concentrado, admitindo apenas poucos livros que resumam o que é necessário.

Roger Chartier compara o trabalho dos compiladores ao de um alquimista que extrai as virtudes das plantas, concentra num frasco e joga fora o resíduo grosseiro. São pessoas criativas e caras, estimadas pela nação, que souberam escolher o excelente e rejeitar o que não era bom.

O *Dictionnaire Furetière* propõe uma terceira definição para o termo biblioteca, “chamamos também biblioteca os livros que contêm os catálogos dos livros das bibliotecas... O padre Labbé, jesuíta, fez a biblioteca das bibliotecas em um livro *in-octavo* cujo único conteúdo é o catálogo de nomes daqueles que escreveram bibliotecas”.¹²

Esse tipo, que seria uma biblioteca das bibliotecas, segundo Naudé, tem o objetivo de dar prazer, prestar serviço a um amigo, quando não podemos oferecer-lhe o livro do qual

¹⁰ Idem, p. 70.

¹¹ Idem, p. 70/71.

¹² Idem, p. 73.

necessita, mostrar-lhe e designar o verdadeiro lugar onde ele pode encontrar qualquer cópia, como pode ser feito facilmente, através desses catálogos. Graças à difusão dos catálogos, o mundo fechado das bibliotecas se transforma em um mundo infinito de livros assinalados, recenseados, consultados e eventualmente emprestados. “Uma biblioteca não é apenas o inventário de livros reunidos em um lugar específico, ela pode ser o inventário de todos os livros já escritos sobre qualquer tema, ou mesmo pelos autores de uma dada nação.”¹³

Roger Chartier, em estudo de inventários após falecimento, realizado sobre leitores dos séculos XVI, XVII, e XVIII na França do Antigo Regime, trata do papel da posse dos livros naquela sociedade. Seu trabalho vai além de uma investigação de espólios, ele faz referências às diferentes formas de leitura, apropriação do impresso, fazendo principalmente a distinção entre o campo e a cidade, classe popular e dominante. Classificou classe popular por exclusão, como sendo todos aqueles que não pertencem às outras classes, que não pertencem a nenhuma das três casacas: a casaca negra, isto é, os clérigos, a casaca curta, os nobres, e a casaca longa, os oficiais, advogados e procuradores, homens de letras e homens da medicina. Populares seriam então: os camponeses, operários, mestres de ofício, mercadores e burgueses.

Para realizar sua pesquisa, Roger Chartier analisou os estudos de Albert Labarre sobre inventários após falecimento em Amiens, cidade com 20 mil habitantes. Entre 4.442 inventários após falecimento encontrados para os anos 1503-1576, apenas 887 mencionam a posse do livro, ou seja, 20%, um inventário entre cinco. A porcentagem dos inventários com livros atinge o ponto mais alto nas profissões de medicina, com 94%, e permanece elevada entre os togados, com 73% dos inventários com livros, os nobres, 72% e os clérigos também com 72%, e apenas 11,6% dos inventários constando livros eram dos mercadores e artesãos. Portanto, dentro da população mercantil e artesanal, só uma pequena minoria tinha acesso à posse do livro. E de maneira desigual: os mercadores detêm 13% dos livros possuídos, e os artesãos, 3%.¹⁴

Enquanto a média de livros possuídos é de 37 para os togados, 33 para os médicos, 23 para os clérigos e 20 para os nobres, é de apenas seis para os mercadores e de apenas

¹³ Idem, p. 74.

¹⁴ Chartier, Roger, *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*, São Paulo, UNESP, 2004, p. 93.

quatro para as pessoas de ofício. Entre esses últimos a regra é de apenas a posse de um único livro. Portanto, conclui-se da pesquisa feita em Amiens no século XVI que, embora o povo possua algum livro em casa, só uma fração restrita de seus membros se inscreve entre eles, e que, para essa minoria, o livro permanece raro, possuído em número muito pequeno, quando não é único. E mesmo na camada popular, há uma desigual distribuição; entre os 98 que possuem livros, três grupos parecem particularmente desfavorecidos: os trabalhadores da terra, os profissionais da alimentação e os pedreiros. Mais familiarizados com o impresso aparecem aqueles que trabalham com madeira.¹⁵

Em Paris, entre 1601 e 1670, a parcela de mercadores e artesãos no seio da população é menor que em Amiens um século antes. Os inventários após falecimento, estudados por Henri-Jean Martins, manifestam isso: artesãos e mercadores fornecem 16 dos 187 inventários após falecimento com livro, no período de 1601-1641, ou seja, 8,5%, e no período de 1642-1670, 13 dos 175 inventários após falecimento, ou seja, 7,4%. Se acrescentarmos os burgueses de Paris, que são muitas vezes antigos mercadores aposentados, a parcela aumenta, com 15,5% até 1641 e 13,7% em seguida. Sete bibliotecas de mercadores e artesãos, entre treze, têm menos de 26 livros.¹⁶

Nesse contexto, podemos compreender uma biblioteca particular e o hábito de leitura como símbolos de poder e distinção, reflexos do hábito e do estilo de vida de uma cultura dominante, reconhecida como tal pelas outras culturas.

Entre os livros possuídos pelos mercadores em Amiens, a maioria é de livros religiosos, antes de tudo, livros de horas. O livro religioso é amplamente dominante e deixa pouco lugar aos outros. Em segundo lugar vêm os livros ligados à profissão. De acordo com os inventários estudados, as leituras de mercadores e artesãos se encontram limitadas a dois horizontes, o da profissão e o da religião, e essa última é que exige maior demanda, em particular os livros de liturgia. Também em Paris percebe-se essa divisão. “Reunindo os textos de ofício e fragmentos da Escritura, os livros de horas são o gênero maior dessa literatura devota, impressa em quantidades enormes, como atestam os fundos dos livreiros parisienses”.¹⁷

¹⁵ Idem, p.94.

¹⁶ Idem, p.95.

¹⁷ Idem, p.97.

Os livros de liturgia (horas, breviários, ofícios), os livros de devoção e a literatura apologética são as aquisições mais freqüentes desses leitores de camada modesta, sejam eles católicos ou reformados, porque eram os mais baratos, facilitando seu acesso. Em seguida, com 25 títulos, aparecem os livros de aula, comprados para as crianças de colégio, os livros de gramática.

Portanto, os inventários após falecimento de Amiens mostram que os leitores das camadas populares constituem a minoria do público e mais da metade dos livros comprados por eles são destinados ou a orientar a vida religiosa ou à educação dos filhos.

Esse hábito ainda se reflete atualmente no Brasil, de acordo com pesquisa realizada pela CBL – Câmara Brasileira do Livro em 2002, na qual as principais conclusões estão no anexo ao segundo capítulo. Os livros religiosos, como a Bíblia e livros espíritas, estão em segundo lugar na lista dos mais procurados, só perdendo para os livros didáticos. Ainda hoje, quando pesquisados sobre gêneros de leitura, o leitor do gênero religioso é basicamente a mulher, com mais de 40 anos, pertencente às camadas mais simples da sociedade, que cursou o ensino fundamental ou médio. Não foi esse, porém, o cenário que encontrei nas minhas entrevistas.

Mas, de acordo com Roger Chartier, a relação com o escrito não implica necessariamente uma leitura individual, a leitura não implica necessariamente a posse do livro e a convivência com o impresso não implica necessariamente o livro. Entre a população urbana, o uso do escrito pode às vezes ser coletivo, ou mediado por uma leitura em voz alta. Existem as oficinas ou as lojas, onde os livros das técnicas familiares e de instrução profissional podem ser consultados. As assembléias religiosas da cidade, e às vezes até no campo, também são locais do uso coletivo do impresso. Ali, mesmo os mais humildes e analfabetos, que só podem receber o escrito através de uma fala, têm acesso ao impresso, são livros de canto dos salmos e o evangelho, que misturam na fé aqueles que lêem e os que ouvem, os que ensinam e os que aprendem. Essas assembléias podem ocorrer em casas particulares, alojamentos vazios ou celeiros situados à porta das cidades e os livros vêm dos vendedores circulantes.

Também nas confrarias jocosas, de profissões ou de bairros, são elaboradas, postas em circulação e lidas peças impressas, que acompanham gestos festivos. “Durante a época de carnaval, a confraria jocosa dos operários impressores edita pequenos livretos, *Os*

*divertidos orçamentos dos cúmplices do senhor da Coquille, que fixam o texto dos diálogos paródicos supostamente trocados pelos três cúmplices do dignitário festeiro na frente do cortejo do Domingo Gordo.*¹⁸

No campo, as vigílias estavam mais voltadas a jogos, danças ou trabalhos feitos em comum do que ao livro e à leitura. Menções de leitura são bastante raras, se não inexistentes, a audição do livro durante a vigília é um momento excepcional.

Na cidade o escrito tipográfico está mais próximo até daqueles que não podem ler, principalmente, através de leituras em grupo. O impresso marca a cultura citadina da maioria, cria um mercado mais amplo do que o dos alfabetizados, que normalmente lêem em um ato íntimo do foro privado, apesar de mesmo entre os alfabetizados haver leitura em grupo.

“Com efeito, entre 1530 e 1660, para a maioria das populações urbanas, a relação com o escrito não é uma relação com os livros, ou pelo menos com aqueles livros bastante nobres para serem conservados uma vida inteira e estimados como um patrimônio. A aculturação tipográfica do povo urbano conhece outros suportes, mais modestos e mais efêmeros. Em todas as formas desse material, que constitui uma parte importante da atividade de imprimir, texto e imagem estão associados, mas em arranjos e proporções diversas. Da imagem solta em cartaz, do cartaz ao pasquim, do pasquim ao livro azul. As diferenças não são nitidamente distintas, mas ao contrário, multiplicam-se as formas de transição de uma produção para a outra. Seja para começar, o gênero tipográfico aparentemente mais distante da cultura escrita: a imagem solta. Há aqui, com efeito, um material onde o escrito impresso está sempre presente, dando títulos, legendas e comentários. Os exemplos das imagens de confraria sejam elas de profissão ou de devoção mostram isso claramente”.¹⁹

Ao editar esses livros, que custam pouco e com numerosos compradores, criam-se ou reforçam-se as diferenças culturais, até então pouco ou menos sensíveis. A primeira distingue as cidades do campo: enquanto no campo o impresso foi pouco disseminado, nas

¹⁸ Idem, p.102.

¹⁹ Idem, p.107/108.

idades existiram diversas formas de acesso ao escrito, os muros exibem imagens de cartazes, o livro em diversas formas está presente e as rodas de leitura também.

“De um lado e de outro das muralhas citadinas, os universos culturais tornam-se mais contrastados, o que gera o desprezo de uns e a hostilidade de outros. Num mundo do oral e do gesto, as cidades tornam-se as ilhas de uma cultura diferente, escritural e tipográfica, da qual participa, pouco ou muito, direta ou indiretamente, todo o povo urbano”.²⁰

Os cartazes são pouco diferentes das grandes imagens gravadas, a não ser pelos assuntos, são pasquins avulsos, impressos apenas de um lado, em uma folha de tamanho grande. Já os pasquins são impressos num formato *in-fólio*, com aspectos de cartazes que poderiam ser afixados, mas na grande maioria são livretos *in-quarto* ou *in-octavo*, que contêm pequeno número de páginas.

Nicolas Oudot edita, a partir de 1602, livretos de baixo custo, logo designados “livretos azuis”, em alusão à cor do papel e da capa. Os romances de cavalaria, com 21 edições, constituem metade de sua produção e são, basicamente, junto com vidas de santos, as primeiras edições dos livros azuis. Essa nova forma de edição e impressão permitiu uma ampla circulação de textos da literatura erudita, como algumas tragédias francesas, cujo assunto se aproxima dos romances de cavalaria. Após sua morte, seu filho dá continuidade à impressão desses livros, com temas religiosos, romances de cavalaria e textos literários.

A *bibliothèque bleue* e almanaques atingem principalmente o público urbano, disseminado por vendedores ambulantes, que são figuras da cidade. Somente no século XVIII é que a figura do vendedor de livros ambulante vai para fora das cidades.

Essas novas formas editoriais que produzem livretos baratos não se apoderam igualmente de todos os textos. Contribuem para distribuir textos que não pertencem ou já pertenceram mais à cultura impressa das elites. Cria-se uma oposição entre os textos que alimentam os pensamentos dos mais ricos ou dos mais instruídos e os textos destinados a alimentar a curiosidade do povo.

A *bibliothèque bleue* é uma fórmula editorial que vai beber no repertório de textos já publicados, aqueles que venham a interessar o grande público. Guardadas as devidas precauções como a de não tomar os livros de capa azul como “populares”, pois pertencem a

²⁰ Idem, p.128.

todos os gêneros da literatura erudita, e considerar que já possuíam uma primeira existência editorial antes de ingressar no repertório de livros para um grande número de leitores.

É importante entender esse exemplo da *bibliothèque bleu*, compreendendo que a indicação das diferenças sócio-culturais e o estudo dos dispositivos formais e materiais, longe de excluírem-se reciprocamente, estão necessariamente ligados. E que a cultura popular reconhece os hábitos da cultura dominante como legítimos.

“É no aspecto material do livro que se inscrevem essas intenções contrastadas: objeto nobre, cuidado, encadernado, preservado de um lado e objeto efêmero e grosseiro, de outro. Pela forma e pelo texto, o livro torna-se signo de distinção e portador de uma identidade cultural [...] O impresso “popular” tem, portanto, uma significação complexa: por um lado ele é recuperação para o uso de um novo público e por uma nova forma de textos que pertenciam diretamente à cultura das elites antes de cair em desgraça, mas por outro, ele contribui para ‘desclassificar’ os livros que propõe, que se tornam assim, aos olhos dos letrados, leitura digna deles, já que são próprias do vulgo”.²¹

Portanto, ao estudarmos a história da edição e da leitura na França do Antigo Regime, percebemos que nesse período, onde o analfabetismo permanece grande, maior nos campos do que nas cidades, a propriedade individual do livro é um privilégio apenas das elites. A leitura popular foi basicamente constituída por livretos xilográficos, que reúnem imagem e texto, tornando assim familiar o escrito, mesmo para aqueles que não sabem ler.

Guardadas as devidas diferenças, tento traçar um paralelo entre esse exemplo francês da *bibliothèque bleu* com os livros vendidos atualmente em bancas de jornal e edições de bolso ou coleções completas de clássicos vendidas por jornais e revistas, que algumas vezes encontrei nas bibliotecas de meus entrevistados.

Voltando à pesquisa de Roger Chartier sobre leitores na França, em meados do século XVIII a porcentagem de inventários que mencionam livros varia de acordo com categorias sociais: “No ponto mais alto, seis grupos em que mais de um inventário entre dois descreve livros: os escritores e bibliotecários 100%, os professores 75%, os advogados 62%, o clero 62%, os oficiais do parlamento 58% e os nobres da corte 53%. Na outra ponta da escala, os grupos em que o livro se encontra em menos de 15% dos inventários: os

²¹ Idem, p.129.

negociantes 15%, os operários e empregados 14%, os mestres artesãos 12%, os homens de pequenos ofícios 10%, os criados 19% e os burgueses de Paris 23%, que fazem uma figura um pouco melhor”.²²

Percebemos, então, que quanto mais a fortuna média de uma categoria social é elevada, maior é a porcentagem de seus membros possuidores de livros; dentro de uma mesma categoria, a proporção cresce com a elevação dos níveis de fortuna. Nas camadas populares o livro permanece raro, enquanto a própria alfabetização progride.

Ainda no século XVIII, podemos ver um aumento da quantidade de livros nos inventários das cidades. A penetração do livro nos meios do artesanato e da mercadoria aumenta, principalmente, o tamanho das coleções dos dignatários, concluindo que as coleções se ampliam e que o número de textos oferecidos à leitura particular dos possuidores de bibliotecas cresce ao longo do século.

No que se refere às bibliotecas eclesiásticas, registra-se o progresso da Reforma Católica, que faz com que elas se homogeneizem em torno de alguns conjuntos principais. Desde meados do século XVII, a biblioteca do bom vigário aumenta por causa do esforço das autoridades eclesiásticas, que exigem a leitura dos regulamentos dos seminários. Portanto, as recomendações insistentes e os preços mais acessíveis contribuem para o crescimento das bibliotecas clericais.

Porém, existem diferenças nas bibliotecas do clero parisiense, principalmente no que diz respeito aos livros que não são de religião. Nas coleções da capital, a história ocupa lugar igual ao da teologia. E como sinal da modernidade, a parte do latim recua ao longo do século. Portanto, nas suas categorias superiores, o clero não constitui um isolado cultural fechado a toda inovação, mas participa de uma cultura que é também a das outras elites urbanas.

A ausência de livros no inventário dos nobres não quer dizer necessariamente ausência de livros na casa. O legado da biblioteca por testamento, o baixo valor dos livros em relação a outros bens culturais muitas vezes influenciaram a divisão entre residência rural e cidade. É necessário cuidado na avaliação dos dados.

Dentro da nobreza é forte o contraste entre as famílias de togados, proprietários de cartório de justiça ou de finanças, e as famílias de espada, investidas de cargos militares ou

²² Idem, p.177.

simplesmente credenciadas. Nas cidades do oeste a diferença é grande no fim do século XVII, 45% dos inventários de escudeiros e cavaleiros não trazem nenhuma menção de livros, contra 5% dos inventários dos grandes oficiais. A distância se reduz ao longo do século XVIII, mas não se anula, deixando sempre um avanço de 5% a 10% para os togados. O tamanho das coleções é outro sinal dessa vantagem dos oficiais. Para os nobres titulados, o número de livros por casa é de um a vinte títulos, já para os oficiais, em 1758, esse número cresce de 100 a 300 livros. E às vésperas da Revolução, se a metade das bibliotecas dos togados tem mais de 300 livros, esse é apenas um quarto das bibliotecas de nobres titulados. Há em suas bibliotecas uma preponderância de livros de religião até metade do século XVIII, seguida de um forte recuo nos trinta anos que precedem a Revolução. Em segundo lugar vêm os livros de antiguidade, que também sofrem um recuo no final do século XVIII. Em terceiro, nos anos de 1696-1697, estão os livros de história, que por sua vez também recuam em quantidade no final do século XVIII. E por último, nos anos de 1696-1697, estão os livros de literatura, que aumentam muito no final do século XVIII, chegando a 44% das bibliotecas da nobreza. Portanto, a leitura predominante não é sobre ciências e artes, mas sobre belas-letas. Na sondagem geral da biblioteca dos nobres, no final do século XVIII, 10% são de livros de religião, 4% de direito, 10% de livros de história, 49% de belas-letas e 12% de ciências e arte.²³

Entre os burgueses de saber (advogados, médicos, cirurgiões, notários procuradores, meirinhos e escrivães) e os comerciantes o contraste é grande. De acordo com as pesquisas de Roger Chartier, nas cidades do Oeste, cerca de dois terços dos primeiros possuem livros, o que é o caso de apenas um quarto dos segundos. Em Paris essa diferença permanece: 58% dos advogados, 44% dos médicos, 34% dos pequenos oficiais de justiça têm livros, contra apenas 16% dos principais comerciantes. Em Lyon, na segunda metade do século, 74% dos inventários após falecimento dos membros das profissões liberais e dos titulares de cartório mencionam uma biblioteca, que tem em média 160 títulos, contra 24% dos inventários dos comerciantes e negociantes, com uma biblioteca de aproximadamente 40 títulos. No final do século XVIII, os números aumentam, são maiores os proprietários de livros com coleções maiores. Há também uma evolução temática bem nítida: permanecem predominantes os livros profissionais de direito ou medicina, úteis ao ofício, mas seu

²³ Idem, p.185/186.

achatamento de 65% para 50%, acrescentado à queda do repertório da erudição antiga, que passa de 30% para menos de 5% das bibliotecas, dá lugar a novas curiosidades: História e literatura, teatro e romance. Há também livros de narrativas de viagens, História estrangeira e novidades literárias francesas ou inglesas.²⁴

De acordo com Marisa Lajolo e Regina Zilberman, no livro *A formação da leitura no Brasil*, quando Gutenberg, por volta de 1450, apresentou na Alemanha o primeiro exemplar impresso da Bíblia, resultado de uma tecnologia que com o tempo se mostrou eficiente e econômica, deu-se o passo inicial no processo de “popularização” do livro. O texto escrito deixou de ser matéria artesanal e passou, sobretudo depois do século XVIII, a ser fabricado em maiores quantidades. O livro, não só como suporte físico de um saber, mas também como objeto industrializado, submetido à compra e venda, parte integrante dos mecanismos do capitalismo, assume marcas da sociedade burguesa ao se transformar em propriedade privada. Nesse caso, contratos de edição e impressão, meios de distribuição e venda, regras de tradução e condensação constituem operações que viabilizam a dimensão econômica do processo inteiro, que termina no livro. Inúmeros profissionais envolvem-se no processo de produção do livro, ainda na França do século XVII. Impressores, ilustradores e livreiros reuniam-se numa corporação para defender os interesses de todos.

O processo de difusão do livro faz com que ele não seja mais um bem escasso e, portanto, perde parte de seu valor simbólico, então, por meio de representações práticas surgem novas formas de distinções. Algumas visam a diferenciar os leitores no ato da leitura, por exemplo, a leitura solitária das cidades em comparação à leitura em grupo das vigílias camponesas. Leitores de gabinete e leitores de rua, leitura intensiva e extensiva e as diferentes formas de guardar o livro.

Uma vez possuído, o livro deve ser guardado. Ainda de acordo com os inventários após falecimento estudados por Roger Chartier, as formas de guardar os livros são múltiplas, das mais humildes às mais ostentatórias. Entre os mais modestos, o livro não tem lugar determinado, pode ser encontrado em qualquer parte da casa: no cômodo único – que é regra comum, na cozinha, quando ela existe, ou nas diversas dependências menores (sótãos, antecâmaras, guarda-roupas). Colocado em qualquer lugar, ele é freqüentemente carregado com a pessoa.

²⁴ Idem, p.189.

Quando o número de livros possuídos aumenta um pouco, torna-se necessário um móvel para colocá-lo. O mais humilde é a estante de livros, muitas vezes um pequeno armário que pode ser fechado à chave e que freqüentemente acolhe outros objetos. Essa estante pode encontrar-se em qualquer cômodo da casa: no quarto, mas também no banheiro, numa antecâmara, na cozinha ou na escada.

“No degrau mais baixo, o armário de roupas, o cofre, o cesto (por exemplo, na casa de Jean Mignard, professor de Teologia da Universidade, onde o notário encontra em 1730 ‘um cesto todo cheio de velhos livros antigos e declarados de pouca importância’). Depois vem a estante de livros, assim descrita num inventário de 1747, ‘uma pequena estante de duas portas que fecha à chave’. Mas o móvel mais freqüente é a pequena biblioteca, nomeada diversamente pelos notários como bufê ‘gradeado’, ‘biblioteca de duas portas gradeadas’, ‘bufê em forma de biblioteca’, ‘armário de duas portas’, etc. Trata-se em geral de um pequeno móvel em nogueira ou em faia, dotado de duas portas gradeadas ou envidraçadas, dividido por prateleiras colocadas em diferentes alturas, permitindo a colocação dos livros por tamanho – os *in-fólio* embaixo, os pequenos no alto. Raros são os móveis de maior importância como aquela ‘biblioteca de oito portas gradeadas em latão’, possuída em 1776 por Charles Vacher, cirurgião do hospital militar”.²⁵

A primeira preocupação na arrumação dos livros é a conservação. Normalmente o livro é visto como objeto precioso que precisa ser preservado, então surge o recurso bastante comum da encadernação. Uma segunda função da biblioteca é decorativa e distintiva, entre os mais abastados o móvel de arrumação deve provar o bom gosto, exibir as obras e respeitar o estilo da moda. Após as seduções do estilo Luís XV, com suas vitrines em marchetaria, no fim do século, o móvel inglês triunfa em toda a Europa. A última preocupação é com a comodidade, no fim do século a invenção de móveis com rodinha permite deslocar de um cômodo ao outro os livros necessários.

Raros são os que guardam seus livros em uma ou várias salas destinadas unicamente a esse fim. Esse costume é o caso somente dos mais ricos, detentores de um palacete particular ou dos maiores colecionadores de livros. A primeira razão para se preservar os

²⁵ Idem, p. 192/193.

livros em uma sala exclusiva é a paixão pela coleção. A segunda é a aparência social, que faz da biblioteca o lugar de uma sociabilidade escolhida e, por fim, a criação de um gabinete de trabalho para o advogado, homem de letras, magistrado ou cientista.

O *dicionário Furetière* diz isso claramente na sua definição do gabinete: “Lugar retirado nas casas comuns, onde se estuda, onde alguém se afasta do resto do mundo e onde se fecha o que se tem de mais precioso. O lugar que contém uma biblioteca chama-se gabinete”.²⁶

Entre as bibliotecas de prestígio, algumas se enfeitam, a exemplo dos grandes estabelecimentos religiosos e universitários, com paredes forradas de madeira, bustos de mármore, porcelanas chinesas e tapeçarias parisienses colocadas acima dos bufês de acaju, realçadas de cobre dourado.

Agora, no que diz respeito às diferentes formas de leitura, no século XVIII, abre-se mais amplamente outra possibilidade aos leitores: as bibliotecas públicas. Mais na cidade do que no campo, a capital tem dezesseis bibliotecas públicas no século XVIII, enquanto na província, de acordo com a *France Littéraire*, há dezesseis cidades com pelo menos uma biblioteca pública.

“Seguindo esse mesmo modelo o Conselho do Rei decide em 1720 abrir a biblioteca do Rei a todos os cientistas de todas as nações nos dias e horas que serão regulamentadas pelo bibliotecário de Sua Majestade e ao público, uma vez por semana”.²⁷

Outra incitação para constituição de bibliotecas públicas é fornecida pelo legado de particulares que cedem suas coleções, com a condição de que ela seja aberta aos leitores da cidade. Foi assim que aconteceu em 1731 em Lyon, com Aubert, que vendeu sua biblioteca, ainda em vida, ao corpo da cidade.

A primeira rede de bibliotecas públicas foi constituída no século XVIII. Contudo, o acesso a essas bibliotecas não era fácil, muitas delas só aceitavam letrados ou cientistas e só abriam poucas horas por semana. Então, outros acessos públicos ao livro se fizeram necessários, sendo o gabinete de leitura um deles. A partir dos anos 1770 muitos livreiros duplicam seu comércio com gabinetes de leitura, onde é possível inscrever-se mediante

²⁶ Idem, p. 195.

²⁷ Idem, p.200/201.

pagamento de uma mensalidade. Neles, o leitor pode vir ler as novidades sem comprar e ainda, por um preço acessível, encontrar obras mais caras. O livreiro, por outro lado, pode consolidar seu negócio: além de receber o valor das assinaturas, ainda atrai possíveis compradores.

Há outros gabinetes de leitura não oriundos da iniciativa dos livreiros, a câmara de leitura, que é administrada por comissários eleitos que devem cuidar da atualização constante do acervo, inclusive gazetas e periódicos. É um lugar confortável, aberto todos os dias, mesmo nos feriados, após o ofício religioso, com acesso direto às estantes. Não exige solenidade regulamentada nem atividade obrigatória, é um lugar de encontros livres e intercâmbio espontâneo, onde o leitor pode ler à vontade. Porém, o acesso a esses gabinetes exige pagamento de assinatura. Para os mais desprovidos, aqueles que não podem pagar, desde o reinado de Luís XIV existe a oferta dos livreiros locadores de livros. Diversos livreiros parisienses alugam panfletos e gazetas assim, no próprio local, na frente de suas lojas.

A leitura também sofre alterações, inicialmente é tida como predominantemente no foro privado, na intimidade, subtraída ao público, no isolamento intenso, afetivo, intelectual ou espiritual, principalmente no que se refere à leitura feminina. Mas, mesmo quando não é nem feminina nem romanesca, a leitura posta em representação em diversos quadros do século VXIII é a leitura íntima. “O papel do livro no retrato masculino se acha deslocado: de atributo estatutário, índice de uma condição ou de uma função, ele se torna companheiro de solidão. Na tradição, o livro é adorno, e a biblioteca signo de um saber ou de um poder”.²⁸

Para essa leitura íntima o mobiliário de século XVIII dá suporte adequado. A poltrona com braços e almofadas, a cadeira de preguiça ou marquesa, a marquesa com seu tamborete à parte são assentos onde o leitor pode entregar-se à vontade à leitura. “A esses móveis do luxo interior corresponde um traje de mulher, chamado justamente *liseuse*, que é uma jaqueta ou penhoar caseiro, quente e leve ao mesmo tempo, conveniente para ler na intimidade do quarto ou da sala. Outros móveis indicam uma leitura menos relaxada, como as mesas com carteira móvel, onde se pode apoiar o livro”.²⁹

²⁸ Idem, p.215.

²⁹ Idem, p. 216.

No fim do século XVIII, o gosto inglês prevalece, propondo a toda Europa um gosto mais utilitário, menos utópico, com mesas circulares e mesinhas destacáveis que permitem a leitura sobre a carteira ou então espreguiçadeiras com carteiras corrediças, rompendo com o conforto das poltronas e suas almofadas.

A oposição entre a leitura elitista de foro privado e a leitura coletiva da maioria não deve anular as práticas que invertem os termos. Com efeito, ainda no século XVIII, a leitura erudita pode ser conjunta ou em voz alta.

1.1 Os Caminhos do livro no Brasil:

De acordo com Laurence Hallewell, o impacto da chegada da corte no Brasil, com a burocracia que os acompanhava, foi revolucionário. A corte aumentou a população total do Rio de Janeiro em trinta por cento, a camada alta no mínimo deve ter dobrado depois da chegada da corte, o que provocou enorme impacto na cidade, ainda um atrasado lugarejo colonial. A vida cultural do Rio de Janeiro foi transformada por essa grande afluência de servidores civis bem pagos e com gostos refinados de um grande centro europeu. Todos os impostos e riquezas, antes destinados a Portugal, agora ficavam no Brasil, sem falar na sofisticação das exigências de consumo.

Quanto à entrada de livros, antes da chegada da família real, o controle dos portos brasileiros era rigoroso, porém, com um litoral de seis mil quilômetros, era obviamente mais fácil fazer a fiscalização junto aos livreiros. “A exclusão do comércio legítimo de tantos livros que as pessoas, manifestamente, desejavam ler explica por que o Rio de Janeiro pôde manter-se com apenas duas livrarias durante todo o período colonial, e mesmo algum tempo depois que a vida econômica e cultural da cidade foi, em muitos outros aspectos, transformada pela chegada do governo português no exílio, no começo de 1808”.³⁰

Uma vez instalados na capital, Dom João e seus ministros deram início a múltiplos empreendimentos, desde a expulsão dos franceses da Guiana, até a criação de um Jardim

³⁰ Hallewell, Laurence, *O livro no Brasil*, Edusp, São Paulo, 1985, p. 30.

Botânico. O Rio de Janeiro ganhou uma escola de Medicina, um laboratório de química, uma Academia de Belas-Artes, um Museu Nacional, o Banco do Brasil e a Biblioteca Real.

A Biblioteca Real foi acomodada no andar superior do hospital da Ordem Terceira do Carmo, no entanto o andar superior do hospital ficou apertado, então sua arrumação se estendeu pelo térreo. Em 1813, o prédio inteiro estava ocupado pela biblioteca. Depois de instalado, o acervo precisava de organização. Para “prefeitos”, foram designados frei Gregório José Viegas, responsável pela administração, frei Joaquim Dâmaso, responsável pelo “arranjo e conservação” e mais três serventes a cargo da organização e conservação da biblioteca.

“Os livros iam sendo organizados. Foram agrupados em cinco camadas principais: Teologia, jurisprudência, Ciências e Artes, Belas-Letras e História. Cada uma delas, por sua vez era dividida em subconjuntos, que se subdividiam ainda mais. Se em Jurisprudência havia duas subdivisões – Direito Eclesiástico e Direito Civil –, a seção de História, incluía onze itens: Prolegômenos Históricos, Geografia, Cronologia, História Eclesiástica, História Profana das Monarquias Antigas, História Moderna (parte 1: Monarquias da Europa, parte 2: Monarquias fora da Europa), Paralipômenos Históricos, Antiguidades, História Literária, Acadêmica e Bibliográfica, Vida de Pessoas Ilustres e extratos Históricos. Subdivididos, os conjuntos da categoria História, chegavam ao total de 56 tópicos”.³¹

Mas era bem pequeno o trabalho de atendimento a leitores, até mesmo aos da Família Real. Entre janeiro de 1811 e abril de 1813, pouco mais de vinte livros foram retirados, segundo anotações do padre Dâmaso. Contudo, a biblioteca não parava de crescer, com doações e novas aquisições.³²

Nesse período houve um aumento lento, mas constante, de livrarias, que passaram de duas em 1808, para cinco em 1809, sete em 1812 e 12 em 1816³³. Porém, muitas delas eram estabelecimentos pequenos e ainda muito pobres, não houve uma expansão maior das livrarias, pois a censura ainda se fazia sentir pesadamente sobre o comércio legítimo. Uma conseqüência da censura e da abertura dos portos foi o crescimento de uma considerável

³¹ Schwarcz, Lilia, *A longa viagem da biblioteca dos reis*, Companhia das Letras, São Paulo, 2002, p. 276.

³² Idem, p.277.

³³ Hallewell, Laurence, *O livro no Brasil*, Edusp, São Paulo, 1985, p. 33.

indústria editorial, em língua portuguesa, em Londres, e após 1814, de outra ainda maior em Paris, que trabalhavam para abastecer um comércio ainda ilegal. Eram produzidos livros e periódicos, dos quais o mais importante foi o *Correio Braziliense*, tão incômodo para o governo que este tentou, sucessivamente, emplacar uma ação judicial na Inglaterra, pressionar o governo inglês, subornar e até mesmo publicar um jornal rival, chamado *Investigador português na Inglaterra* (1811-1819). Mas, apesar de todos os esforços, o *Correio Braziliense* era livremente contrabandeado para o Brasil, porém mercadorias contrabandeadas eram caras, limitando seu acesso, pelo preço, às pessoas com dinheiro.

Isso fez com que o governo aceitasse a necessidade de uma impressora no Brasil, para os seus próprios propósitos. Assim, a impressão pela qual os governantes portugueses lutaram durante tanto tempo, e com empenho, para que não chegasse ao Brasil, como parte de sua política geral de manter a colônia técnica e intelectualmente dependente, acabou sendo trazida pelo próprio governo. Embora os recursos disponíveis fossem escassos, os trabalhos produzidos no prelo brasileiro atingiram um padrão técnico e artístico equivalente ao dos melhores trabalhos que até então se faziam em Londres ou Paris.

“A inauguração oficial do novo prelo deu-se no dia do aniversário do príncipe regente, 13 de maio de 1808, com a publicação de um folheto de 27 páginas, com 295mm de altura, em tipos equivalentes a 14 pontos: *Relação de despachos publicados na corte pelo expediente da secretaria de estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra no faustíssimo dia dos annos de S.A.R. o Príncipe Regente N.S.E. de todos mais, que se ter expedido pela mesma secretaria desde a feliz chegada de S.A.R. aos Estados do Brasil até o dito dia*”.³⁴

Durante o período de quatorze anos de monopólio das impressões no Rio de Janeiro foram produzidos bem mais de mil itens, 38 em 1808, 43 em 1821 e 296 em 1822, os números dos dois últimos anos retratam o súbito aumento das impressões no Brasil, que se seguiu ao fim da censura. Grande parte desses mais de mil itens da Impressão Régia brasileira era constituída de documentos do governo, cartazes, volantes, sermões, panfletos e outras publicações secundárias.³⁵

³⁴ Idem, p.36.

³⁵ Idem, p.37.

Muito do que foi publicado estava relacionado a interesses do governo: economia, política, geografia, medicina, saúde pública, até desenho e astronomia estavam incluídos, pois eram matérias do currículo da Academia Militar. Muitos títulos eram trabalhos escritos ou traduzidos pelos ministros do governo. Havia também um número considerável de trabalhos de propaganda relativos às guerras napoleônicas, com características de “panfletos efêmeros”. Mas a imprensa oficial, com o objetivo de aumentar sua renda, também publicou trabalhos para Paulo Martins, dono da principal livraria do Rio de Janeiro, e por encomenda dos autores.

Os preços da impressão do Rio de Janeiro eram altos e sua capacidade limitada. Portugal oferecia preços mais baixos e para um mercado mais amplo. Assim, logo que Portugal se viu livre da invasão francesa, muito dos autores voltaram a imprimir suas obras lá.

No início, as notícias da capital portuguesa eram de extremo interesse dos leitores brasileiros. Em 1812, a nova Constituição portuguesa, inspirada pelas cortes de Cádiz, aboliu a censura prévia. Esta constituição foi adotada em 1821, a maioria dos deputados votou a favor do fim da censura política, porém a censura religiosa foi derrubada com uma vitória estreita pelos votos dos deputados. Sem censura, as publicações sobre política aumentaram.

Os interesses dos portugueses se tornaram opostos aos dos brasileiros, apesar do interesse comum de ambos em pôr fim ao absolutismo do governo. O principal interesse dos leitores brasileiros mudou: da teoria constitucional passou aos políticos atuais, especialmente as relações entre Europa e América.

No mesmo ano em que foi abolida a censura, foi também extinto o monopólio da impressão na capital pela Imprensa do governo. Nessa época ela já havia crescido, dispondo de sete prelos, com mais três encomendados na Europa e outro sendo construído localmente. O crescente volume de trabalho foi uma decorrência tanto do aumento de impressos oficiais como de encomendas particulares e comerciais.

“Talvez tenha sido esse aumento dos impressos oficiais, assim como a política de liberalização, que provocou o fim do monopólio que a Typographia Nacional mantinha sobre as impressões feitas no Rio de Janeiro. De qualquer maneira, foi permitida a

instalação, em 1821, da Nova Oficina Typographica de propriedade privada, seguida logo depois pela Typographia de Moreira e Garcez”.³⁶

Nas vésperas da independência já havia no Rio de Janeiro cerca de sete estabelecimentos tipográficos. Porém as livrarias desse período, início do século XIX, no Brasil, eram limitadas, apesar de parcela da população se mostrar curiosa acerca dos últimos lançamentos franceses. A importação ultrapassava tanto a pequena procura que freqüentemente era preciso dispor de livros através de leilões públicos. O comércio era pobre e a maioria das vendas limitava-se a trabalhos de medicina e religião. Os livros franceses eram os mais procurados, principalmente as obras dos filósofos da ilustração e, para consegui-los, tinha que passar pelo censor, o que não era muito difícil na época. O inventário de Antônio Vieira de Carvalho não contém tais livros, provavelmente porque eram bens não admitidos pela lei e que, portanto, não constariam em documento legal. Muitos livros entravam no país por contrabando, muitas vezes na bagagem de pessoas que tinham ido estudar na Europa. Mas havia um comércio ilegal mantido com a América do Sul pelos ingleses, franceses e holandeses, durante todo o período colonial. As restrições do governo com a censura tornaram o contrabando o único meio pelo qual se podia conseguir a entrada de livros no país, já que havia minuciosas precauções dos portugueses para proteger sua colônia da “contaminação” pelos livros estrangeiros, desde antes de 1808.

Por meio de um testamento do início do século XIX, mencionado por Laurence Hallewell, podemos ter idéia dos títulos que formavam algumas das bibliotecas particulares no Brasil. O testamento de Antônio José Vieira de Carvalho, médico mineiro, falecido em 1818, nos dará uma idéia dos livros disponíveis nesse período. Carvalho deixou 69 livros em seu testamento, 28 são relacionados à sua profissão, são textos estrangeiros de medicina básica, livros de cirurgia, anatomia, obstetrícia, trabalhos especializados, entre os quais havia um compêndio sobre o ouvido, uma obra sobre febres e outra sobre moléstias de soldados. Sete livros eram sobre ciências, manuais de química, trabalhos de botânica e história natural. Onze livros eram dicionários: dois franceses, um português em dois volumes, um inglês-português, um dicionário médico francês e latino, um dicionário geográfico italiano, um dicionário espanhol-italiano, um *dicionário histórico da medicina*,

³⁶ Idem, p.44.

um *Mestre francês*, um dicionário de *Vandeli* (isto é, Domenico Vandeli, 1730-1816) e uma gramática inglesa. Havia 23 trabalhos não científicos: *Orlando furioso* de Ariosto, uma *Arte de porsolania*, as *Aventuras do Barão de Münchhausen*, as *Aventuras de Télémaque*, a *História Universal* de Jacques-Bénigne Bossuet, bispo de Meaux, as obras de Camões, o *Theatro* de Corneille, a *História romana*, do historiador inglês Laurence Echard, as obras do autor trágico Prosper Jolyot de Crébillon, uma *Economie générale*, as cartas de Giovanni Ganganelli, *Idílios* e *Morte de Abel* de Salomon Gessner, uma *História dos descobrimentos e conquistas*, *Malaça conquistada*, as obras de Racine, os *Ensaio Moraes* de Alexander Pope, uma *Política moral e civil*, as versões francesas e portuguesas das obras de Burant, as obras do Marquês de Caresiol e o *Gemidos* de May Deos.³⁷

Porém, desde o século XVIII houve uma significativa mudança na composição das bibliotecas locais, em que ainda predominava a literatura religiosa, mas aos poucos se abriram outros espaços, principalmente entre aqueles que tiveram uma educação mais esmerada, para obras de ciência, saberes profanos e para obras da ilustração. Nesse século, a elite letrada do Brasil se educou em Coimbra e certos intercâmbios literários se estabeleceram por meio das Academias. Além disso, esses jovens que iam estudar fora, quando voltavam e passavam a exercer cargos na governança da terra, traziam obras adquiridas no exterior.

Em Minas Gerais, formou-se uma população urbana, fruto da mineração e conseqüentemente uma “elite” letrada, que justificou maior circulação de livros. “O exame dos inventários e autos da Inconfidência acusa a presença significativa de livros em Diamantina, Mariana, Vila Rica e São João Del Rei, embora a posse fosse diferenciada e se concentrasse nos funcionários públicos e letrados. As maiores livrarias eram, via de regra, de padres, advogados e cirurgiões, que selecionavam obras e faziam acervos coerentes a partir das próprias especializações”.³⁸

Também advogados tinham grandes bibliotecas, em Mariana o doutor José Pereira Ribeiro tinha 201 títulos, a maioria de jurisprudência, mas também tinha livros de filosofia, ciências naturais e religião. O cirurgião mineiro Cipriano Barata de Almeida (1762-1838) possuía livros de medicina prática, de física, de química, matemática e filosofia. Trinta

³⁷ Idem, p. 26.

³⁸ Schwarcz, Lília, *A longa viagem da biblioteca dos reis*, Companhia das Letras, São Paulo, 2002, p.272.

obras ao todo. Assim como o advogado carioca Manuel Inácio da Silva Alvarenga, mestre de poética e retórica, possuía centena de obras. Ainda os colégios, conventos e mosteiros possuíam bibliotecas com livros religiosos e científicos. Já o padre Francisco Agostinho Gomes (1769-1842) reuniu a maior biblioteca particular do país, na passagem do século XVIII para o século XIX. Era composta por milhares de livros, entre os quais se destacavam os de Buffon, Thomas Paine, D'Alembert, Adam Smith, e títulos variados de obras da história, economia, filosofia, ciência natural, assim como populares narrativas de viagem. No resto do país a situação não varia muito. Notava-se certo predomínio dos autores franceses e uma estreita ligação das bibliotecas com a carreira de seus detentores.³⁹

“Ao contrário do que se pensava o pessimista Marrocos [bibliotecário da corte], os livros entravam – de forma legal ou não – e começavam a circular pela colônia. Com efeito, jornais e obras proibidas, como a gazeta francesa *Mercure* ou o livro do abade Raynal eram facilmente contrabandeados e faziam parte do acervo cultural da elite letrada local. E com os livros aportavam novas manias – as estantes, as papelarias, os mapas, os enfeites, a caneta de pena, o tinteiro, os livros falsos de guardas douradas.”⁴⁰

Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira, em estudo sobre testamentos ou inventários das bibliotecas de médicos e advogados no Rio de Janeiro ao longo do século XIX, afirma que o livro francês era preferido em detrimento do livro latino e do inglês, e a escolha recaía sobre livros de filosofia, literatura, política, além dos livros técnicos, originais ou traduzidos. “Os livros franceses eram os mais conhecidos e recomendados; daí, serem mais facilmente localizáveis nas bibliotecas de médicos e advogados do período examinado”.⁴¹ De acordo com ela, há uma relativa incidência de obras clássicas, misturadas a livros de uso profissional, livros sobre a antiguidade clássica apareceram com frequência e os livros sobre ciências estavam ligados à profissão.

³⁹ Idem, 273.

⁴⁰ Idem, p.274.

⁴¹ Bessone da Cruz Ferreira, Tânia M. Tavares, “Biblioteca de Médicos e Advogados do Rio de Janeiro: Dever e lazer em um só lugar”, In Abreu, Márcia (org.), *Leitura, histórias e história da leitura*, Campinas-SP, Mercado de Letras, Fapesp, Associação de leitura do Brasil, 1999, p.320.

Um exemplo é o do médico Francisco Júlio Xavier, cirurgião da família real e professor da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, falecido em 1850. Deixou cerca de 330 volumes, na maioria obras direcionadas à sua profissão (53% de seu acervo) escritas em francês e em português. Outro número significativo era referente a autores franceses, outrora proibidos nos domínios de Portugal, tais como Volney, Mirabeau, Voltaire, Rousseau, La Fontaine, um livro sobre a Revolução Francesa e outro sobre a Maçonaria Francesa, 22,8% do conjunto. Os volumes de maior valor financeiro eram os onze tomos de obra de Rousseau e uma coleção completa de jornais de ciência médica. Havia ainda dicionários, diversas brochuras, uma história antiga e um curso de inglês. Outro inventário é o do advogado Dr. Luiz José de Carvalho Mello de Matos, de 1882. Seus livros totalizavam 431 volumes, com lotes organizados por temas: 223 livros de jurisprudência, 96 de belas letras, 77 de história, 26 de ciências e artes e 9 livros de teologia. A maioria dos títulos era em português e em francês, depois em inglês, italiano, espanhol, grego e latim, porém do total de títulos, 41% eram em língua francesa.⁴²

Ao analisar alguns leilões da época, Tânia Maria Tavares Bessone afirma que o francês era a língua predominante dos livros que constavam em leilões, os autores de maior preferência eram: “Corneille, Racine, Molière, Montesquieu, Rousseau, Benjamin Constant, Victor Hugo, Dumas e Eugène Sue, Poson du Terrail e Chateaubriand. Dos portugueses, os mais comuns eram Camilo Castelo Branco, Herculano, Garret e Camões. A partir da década de 70, tornaram-se mais freqüentes obras em inglês e alemão: Shakespeare, Schiller, Goethe, Proudhon, Walter Scott, Dickens, Disraeli e as irmãs Brontë estavam entre os mencionados mais amiúde. Os lotes de dicionários eram cada vez mais ampliados”.⁴³

A partir dos anos 60, houve algumas transformações nos gostos, com a presença de folhetins e literatura mais leve, além da crescente importância do inglês como língua alternativa.

Nelson Schapochnik, no texto “A leitura no espaço e o espaço da leitura”, sobre quantos, quais e onde se localizavam os lugares institucionais da leitura no Brasil do século

⁴² Idem, p. 323.

⁴³ Bessone da Cruz Ferreira, Tânia M. Tavares, “Biblioteca de Médicos e Advogados do Rio de Janeiro: Dever e lazer em um só lugar”, In Abreu, Márcia (org.), *Leitura, histórias e história da leitura*, Campinas-SP, Mercado de Letras, Fapesp, Associação de leitura do Brasil, 1999, p.328.

XIX, descreve como foi o desenvolvimento das bibliotecas públicas, gabinetes de leitura e bibliotecas associativas.

Em 1810 houve a instalação da Biblioteca Real no Rio de Janeiro, em 1811 a Biblioteca Pública de Salvador e até 1840 foram criadas e implantadas mais oito instituições voltadas à leitura no Brasil, uma na Bahia, uma no Rio Grande do Sul, duas em Pernambuco e mais quatro no Rio de Janeiro. Entre 1841-1860, houve um incremento de mais vinte instituições no Brasil, uma em Santa Catarina, uma em Sergipe, duas no Maranhão, duas no Rio Grande do Sul, três na Bahia, três em Pernambuco e mais quatro no Rio de Janeiro. Entre 1861-1880 foram criadas mais 108 bibliotecas espalhadas pelo país. E entre 1881-1900 houve a instalação de mais 55 bibliotecas no Brasil. O acesso a essas bibliotecas era franqueado a pessoas decentemente vestidas, acatando as rígidas convenções sociais e formais de apresentação.⁴⁴

Existiam também instituições de caráter privado, os gabinetes de leitura ou bibliotecas associativas, onde o freqüentador tinha que pagar uma mensalidade ou adquirir parte de suas ações para usufruir do acervo. Muitas vezes eram dirigidas por representantes estrangeiros no Brasil. Eram espaços de convivência, não raro tinham bares e mesas de bilhar em seu espaço e também foram aumentando no Brasil ao longo dos anos. Em algumas dessas instituições o acionista com maior número de ações ou que fazia maiores contribuições recebia o título de remido, colaborador ou honorário, e ainda podia requerer um número maior de obras para leitura em casa. Eram normalmente espaços freqüentados por homens, mas como permitiam o empréstimo de livros, acabavam por favorecer a leitura domiciliar das mulheres. Identificadas com a comunidade alemã, de 1821 a 1891, foram encontradas dez associações desse tipo: sete em São Paulo, uma no Rio de Janeiro, uma na Bahia e uma em Pernambuco. Ligadas à comunidade britânica, de 1826 a 1891, foram encontradas quatro instituições: uma em São Paulo, uma na Bahia, uma em Pernambuco e uma no Rio de Janeiro. Ligadas à comunidade lusitana, gabinetes extremamente significativos pela dimensão dos acervos e por sua longevidade, de 1837 a 1900, foram

⁴⁴ Shapochnik, Nelson, “A leitura no espaço e o espaço da leitura” In Abreu, Márcia e Shapochnik, Nelson (orgs), *Cultura letrada no Brasil, objetos e práticas*, ABL, FAPESP, Mercado das Letras, São Paulo, 2005, p. 233.

encontradas oito instituições: três no Rio de Janeiro, uma em Pernambuco, uma no Maranhão, uma na Bahia, uma no Pará e uma no Amazonas.⁴⁵

De acordo com Nelson Schapochnik, a partir de meados do século XIX, foram fundadas algumas bibliotecas associativas com perfil profissional, destinadas à instrução e à informação, como foi o caso das Associações Tipográficas, (Pernambucana, 1857; Fluminense, 1873; e Baiana, 1883), dos Clubes Caixerais (Salvador, 1876; Bagé, 1883; Santa Maria, 1886) ou ainda dos Professores Primários (Recife, 1878; Salvador, 1884), especialmente nessa última série, verificaram-se mulheres no quadro administrativo, o que demonstra tolerância com a profissionalização das mulheres nas atividades docentes.

E por fim as bibliotecas populares, sobretudo a partir de meados dos anos 1870. Eram instituições públicas ligadas a iniciativas particulares, abertas a todos os frequentadores e destinadas, a princípio, para o público escolar, com função educadora e moralizadora. Auxiliavam autoridades municipais e provincianas em troca de isenção de pagamentos de taxas, cessão de espaço público, subscrição das campanhas de doação e ampliação do acervo.

⁴⁵ Idem, p. 237.

“Ler é beber e comer. O espírito que não lê emagrece
como um corpo que não come”.
Victor Hugo

“Devemos ler para oferecer à nossa alma
a oportunidade da luxúria”.
Henry Miller

Capítulo II: Hábitos de leitura e formação da biblioteca pessoal

Para iniciar este capítulo é importante definir o conceito de biblioteca pessoal que utilizei nesta pesquisa. Considerei biblioteca toda coleção de livros organizada de alguma forma, não importa o método usado para essa organização. Mais à frente, ao tratar das entrevistas, veremos as diferentes formas de organização dos livros adotadas por meus entrevistados, e que foram acumulados de acordo com determinados interesses dos proprietários. Não importam quais os assuntos foram escolhidos no desenvolver da biblioteca. O conceito de biblioteca usado nesta dissertação levou em conta que uma coleção de livros agrupados em um lugar tenha sido determinada por assuntos de interesse do proprietário, e não por livros juntados ao acaso. O conceito de biblioteca mais próximo do que foi usado nesta dissertação é o formulado por Luís Milanesi: “O que define a condição de biblioteca é a existência de alguma forma de organização que permita encontrar o que se deseja, mesmo que só o proprietário, ou poucos, tenham êxito nessa busca”.⁴⁶ Para definir seu conceito Luís Milanesi levou em consideração a ordem dos livros; nesta dissertação, além da ordem, levei em consideração também o fluxo dos livros nas prateleiras, ou seja, áreas de interesse que foram guiando o proprietário ao juntar seus livros, o caminho de suas leituras, sem me desfazer de nenhum assunto, o importante é ter um fluxo, um caminho e um sentido na formação do acervo.

“Um livro muda pelo fato de que ele não muda quando o mundo muda”⁴⁷. Por efeito da mudança em seu modo de leitura. Essa observação de Roger Chartier, que poderia ter sido escrita por Jorge Luis Borges, justifica o projeto de um estudo das práticas de leitura e, eu acrescento, das bibliotecas particulares.

Por mais que saibamos que um dos objetivos da formação de uma biblioteca particular, além de proporcionar prazer, seja o de organizar o conhecimento, reter em um

⁴⁶ Milanesi, Luís, *Biblioteca*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2002, p. 12.

⁴⁷ Chartier, Roger, *A Ordem dos Livros*, São Paulo, UNB, 1999, p. 22.

lugar o conhecimento produzido sobre determinado assunto de interesse do proprietário da biblioteca, a leitura é um ato primordialmente de liberdade, o dono da biblioteca tem o poder de decidir quais livros farão parte da sua coleção e, principalmente, o leitor tem a liberdade de escolher o que será lido. “A leitura é por definição rebelde e vadia. Os artifícios que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos. O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido, ou ainda a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu sua publicação. Todavia essa ordem de múltiplas fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores”.⁴⁸

O escritor tem o poder de criar a obra literária, apesar de sabermos de sua dependência em face às regras que definem sua condição e que são mutáveis conforme cada cultura e com o tempo. “Toda criação, ao contrário, inscreve nas suas formas e nos seus temas uma relação: na maneira pela qual – em um dado momento e em determinado lugar – são organizados o modo de exercício do poder, as configurações sociais ou a economia da personalidade”⁴⁹. A comunidade de leitores tem o poder de interpretar suas leituras, também, é claro, subjugada pelos costumes de seu tempo, as obras não têm sentido estático e universal, elas estão sempre em relação, que ocorre no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam.

“Produzidas em uma ordem específica, que tem as suas regras, suas convenções e suas hierarquias, as obras escapam e ganham densidade, peregrinando, às vezes a mais longa jornada, através do mundo social. Decifradas a partir dos esquemas mentais e afetivos que constituem a cultura (no sentido antropológico) das comunidades que recebem, tais obras se tornam um recurso precioso para pensar o essencial: a constituição de um vínculo social, a subjetividade individual, a relação com o sagrado.”⁵⁰

⁴⁸ Idem, p. 8.

⁴⁹ Idem, p. 9.

⁵⁰ Idem, p. 9.

Segundo Roger Chartier em *A Ordem dos Livros*, a história do livro na França teve como objeto de pesquisa a desigual medida da presença do livro entre os diferentes grupos que compunham a sociedade do antigo regime, daí a construção de indicadores aptos a revelar as distâncias culturais, a porcentagem de inventários póstumos mencionando a posse de livros, a classificação de coleções segundo o número de obras que comportavam ou ainda a caracterização temática das bibliotecas privadas em função das partes que nelas têm as diferentes categorias bibliográficas. “Nessa perspectiva, reconhecer as leituras dos franceses entre os séculos XVI e XVIII era, antes de qualquer outra coisa, construir séries de dados numerados, estabelecer pisos quantitativos e observar as tradições culturais das diferenças sociais”.⁵¹

Roger Chartier menciona que durante muito tempo o estudo das práticas de leitura só foram avaliados de acordo com duas séries de medida, aquelas que, de acordo com a contagem das assinaturas, estabeleciam as porcentagens de alfabetização – logo, as variações na capacidade de ler segundo as épocas, os lugares, os sexos e as condições –, e as outras que examinavam os inventários das bibliotecas, organizados por notários ou livreiros, mediam a circulação do livro e as tradições de leitura.

“As taxas de alfabetização não fornecem, então, uma justa medida da familiaridade com o escrito – tanto que nas sociedades arcaicas, onde o aprendizado da leitura e da escrita são dissociados e sucessivos, há numerosos indivíduos (sobretudo mulheres) que deixam a escola sabendo ler, ao menos um pouco, mas sem conseguir escrever. A posse privada do livro não indicaria, tampouco, a frequência do manejo de textos impressos por aqueles pobres demais para ter uma biblioteca”.⁵²

Certamente, no capítulo inicial, mencionei alguns estudos sobre testamentos e livreiros que foram muito úteis para o desenvolvimento do método de meu trabalho. De acordo com Roger Chartier, devemos incrementar e ir além dessa perspectiva, levando em conta primeiro as áreas sociais nas quais circula cada gênero impresso, partir então dos objetos e não apenas das classes ou dos grupos, levar em conta além da classificação sócio-profissional, outros princípios de diferenciação também plenamente sociais, como pertencer a um sexo, uma determinada geração, adesões religiosas, solidariedades comunitárias,

⁵¹ Idem, p. 15.

⁵² Idem, p. 24.

tradições educativas, entre outros, buscando entender como os mesmos textos podem ser diversamente possuídos, apreendidos, manejados e compreendidos.

Foi essa abordagem, apesar de levar em conta as diferenças sociais e imposições culturais, que considero de extrema importância para entender a penetração do livro e da leitura em diferentes estilos de vida, e procurei partir do estudo do livro e da leitura, como sugere Roger Chartier. Nas entrevistas realizadas para essa pesquisa levei em conta diferenças de sexo, idade, formação e atividade profissional, entre outras. Buscando entender sempre o que e como é lido. Apesar de encontrar muitas semelhanças entre o que é lido, encontrei muitas diferenças na forma de organização e no hábito de leitura dos meus entrevistados.

Roger Chartier sugere que observar as redes de práticas e as regras de leituras próprias às diversas comunidades de leitores é a primeira tarefa para chegarmos a uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática do leitor.

Devemos voltar nossa atenção também para as diferentes maneiras de ler, a leitura não é somente uma operação abstrata, ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros. “A leitura tornou-se, depois de três séculos, um gesto do olho, não é mais acompanhada como antes pelo rumor de uma articulação vocal, nem pelos movimentos de manducação muscular. Ler sem pronunciar em voz alta, ou a meia voz é uma experiência ‘moderna’ desconhecida durante milênios. Antigamente o leitor interiorizava o texto, ele fazia de sua voz o corpo do outro; ele era ao mesmo tempo autor. Hoje o texto não impõe seu ritmo ao indivíduo, ele não se manifesta mais pela voz do leitor. Essa suspensão do emprego do corpo, condição de sua autonomia, equivale a um distanciamento do texto”,⁵³

Referente a essa observação, cito o exemplo do Dr. José Mindlin, que, em nossa conversa, disse que Guimarães Rosa é para ser escutado, o leitor precisa entrar no ritmo do livro dele, que é diferente dos escritos atuais. Por isso gravou CDs de áudio com textos de Guimarães Rosa, para distribuir em escolas e fundações, pois acredita ser essa a melhor forma de compreender o autor.

⁵³ Idem, p. 23.

Outro ponto importante para compreendermos a leitura e o hábito dos leitores é entendermos a importância dos editores. Não há texto fora do suporte que o dá a ler ou ouvir, todo texto depende da forma através da qual atinge seu leitor. E as mudanças na evolução, na forma de organização da palavra escrita visando guiar e organizar a leitura.

Ocorreram muitas mudanças na forma de impressão do texto entre os séculos XVI e XVIII, que certamente influenciaram na forma de ler. Uma, entre muitas das grandes mudanças no texto, foi a organização em parágrafos, que quebram sua continuidade ininterrupta. “Uma leitura que fragmenta os textos em unidades separadas, e que reencontra, na articulação visual da página, as conexões intelectuais ou discursivas do raciocínio”.⁵⁴ Roger Chartier menciona que é conhecida a insatisfação de Locke frente à divisão do texto da Bíblia em capítulos e versículos. Para ele essa forma implicava o risco de ver obliterada a poderosa coerência da palavra de Deus.

Com as alterações da forma do texto, alterou-se também o modo de leitura ao longo dos anos. Segundo Roger Chartier, na Idade Média percebemos um maior avanço da leitura silenciosa e da entrada no mundo da leitura extensiva, de um volume por vez, no fim do século XVIII. As alterações no modo de leitura são, entre outras, consequências das alterações ocorridas nas técnicas de reprodução do texto, com a passagem dos “*scribal culture*” para a “*print culture*” e também das mutações das formas específicas do livro, a substituição do livro em rolo (*volumen*) pelo livro em cadernos (*códex*) ocorrida nos primeiros séculos da era cristã, que foi a mais importante das alterações no texto. Todas essas alterações da forma do texto implicaram em alterações do modo de leitura ao longo dos anos, assim como os critérios que diferenciam os estilos de leitura do coletivo, do popular, da elite e do privado são importantes para entendermos as diferentes práticas de leitura ao longo dos anos.

No artigo de Márcia Abreu, “Da maneira correta de ler: Leituras das belas-letas no Brasil”, conclui-se que embora saibamos o que se lia no passado, as maneiras pelas quais se liam os textos permanecem, em grande medida, uma incógnita. Para seguir sua pesquisa sobre as maneiras de ler, ela analisou os tratados setecentistas sobre o modo de ler as belas-letas. Em textos como *Discours sur la manière d'utiliser ses lectures*, de Biron, ou *Traité sur la manière de lire les auteurs avec utilité*, de Bardou-Duhamel, que tratam, não

⁵⁴ Idem, p. 19.

das práticas realizadas, mas da maneira correta de ler. Alguns desses tratados foram regularmente enviados ao Rio de Janeiro no século XVIII e início do século XIX e destinados, em sua maior parte, a escolas, pretendendo atuar como formadores do gosto, apesar das versões integrais de textos clássicos não terem tido grande penetração no Brasil colonial, a maior parte dos pedidos de licença solicitava textos em prosa, com predileção para os romances.

Uma primeira questão relevante abordada nesses tratados diz respeito à função da leitura, que serviria para formar um estilo, instruir e divertir, mas havia a desqualificação dessa última função, de pouco interesse para os tratadistas. A leitura extensiva, entendida como leitura de romances, é banida do universo da boa leitura, porém referente a essa última, o texto de Bardou-Duhamel trata com mais detalhes, ele se refere a novos leitores, faz distinção da leitura no campo e na cidade, distinções de faixa etária e se refere ao romance, que suscita novas formas de leitura, uma leitura extensiva, que os coloca em contato com a intimidade do texto, permitindo tanto a leitura em voz alta (feita pela mãe) quanto a silenciosa e recolhida (feita pelo rapaz em seu leito). Porém essa leitura, que atinge diversos segmentos da sociedade, deve ser banida, é preciso distinguir-se.

Uma das finalidades da leitura é a incorporação de estilo, a leitura é fonte de modelo a ser imitado na hora da escrita, outra é o conhecimento dos melhores textos produzidos em cada gênero. A escrita, portanto, é auxiliar da leitura, é preciso tomar notas enquanto se lê.

“Alguns autores como Biron chegam a detalhar o método a ser seguido nas anotações: deve se ter um caderno com duas colunas, na primeira anota-se a máxima ou pensamento extraído do livro que se lê, na segunda, dá-se um título ao trecho de forma a indicar o tema abordado. Só se pode fazer bem esse trabalho se cada trecho for lido e relido e se se meditar sobre ele. Finda essa primeira etapa é preciso reler as anotações e agrupar todos os trechos que dizem respeito a um mesmo tema. O processo de leitura ainda não está concluído, pois resta uma última etapa: a memorização das anotações divididas por tema”.⁵⁵

Os textos a serem lidos devem ser aqueles produzidos pelos melhores autores, que seriam os clássicos da Antiguidade greco-latina e o contato com esses textos deve ser

⁵⁵ Abreu, Márcia, “Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil Colonial” In, Abreu, Márcia (org.), *Leitura, história e história da leitura*, Campinas-SP, Mercado de Letras, Associação de leituras do Brasil, FAPESP, 1999, p.219.

precedido de outras leituras. Biron diz em seu tratado que antes de ler os poetas é preciso ler e meditar sobre tratados que explicam as figuras de linguagem, assim como as artes poéticas e retóricas; o passo seguinte consiste em estudar os métodos, procurando informações sobre as línguas francesa, grega e latina, sobre a história sagrada e profana, sobre os costumes desses povos, sobre a filosofia, sobre as regras que regem a elaboração poética e retórica, com objetivo central de formar o gosto. Uma vez adquiridos esses conhecimentos, podia-se passar à leitura das obras-primas. Porém Biron ainda diz que, uma vez que se sabe quem é o autor, é preciso ainda informar-se sobre sua época e sua vida, pois o assunto estará fortemente marcado por elas. Para tanto é necessário que se leia a dedicatória e o prefácio, pois é aí que o autor oferece detalhes sobre a composição, sobre os motivos que o levaram a escrever. Não se deve deixar de ler o resumo que precede o capítulo, bem como os títulos e as notas. Ainda antes de ler, seria necessário que o leitor refletisse sobre como ele próprio desenvolveria aquele tema, que idéias apresentaria e como as ordenaria. E então, finalmente, começar a leitura. Sugere que a leitura seja acompanhada da discussão com pessoas eruditas, que auxiliariam no entendimento e julgamento do texto.

Para Bardou-Duhamel, a leitura é composta de quatro etapas: entender, reduzir, desenvolver e julgar. As três primeiras dizem respeito ao ato de entender o texto, compreender as idéias apresentadas, ser capaz de resumi-las em notas ou mentalmente e de expandi-las, quando necessário. Julgar é a operação mais complexa, a leitura eficaz é aquela capaz de avaliar a proximidade a que determinado texto chegou das regras de excelência.

“Esse primeiro encontro com os “fundamentos da verdadeira literatura” centra-se especialmente na aquisição de competência para leitura da língua latina e de um certo verniz cultural – pela proximidade com trechos e resumos que permitem um primeiro contato com aquilo que será o padrão de avaliação de todas as obras”.⁵⁶

Esses preceitos antigos são referentes a práticas letradas muito distintas das atuais, que aparecem, no entanto, sob outras formas nos métodos educativos contemporâneos.

⁵⁶ Idem, p.230.

*** De acordo com Rubens Borba de Moraes no livro *O Bibliófilo Aprendiz*, num capítulo intitulado “Colecionar o quê?”, é aos psicanalistas que se deve perguntar por que se coleciona, só eles saberiam quais os motivos que levam um burguês pacato a praticar atos simples e morais.

“Não resta dúvida que o ato de colecionar é uma compensação para algum complexo. Em muitos casos é simplesmente um complexo de fuga, uma ‘Pasárgada’ que ajuda a suportar guerras, inflações, desejos frustrados ou simplesmente uma mulher tagarela. Complexos, e dos mais esquisitos, toda gente tem. Compensá-los, escrevendo poemas, pintando, esculpindo ou colecionando ainda é a melhor terapêutica que pode haver”.⁵⁷

Ainda de acordo com Rubens Borba de Moraes, há vários tipos de coleção, de selos, discos, soldadinhos de chumbo, cachimbos e até de caixas de fósforos. Tutancâmon colecionava bengalas e as queria tanto que foi enterrado com elas. Não há coleção tola ou ridícula, desde que feita com arte, gosto e conhecimento. Colecionar é uma arte e como toda arte é preciso que esteja combinada com conhecimento para se tornar uma verdadeira criação.

Comprar livros eventualmente não caracteriza uma coleção. Atualmente comprar livros é uma necessidade, mas colecioná-los e montar uma biblioteca pessoal é diferente, é preciso que haja áreas de interesse do colecionador, assuntos que norteiem a compra dos livros. Para montar uma biblioteca pessoal é preciso escolher com muito critério o gênero do livro que se quer comprar. Cada colecionador possuidor de uma biblioteca pessoal deve escolher o assunto de seu interesse, o autor que mais agrada, e então a coleção vai se guiando por si só, uma leitura leva à outra e um assunto levanta outros interesses e assim a coleção vai se formando. Tendo isso em mente, já é um belo início para uma biblioteca pessoal.

Walter Benjamin, em “Desempacotando minha biblioteca”, descreve a relação de um colecionador com seus livros. Em meio a caixas repletas de livros e estantes vazias, conclui que uma coleção está sujeita a diversos impulsos e paixões. O primeiro deles seria a misteriosa relação com a propriedade; outro ponto importante é a relação com as coisas que

⁵⁷ Borba de Moraes, Rubens, *O Bibliófilo Aprendiz*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975, p.13

não põe em destaque seu valor funcional ou utilitário e sim uma relação de paixão, como o palco, como o cenário de seu destino. Assim livros como a *Divina Comédia* ou a *Ética* de Espinosa, ou a *Origem das Espécies*, têm seu destino. Para o colecionador, cada um de seus exemplares tem um destino. E, neste sentido, o destino mais importante de todo exemplar é o encontro com ele, o colecionador. “Eu não estou exagerando: para o colecionador autêntico, a aquisição de um livro velho representa seu renascimento”.⁵⁸

Para muita gente tudo deve ter uma utilidade e, de acordo com Rubens Borba de Moraes, para essa gente pretensiosa não adianta explicar certas coisas; “Elas não chegaram ainda a um desenvolvimento cultural suficiente para apreciar as coisas sem utilidade aparente. Se nós examinarmos a evolução, o progresso do mundo, notaremos que só nos países adiantados se dá valor às coisas sem utilidade apreciável. É com o progresso material, com a riqueza, que surge a cultura, o amor e o respeito pelas coisas tidas como inúteis. É nos países adiantados que se encontram as mais belas bibliotecas, os museus, as coleções particulares de arte. Não quero dizer com isso que só nesses países há gente capaz de apreciar devidamente essas coisas, mas quero notar que esse fato é um índice de progresso. Não é somente a produção *per capita* que indica o adiantamento de uma região”.⁵⁹ É mais ou menos o que Pierre Bourdieu menciona ao tratar dos hábitos sem finalidade da cultura dominante e das atividades com fins práticos claros das classes populares.

Umberto Eco, em *O segundo diário Mínimo*, escreve sobre esse tema: “O segundo choque da obviedade sobrevém a muitos que se encontram em condições iguais às minhas, ou seja, que possuem em casa uma biblioteca de certas dimensões – de tal maneira que, entrando em nossa casa, as pessoas não tenham como deixar de notá-la, inclusive porque nossa casa não contém muitas outras coisas. O visitante entra e diz: ‘Quantos livros! Já leu todos?’ No início eu achava que essa frase só fosse pronunciada por pessoas de escassa intimidade com o livro, acostumadas a ver apenas estantezinhas com cinco livros policiais e mais uma enciclopédia infantil em fascículos. Mas a experiência me ensinou que também é pronunciada pelas pessoas mais inesperadas. Pode-se dizer que se trata quase sempre de pessoas que concebem as estantes como mero depósito de livros lidos e não a biblioteca

⁵⁸ Benjamin, Walter, “Desempacotando minha biblioteca”. *Obras escolhidas II*, São Paulo, Brasiliense, 1995, p. 228 / 229.

⁵⁹ Idem, p.11.

como instrumento de trabalho, mas isto não bastaria. Estou convencido de que, quando se vê diante de muitos livros, qualquer pessoa é tomada pela angústia do conhecimento, e fatalmente resvala para a pergunta que exprime seus tormentos e seus remorsos [...] basta reagir com um sorriso, e no máximo, quando é o caso de ser gentil, com uma 'Boa, esta!' Mas é preciso dar uma resposta à pergunta sobre os livros, enquanto o maxilar se enrijece e filetes de suor gelado escorrem ao longo da coluna vertebral. Durante algum tempo adotei uma resposta desdenhosa: 'Não li nenhum deles; senão por que estariam aqui?' Mas esta é uma resposta perigosa, porque desencadeia a reação óbvia: 'E onde guarda os que já leu?' A melhor resposta padrão de Roberto Leydi: 'E muitos mais, senhores, muitos mais', que deixa o adversário paralisado e o reduz a um estado de veneração estupefacta. Mas acho esta resposta impiedosa e ansiogênica. Ultimamente, eu me inclino por outra afirmação: 'Não, estes são os que eu preciso ler no próximo mês, os outros eu guardo na universidade', resposta que por um lado sugere uma sublime estratégia ergonômica e, por outro, induz o visitante a antecipar o momento da despedida".⁶⁰

Walter Benjamin também tratou desse tema, no texto "Desempacotando minha biblioteca", onde escreve que: "Seria – vocês hão de se perguntar – uma característica do colecionador não ler livros? Dir-se-ia que é a maior das novidades. Mas não, pois especialistas podem confirmar que é a coisa mais velha do mundo, e menciono aqui a resposta que Anatole France tinha na ponta da língua para dar ao filisteu que, após ter admirado sua biblioteca, terminou com a pergunta obrigatória: – E o senhor leu tudo isso, Monsieur France? – Nem sequer a décima parte. Ou, por acaso, o senhor usa diariamente sua porcelana de Sèvres."⁶¹

"Bem-aventurado o colecionador! Bem-aventurado o homem privado! De ninguém esperou menos do que dele, e ninguém sentiu mais bem-estar do que aquele que pode prosseguir sua existência desacreditada sob a máscara spitzweguiana. [Carl Spitzweg (1808-1885), pintor de motivos burgueses ingênuos; uma de suas telas se chamaria "O Bibliófilo". (N.T.)] Pois dentro dele se domiciliaram espíritos ou geniozinhos que fazem com que para o

⁶⁰ Eco, Umberto, "Como justificar uma biblioteca particular", *O segundo diário mínimo*, Rio de Janeiro, Record, 1993, p.192/193.

⁶¹ Benjamin, Walter, "Desempacotando minha biblioteca" *Obras escolhidas II*, São Paulo, Brasiliense, 1995, p. 230.

coleccionador – e me refiro aqui ao colecionador autêntico, como deve ser – a posse seja a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas. E, assim, erigi diante de vocês uma de suas moradas, que tem livros como tijolos, e agora, como convém, ele vai desaparecer dentro dela”.⁶²

E para terminar a introdução a esse capítulo e entrar nas entrevistas que realizei, acredito que não poderia deixar de mencionar o maravilhoso livro de William Shakespear, *A Tempestade*, e a enorme paixão de Próspero por seus livros, paixão essa que o afastou de seu reinado e de outros afazeres, dando início à desordem retratada na peça.

Próspero renunciou ao exercício do poder para dedicar todo seu tempo ao estudo das artes liberais e ao conhecimento dos saberes secretos. “... nas Artes liberais, sem paralelo; nelas tendo depositado todo o meu interesse e dedicação, o governo eu deixei para o meu irmão e de meu Estado fui ficando estrangeiro, arrebatado e absorto que estava em estudos secretos – eu daquele jeito, negligenciando as questões terrenas, totalmente recluso, dedicado ao aperfeiçoamento de minha mente com aquilo que valia mais do que supunha o povo e me mantinha tão distante...”.⁶³ Próspero se afastava do mundo e se refugiava em sua biblioteca, “... Quanto a mim, coitado, minha biblioteca era um Ducado vasto o suficiente...”.⁶⁴

A Antônio, seu irmão, Próspero deixou a direção dos negócios e o governo do Estado, enquanto se dedicava à sua biblioteca; essa atitude foi fonte de todas as desordens: desordem política, com a traição de Antônio, que se proclamou Duque e baniu Próspero de seu Estado; desordens cósmicas, marcadas pela tempestade da primeira cena e por fim se seguiram as desordens na ilha, para a qual Próspero foi enviado. Ele foi mandado para a ilha com utensílios e coisas de primeira necessidade, e principalmente com alguns volumes de sua própria biblioteca, que o nobre conselheiro Gonçalo colocou em sua embarcação por saber de seu amor pelos livros. “Em sua bondade, sabedor que era de meu amor aos livros, supriu-me com volumes de minha própria Biblioteca, os quais eu prezava mais que meu próprio Ducado”.⁶⁵

⁶² Idem, p.235.

⁶³ Shakespeare, William, *A Tempestade*, São Paulo, L&PM Pocket, 2004. ato I, cena II, p. 15.

⁶⁴ Idem, p. 16.

⁶⁵ Idem, p. 18.

E então se desenrola toda a peça, contando as confusões na ilha, da grande tempestade e por fim, após muita desordem do retorno de Próspero ao seu ducado, que teve que abrir mão de sua paixão pelos livros para retomar o poder, mesmo prevendo seu fim “...quebro a minha vara mágica, enterro-a em grande profundidade no solo e depois, tão fundo que nenhuma sonda possa dele captar o eco, afogarei o meu livro[...] Os meus espíritos escravos agora já me faltam, e os encantos de minha Arte; sem eles, o meu fim é o desespero...”⁶⁶

Essa é uma preocupação antiga, a de que amantes dos livros e da leitura se afastem da realidade e de seus afazeres mais imediatos, como aconteceu com D. Quixote, que de tanto ler, enlouqueceu. Em trecho de *Os livros nossos amigos*, de Eduardo Frieiro, ele escreve que a mãe de Flaubert, por ver o filho sempre entretido com a leitura e receando que ele esquecesse a vida, deixasse o mundo pela sombra e trocasse a realidade pelos devaneios da imaginação, exclamou certa vez: “– *Meu filho, os livros estão secando teu coração!*”⁶⁷

Mas certamente não foram os livros a causa da loucura de D. Quixote, a maluquice do Cavaleiro Andante já estava dentro dele. Assim como a leitura não secou o coração de Flaubert, como sua mãe temia. Já no caso de Próspero, o gosto pela leitura e pela magia o afastaram dos afazeres imediatos de seu ducado, mas não em prol da loucura ou do devaneio, pois a leitura e o conhecimento também são uma forma de poder, uma maneira de deter o poder pelo conhecimento, mas que acabou por afastá-lo do governo de seu ducado.

“Contra a opinião, hoje muito corrente, dos que rebaixam a atividade literária ao nível das atividades comuns, erguem-se aqueles que vêm na literatura, como na arte em geral, um dos caminhos que conduzem a uma vida menos triste e árida. São muito numerosos os homens que perderiam todo interesse pela vida se alguma coisa os afastasse dos paraísos artificiais da literatura. Escrever é uma morfina, ler é outra. Há homens com tal paixão por esse entorpecente, que talvez preferissem a morte ao verem-se privados da leitura.”⁶⁸

⁶⁶ Idem, p. 99.

⁶⁷ Frieiro, Eduardo, *Os livros nossos amigos*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1999, p. 42.

⁶⁸ Idem, p. 43.

Realizei algumas entrevistas com o objetivo de verificar hábitos de leitura em diferentes perfis. Foram ouvidas 22 pessoas, num universo de informantes entre médicos, advogados, editores, professores, estudantes, entre outros, de diferentes sexos e idades. Procurei assim entender diferenças ou semelhanças na formação da biblioteca pessoal e do hábito da leitura. Após as entrevistas, para melhor divisão dos assuntos abordados, organizei as respostas dentro de nove temas: 1. O Mito de Origem/Cânones, 2. A Ordem e a Desordem, 3. O zelo e o ciúme, 4. Os cuidados, 5. A relação com o objeto, 6. Hábitos de leitura, 7. A transmissão, 8. A aquisição e 9. Casos interessantes. Não mencionei os nomes reais de meus entrevistados para melhor resguardá-los e assim ter maior liberdade nas análises das entrevistas. Salvo em relatos como o do Dr. José Mindlin, que já caíram em domínio público.

Segue tabela com dados dos meus entrevistados:

		Ano de Nascimento	Local de Nascimento	Formação	Pós Graduação	Profissão	Estado civil	Número de filhos	Formação do pai	Formação da mãe
Ana Paula	1	1962	Belo Horizonte	Medicina	não	Professora	casada	três	Engenharia	não
José Mindlin	2	1914	São Paulo	Direito	não	Empresário/ ex-Secretário da Cultura	viuvo	três	não	não
Osmar	3	1960	São Paulo	Economia	Mestrado	Empresário Autonomo/ Professor	casado	dois	não	não
Márcia	4	1979	São Paulo	Letras	Mestrado	Professora	solteira	não	Economia	Geografia
Claudia	5	1956	São Paulo	Administração Pública	Doutorado	Empresária/ocupou importante cargo público ligado a cultura	casada	cinco	não	não
Estela	6	1952	São Paulo	Psicologia	não	Psicóloga	separada	um	não	não
Mario	7	1951	São Paulo	Ciências Sociais	Mestrado	Cineasta	casado	um	Engenheiro	Advogada
Alexander	8	1980	São Paulo	Economia	não	Economista	solteiro	não	Adm e Economia	não
Grazielle	9	1984	São Paulo	Cursando Administração de Empresas	não	estudante	solteira	não	não	não
Frederico	10	1984	São Paulo	Cursando Direito	não	estudante	solteiro	não	Administração de Empresas	não
Roberto	11	1965	Rio de Janeiro	História	não	Analista de sistemas	solteiro	não	Técnico em Contabilidade	não
Cristiano	12	1977	Santa Catarina	Psicologia	não	Psicólogo	solteiro	não	não	não
Renata	13	1987	São Paulo	não	não	estudante	solteira	não	Biologia	História
Paula	14	1878	São Paulo	Ciências Sociais	não	não	casada	não	Advogado	não
Gabriel	15	1970	São Paulo	Filosofia e Direito	Doutorado	professor/ ocupou importante cargo público ligado a educação	solteiro	não	não	não
Angela	16	1954	Rio de Janeiro	Economia	Matemática financeira	economista	casada	dois	não	não
Amélia	17	1956	São Paulo	Psicologia	não	Psicóloga	casada	três	médico	professora
Miriam	18	1947	Londrina	Música, Direito e Jornalismo	não	Editora	solteira	não	não	não
Rita	19	1976	São Paulo	Jornalismo	não	Revisora	solteira	um	jornalista	publicidade
Hélade	20	1952	São Paulo	Biblioteconomia	não	Restauradora de Livros	x	x	x	x
Ivan	21	1953	São Paulo	não	não	marceneiro	x	x	x	x
Pedro	22	1947	Rio de Janeiro	não	não	Editor	solteiro	não	engenheiro	não

1- O Mito de Origem/Cânones:

Cada um dos meus entrevistados relatou diferentes histórias sobre a origem de suas bibliotecas e de suas preferências de leitura, contando como um livro leva a outro e a diferentes caminhos de leitura.

Muitos “herdaram” seus primeiros livros de seus pais e avós, que tinham o hábito da leitura e incentivaram seus filhos e netos. Posteriormente, esse hábito foi continuado e desenvolvido e a biblioteca foi aumentando de acordo com a área de interesse de cada um dos meus entrevistados. Há também os casos em que a leitura foi incentivada por professores, bibliotecários e amigos. Citarei alguns exemplos de cada uma das minhas constatações.

Muitas vezes não pude comprovar a existência dos livros mencionados como preferidos ou mesmo áreas de interesse e livros lidos. Não me importa se o que meus entrevistados disseram que leram é verdadeiro ou falso, o que importa é que existem certos autores respeitados e consagrados pelos leitores e que, mesmo que não tenham sido lidos

realmente, apareceram nas respostas. Machado de Assis, Graciliano Ramos, Eça de Queiroz, Gabriel García Márquez, Tolstói, Goethe, Dostoiévski, entre outros tantos, foram autores mencionados em quase todas as entrevistas e, portanto, de grande reconhecimento e importância pela cultura dominante, mais adiante segue tabela com todos os cânones mencionados em cada entrevista.

Walter Benjamin, no texto “Desempacotando minha biblioteca”, descreve que ao arrumar seus livros encontra dois volumes já desbotados de álbuns de figurinhas que herdou de sua mãe, quando criança. “A herança é a maneira mais pertinente de formar uma biblioteca. Pois a atitude do colecionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação a sua posse. É portanto, no sentido mais elevado, a atitude do herdeiro. Assim a transmissibilidade de uma coleção é a qualidade que sempre constituirá seu traço mais distinto”.⁶⁹

Plínio Doyle, ao escrever sobre o surgimento de sua biblioteca, conta sobre a evolução de seu gosto pela leitura: “Sempre gostei muito de ler e sempre fui amigo dos livros. Minha primeira leitura, assim como a de várias gerações de brasileiros, foi o Tico-Tico, que me deliciava às quartas-feiras com as histórias de Reco-Reco, Bolão e Zé Macaco e as ilustrações a cores de J. Carlos, Storni e outros. Com o tempo fui lendo alguns livros que meu pai tinha, misturados aos seus de matemática, doados à Escola Politécnica quando ele faleceu. Lia tudo o que encontrava. Não havia muita variedade, mas havia Machado, que eu naturalmente li – sem entender. O hábito de leitura sempre existiu e com a entrada na faculdade, onde encontrei muitos intelectuais, esse hábito aumentou pela convivência, pois era quase forçado a ler as novidades para poder participar das conversas”.⁷⁰

Plínio Doyle, em *Uma Vida*, conta que não foi só o amor ao livro que fez com que juntasse 25 mil títulos. Segundo ele, tudo começou com uma crítica de Machado de Assis ao livro *Mãe*, de José de Alencar. Então era preciso ler *Mãe*, e saiu à procura do livro, que só foi localizado na Biblioteca Nacional, onde foi lido e relido. Exemplar para a sua coleção não encontrou jamais. Isso que aconteceu com *Mãe* marcou o início de sua biblioteca, “uma referência lida a um livro, saía à procura dele; uma menção a um autor levava-me a procurar seus livros. Passei a me interessar ainda pelas revistas brasileiras,

⁶⁹ Idem, p. 234.

⁷⁰ Doyle, Plínio, *Uma vida*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra e Edições Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 59

onde pudesse ler um Machado, um Alencar, um Macedo. O proveitoso resultado dessas buscas foi a reunião de minha biblioteca. Devo esse mundo, de que cuidei sempre com amor e carinho, como requerem os livros”.⁷¹

Nas entrevistas que seguem, poderemos conferir diversos relatos, seguindo esse mesmo formato do de Plínio Doyle e Walter Benjamin, onde os entrevistados relataram como surgiu seu hábito de leitura e a evolução de autores pela qual passaram ao longo de suas vidas, muitas vezes, desde o que seus pais liam, o que leram quando criança, seus autores prediletos nos dias de hoje até chegarem a justificar suas bibliotecas pessoais.

Minha primeira entrevistada, Ana Paula, disse ter tido o hábito da leitura desde criança, pois seus pais sempre leram muito em casa, antes de dormir, e mesmo pequena ela ganhava livros de presente.

Disse que freqüentou bastante a biblioteca da escola, o que incentivou muito seu hábito de leitura, pois a bibliotecária era ótima e indicava livros adequados para as crianças. Além disso, era muito estimulante o ambiente de leitura da biblioteca, com troca de informações de livros lidos entre as crianças que a freqüentavam.

Mais tarde, durante a faculdade de Medicina, foi obrigada a redirecionar suas leituras e, pela falta de tempo, deixou de ler histórias e romances para ler os livros da faculdade. Hoje em dia conserva apenas poucos exemplares dessa época universitária. Atualmente seu interesse de leitura está voltado para a antroposofia e teologia.

Além dos livros sobre religião e antroposofia, encontrei em sua biblioteca muitos livros sobre música brasileira, especialmente bossa nova e, entre eles, vários sobre Tom Jobim. Ela me contou que há uns cinco anos fez um grande estudo sobre a vida desse compositor que acabou virando uma exposição com palestra e fotografias. Ela toca piano e violão, adora bossa nova e procura ler sobre a vida desses compositores. Achei livros sobre contos de fada e fábulas, que ela justificou como fazendo parte de seus interesses de estudo. Tinha também a coleção completa do *Harry Potter* e do *Senhor dos Anéis*, livros que ela leu junto com os filhos. Além de romances de Isabel Allende, Gabriel García Márquez, Machado de Assis, Eça de Queiroz e Goethe.

Na entrevista com o Dr. José Mindlin, quando perguntado sobre o surgimento de sua biblioteca e de seu gosto pela leitura, disse que sua família sempre incentivou esse

⁷¹ Idem, p.62

hábito, que ele nasceu em meio a quadros e livros, e acha que transferiu para os livros o amor de seu pai pelas artes plásticas. Seus pais nasceram na Rússia, se casaram e vieram para o Brasil, cada um já com sua coleção de quadros e livros, o ambiente da casa estimulava a atividade intelectual. Ele diz que essa curiosidade intelectual e um adequado senso de valores na vida foram as principais heranças deixadas por seus pais, que mais tarde procurou também transmitir a seus filhos.

Sua biblioteca foi formada de acordo com suas leituras, primeiro se encantava com o livro, depois com o autor e então comparava todos os livros daquele autor, e só depois surgiu seu interesse pelas primeiras edições. Comprava muitos livros em sebos, mas não se interessa apenas por livros raros, também compra muitos livros de leitura corrente, brasileiros e estrangeiros. E durante a formação de sua coleção de raridades, aprendeu ainda jovem que não importa a idade do livro, o que importa é o conteúdo da obra, o valor histórico ou gráfico de uma edição. E muitos outros fatores, como um erro em uma primeira edição que foi corrigido na segunda.

Parece-me que quando criados em uma ambiente de leitura, as crianças gostam, mesmo antes de saber ler. Essa é a melhor maneira de estimular um hábito, ou como diz o Dr. José Mindlin, de “espalhar um vírus”. O hábito da leitura sempre foi cultivado em sua casa e por toda a família, conseqüentemente as crianças gostam de ler, talvez primeiro para ganhar o reconhecimento dos pais ou pelo simples fato de crescerem em um ambiente onde o tempo livre para a leitura descompromissada seja valorizado.

Outro de meus entrevistados, Osmar, relatou que seu hábito de leitura também foi incentivado pela família, seus pais sempre leram muito em casa, quando ele era criança, sua mãe ainda gosta muito de ler e ainda hoje trocam livros e indicações de leituras, apesar de ela se interessar mais por romances e ele por livros de guerra, história e os grandes clássicos gregos e romanos.

Quando criança, passou muitas tardes na Biblioteca Pública do Ipiranga, lendo e estudando. Depois que casou e mudou-se para o centro da cidade de São Paulo, deixou de frequentar aquela biblioteca. Atualmente, utiliza as bibliotecas das universidades em que estudou e onde trabalha.

Ainda guarda o primeiro livro que ganhou, quando criança, é um livro sobre a Guerra de Tróia, que hoje pertence à sua filha mais velha. Tem muitos livros que herdou da

família, até alguns que foram de seus bisavós. Além de sua paixão pelos livros, gosta muito de música clássica, principalmente Mozart. Tem muitos CDs de música clássica na sala, em prateleiras próprias para eles, mas que ficam perto dos livros.

Acredita que é importante incentivar o hábito de leitura em suas filhas, principalmente na mais velha, de dez anos, pois a mais nova ainda tem três anos. Leva as crianças à livraria freqüentemente, e as deixa escolher os livros, aleatoriamente, de acordo com a vontade de cada uma. Disse que a menor, de três anos, é mais dispersa e agitada e fica impaciente rapidamente, mas sua filha mais velha, de dez anos, adora passar as tardes na livraria com o pai e fica horas folheando livros na sessão infantil, com o maior prazer. Ele, portanto, incentiva esse hábito na menina, retornando à livraria sempre que possível.

Encontrei poucos romances em sua biblioteca, porém muitos livros clássicos de literatura greco-romana, filosofia, livros de história sobre o Brasil Colônia, e sobre a Segunda Guerra Mundial. Gosta muito de Keynes, Kissinger, e entre os grandes clássicos adora Tucídides e Tito Lívio.

Outro caso interessante é o da entrevistada Márcia. De acordo com ela, sua biblioteca surgiu do gosto pela leitura desenvolvido desde criança, principalmente por sua mãe que é professora de geografia, atualmente aposentada. Desde cedo leu muito, compactua do hábito de leitura com sua mãe. Os livros que formam a biblioteca da casa são das duas, apesar da maioria pertencer a ela, Márcia. Gosta tanto de ler que optou pela graduação no curso de Letras, o que acentuou ainda mais seu gosto pela leitura e, conseqüentemente, fez crescer sua biblioteca.

Em sua biblioteca aparecem alguns poucos livros infantis, ainda da época em que era criança, quase todos presentes de sua mãe, mas também há outros infantis adquiridos recentemente, como *As reinações de narizinho*. Ficam no escritório, em uma prateleira especialmente a eles designada. “Como minha mãe era professora, tinha desconto nos livros comprados direto das editoras, portanto sempre ganhei muitos livros”.

Seus pais sempre liam para ela antes de dormir e freqüentemente a presenteavam com livros. Sua mãe sempre leu mais do que o pai, “meu pai é mais preguiçoso”. Seus tios e avós moraram em sua casa, até falecerem. O avô gostava muito de ler, freqüentava a biblioteca do bairro da Liberdade, para ler em japonês e, quando ele morreu, acharam em suas coisas vários livros interessantes. Minha entrevistada contou que encontrou entre os

livros de seu avô a *Idade da Razão* de Sartre, em japonês. Sua casa sempre foi muito cheia de gente, em algumas épocas toda a família morou junta, por falta de espaço, quando criança, ela dormia com seus pais, no mesmo quarto. Seu pai trabalhava muito e não sobrava muito tempo livre para a leitura, sua mãe também trabalhou muito, mas tinha sempre um livro na cabeceira de sua cama, durante muito tempo estava na cabeceira da cama de sua mãe *Vidas Secas*, e depois *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

A leitura nunca foi um costume forçado ou planejado, seus pais sempre trouxeram livros para casa e leram muito e naturalmente esse hábito foi transmitido para ela. “Ler aqui em casa sempre foi natural”. “Meus pais sempre fizeram piada com a história de uma lesminha que se atrasava para festa porque gostava muito de ler”. Essa era uma das suas histórias preferidas, com três anos, mesmo sem saber ler, pegava o livro e sabia de cor toda a história da lesma.

Sua biblioteca é formada basicamente por romances, de escritores de diversas nacionalidades, e épocas diferentes. Segue o conselho de uma de suas professoras do curso de Letras, que incentivava a leitura de textos alternativos além dos clássicos. Sempre pesquisa indicações de leitura e referências literárias nas orelhas dos livros que leu e gostou. Diz que escolhe o livro de acordo com os acontecimentos de sua vida, se está mais agitada, lê uma história policial ou de guerra, se está em uma época mais melancólica, procura um romance mais detalhista, enfim, lê um pouco de tudo, de acordo com sua vontade, lê por prazer. Gosta muito de Flaubert, Conrad e Albert Camus, um de seus livros preferidos é *A peste*, que relê de dois em dois anos, e também adora José Saramago. Recentemente leu o *Apanhador no Campo de Centeio* e adorou. Quando gosta de um autor tem o costume de comparar e ler todos os seus livros e se compra um livro importante, pesquisa a melhor edição do livro desejado.

Minha entrevistada Cláudia, que ocupou cargo público na área da cultura, contou sobre o surgimento de sua biblioteca de atualmente cinco mil livros. Grande parte foi acumulada durante sua vida, desde a infância por incentivo da família, outra parte veio com os estudos durante a época da faculdade, mais tarde acumulou livros sobre educação de crianças, pois criou cinco filhos, três do primeiro casamento do marido e dois seus, e depois vieram os livros referentes à vida pública, interesses profissionais, sem esquecer os livros voltados ao lazer, de interesse pessoal de minha entrevistada. Ela acabou de herdar uma

grande biblioteca de seu tio-avô, romeno, que morava em Paris e que, ao falecer, deixou-lhe esse presente em testamento. Os livros ainda estavam em Paris, pois sua tia-avó, de 95 anos, ainda era viva. Com sua morte, há cerca de um ano, a biblioteca inteira de seu tio-avô veio de navio para sua casa, “um presente desse tamanho merece um tratamento especial”. Setenta por cento dos livros desta biblioteca são em francês, 20% em romeno, alguns livros em russo e em grego. De acordo com minha entrevistada, o romeno é uma língua latina e, portanto, com um dicionário, fica fácil de ler. Mas dos livros em russo não reconhece nem o título. Os franceses são fáceis, pois o francês é sua primeira língua, só veio a aprender português na escola.

Ao fim da guerra, seu pai foi primeiro para a França, começou os estudos superiores, depois percebeu que se ficasse por lá não faria nada, pois segundo ele Paris era muito interessante para que conseguisse se concentrar nos estudos, então veio para o Brasil e começou a trabalhar. Profissional liberal, montou uma oficina de consertos de rádio e depois televisão, e mais tarde uma oficina de ferramentas, que foi crescendo. Sua mãe, sobrevivente do Holocausto, fugiu da Hungria em 1944, mas o Brasil não reconheceu os estudos do primeiro grau que ela tinha feito no exterior, não completou a terceira série ginásial, referente à sétima série no Brasil, e com 17 anos não teve como voltar a estudar, foi trabalhar. Apaixonada por matemática, sempre foi autodidata, foi da primeira turma de analistas de sistemas da IBM no Brasil, teve primeiro lugar no curso de análise, apesar de não ter nem ginásio completo.

Tanto seu pai quanto sua mãe sempre cultivaram o hábito de leitura, liam romances franceses e húngaros. Minha entrevistada acredita que são os pais que estimulam a leitura em seus filhos, sempre viu seus pais lendo muito. Quando crianças iam, os três irmãos, para a cama dos pais que estavam sempre cada um lendo um livro, e liam junto com eles. Assim como ela, um de seus irmãos, gosta muito de ler e também possui uma grande biblioteca, porém menor que a sua.

Cláudia, desde criança, sempre pediu livros de presente e gastava toda a sua mesada com eles. Sua mãe, então, descobriu a biblioteca infanto-juvenil Monteiro Lobato e ela passou a frequentá-la, dos 12 aos 23 anos. Saía da escola, almoçava e ia a pé para a biblioteca, uns 30 minutos de caminhada. “Foi uma maravilha”, encontrava pessoas que também gostavam de ler, participava de concursos de poesia e lá a bibliotecária era

maravilhosa, “não era nem a bibliotecária-chefe, mas uma boa bibliotecária”, que a ajudou muito a desenvolver ainda mais seu gosto pela leitura. Teve também a mãe de uma amiga, na época pró-reitora no Mackenzie, que durante as férias em Serra Negra reunia toda a turma em sua casa e lia em voz alta as tragédias gregas, porque havia estudado grego e gostava muito. Acredita que todas essas influências ajudaram-na a formar seu gosto pela leitura e acumulação de livros em casa.

Portanto, ao criar os filhos, procurou transmitir-lhes esse hábito. Quando ainda eram crianças, leu para todos eles, inclusive para os do marido, até os 12 anos. Seu caçula pediu que ela continuasse até os 14 e em sua casa todos liam 30 minutos antes de dormir.

Sua biblioteca é bastante diversificada, acredita que “uma biblioteca pessoal reflete as várias fases de vida de seu dono”. Durante um tempo quis censurar sua biblioteca, a cada nova fase achava que deveria se desfazer dos livros da fase anterior, “minha biblioteca seria muito maior se não tivesse descartado tantos livros”. “Teve a fase em que estava voltada para o início da carreira, tinha muitos livros de administração, que foram descartados com o tempo. Na fase de militância de esquerda, tinha livros de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Ilitch Lênin, entre outros, muitos dos livros dos quais também foram descartados, mantive apenas os mais significativos. Na fase de criação dos filhos, li muito sobre educação e psicologia infantil. Depois percebi que era um erro, não preciso esconder as diferentes fases de minha vida, todas foram importantes. Desde então não me desfazo mais dos livros, essa atitude refletiu uma maior maturidade”.

Atualmente lê muita literatura, filosofia, ciência política e livros técnicos sobre como combater a pobreza, ligados a políticas públicas. “Gosto de bons livros”. O escritor brasileiro de que mais gosta é João Guimarães Rosa, “o Machado de Assis é mais cerebral, já o João Guimarães Rosa fala para alma, ele tem um lado mulher, que talvez o Machado de Assis não se permitisse”.

Atualmente está lendo também o Mário Vargas Llosa, “esse escritor foi uma descoberta do final dos anos setenta”, leu praticamente todos os livros dele, seu preferido é *Guerra do fim do mundo*.

Acabou de ler o livro *Hungria 1956*, que apresenta três coincidências: 1956 é seu ano de nascimento; Hungria, a terra da sua mãe e Hungria 1956 foi um grande levante popular contra o stalinismo, que trata de um termo atual de trabalho, a liberdade da

democracia. Gosta muito de Thomas Mann. *A montanha mágica* foi um dos livros que mais gostou na vida. Gosta muito dos russos, Fiódor Dostoiévski, León Tolstói, Anton Tchecov, entre outros. “Tem um poeta russo chamado Ievtuchenko, não muito conhecido no Brasil, mas que teve um romance traduzido para o português, um livro em que ele fala do Brasil, chamado: *Não morra antes de morrer*, publicado pela editora Record, que gosto muito”. Gosta também de Patrícia Melo, Rubem Fonseca e Milton Hatoum, “é um grande escritor brasileiro”. Leu o *Outro Oriente, Cinzas do Norte, Os dois irmãos*. “Os livros dele me deixam com febre, fico pensando no livro durante o dia e quando acaba lembro tempos depois do que li e relaciono com o momento que estou vivendo. Outro momento, em que também senti essa febre, foi lendo *Em busca do tempo perdido*, sofri e senti ciúmes junto”.

Claudia disse ler um pouco de tudo. “A grande vantagem de quem não trabalha com crítica literária e que lê por prazer é que pode ler tudo o que quiser, e misturar clássicos com contemporâneos sem receio”. “Continuam surgindo coisas que podem vir a se tornar clássicos”. Disse que acabou lendo muita coisa ruim por causa disso, mas leu também muita coisa boa. Deixa que seus instintos a guiem. Ela lê por prazer, sem necessidade de tentar teorizar demais. “Essa é a grande vantagem de quem não trabalha com isso, não é obrigado a gostar de algo que é reconhecido e se não gostar tudo bem”. Apesar de ter dito isso, os livros que ela mencionou na entrevista foram em sua grande maioria cânones da literatura.

Estela também justificou seu gosto pela leitura pela observação dos hábitos de seus pais, apesar de não ter podido herdar quase nenhum de seus livros, pois seu pai os vendeu por falta de dinheiro. “Meu pai perdeu todo o dinheiro em uma época e viveu muito tempo vendendo seus livros para comprar comida. Eram livros com uma belíssima encadernação, ou em marrom ou em vermelho e com as iniciais dele, por isso não sobrou nada, ele teve que vender tudo para comprar carne”.

Seus pais não tinham formação superior, mas sempre cultivaram o hábito da leitura, a lembrança de seu pai está automaticamente associada aos livros. “Ele gostava muito de ler João Guimarães Rosa, o que fez com que mais tarde eu lesse sua obra completa”.

Tem em casa livros de psicologia, pois é psicóloga de formação e atualmente trabalha como psicóloga do governo, ainda tem alguns livros da época em que estudou biologia, cursou alguns anos, mas não terminou essa faculdade. Disse ter muitos livros de

filosofia, e pouca coisa de literatura, apesar de dizer que gosta. Disse que tem mais livros técnicos e vai comprando à medida que precisa se informar. Compra bastante poesia por causa do filho, que, de acordo com ela, gosta muito.

“Gosto muito do Freud e do pessoal de análise existencial, Martin Heidegger, Michel Foucault, Merleau-Ponty, entre outros. Atualmente estou lendo muito Edgard Morin, estou encantada com o Pensamento Complexo. Gosto de literatura latino-americana, realismo fantástico, Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e Isabel Allende”. Disse que: “Freud foi muito importante em minha vida, comecei a pensar em mim de acordo com suas teorias e me fez repensar muitas coisas. A fenomenologia me impressionou muito e hoje em dia o que está me impressionando também é o Pensamento Complexo do Morin”.

Reclamou do preço dos livros e disse que compra muito essas edições de bolso, vendidas em bancas e estações de metrô. Mas não vi nenhum desses livros em sua biblioteca.

A todo o momento, durante a entrevista, sua irmã, que estava na sala, entrava na conversa e respondia também, percebi que o hábito de leitura era muito importante na família, as duas falavam dos livros do pai com muito orgulho.

De acordo com minha entrevistada, seu filho também gosta muito de ler. “Apesar de não ter tido muita paciência de ler para ele, era um esforço, era chato demais, não gostava de livros infantis, mas acho que meu filho gosta de ler, porque aqui em casa eu e meu marido sempre lemos muito”.

Provavelmente esse foi um discurso produzido durante a entrevista. Ficou claro que a família admira e reconhece o valor do hábito de leitura, por outro lado, a verdadeira paixão pelos livros não ficou evidente durante essa entrevista. Estela fez esforço para responder as minhas questões, de forma mais distinta possível, de acordo com seus valores culturais, mas não demonstrou real afinidade com o “mundo dos livros” e da leitura.

Minha entrevista com Mário aconteceu no estúdio de trabalho dele, durante o intervalo de uma gravação, foi uma conversa apressada. Ele é cineasta e atualmente está dirigindo as gravações do Telecurso da Rede Globo. Foi uma pena não ter podido conversar com ele em sua casa, conhecer sua biblioteca.

De acordo com ele, seu gosto pela leitura foi estimulado primeiro por seu avô paterno, um comerciante que gostava muito de ópera e canto lírico, “com um lado cultural

muito desenvolvido”, que lia muito e valorizava muito o hábito da leitura, estimulando filhos e netos. Mário tem duas irmãs, mas que não gostam de ler assim como ele, durante a entrevista atribuiu parte desse desinteresse pela leitura das irmãs ao fato delas frequentarem pouco a casa desse avô paterno.

Por outro lado, Mário foi muito ligado a Gofredo Silva Telles Neto, filho da Lygia Fagundes Telles, moraram juntos em Paris nos anos de faculdade de sociologia, pois teve que sair do Brasil nos anos 70, por problemas políticos. Conheceu o Gofredo através de seu primo Fernando Silva Telles, que meu entrevistado conheceu no Colégio Vocacional do Brooklin. “A atividade da leitura era muito considerada nesse tipo de escola. O ensino vocacional dos anos 60 tinha novas propostas e que incentivavam muito a leitura”.

Frequentou muito a casa de Lygia Fagundes Telles e de Paulo Emilio, passou muitas férias na fazenda deles. Disse que tinha um enorme fascínio por Paulo Emilio, que, por ser amigo e também crítico de cinema, estimulou muito sua leitura. Ele tinha o costume de fazer serões aos frequentadores de sua casa. “Muita gente que faz cinema no Brasil hoje conheci ali, na casa do Paulo, em bate papos, como Cláudio Campos e Chico Botelho. Esse ambiente era extremamente estimulante à leitura”.

Começou a trabalhar cedo e foi assistente de um diretor de teatro chamado Fernando Peixoto que, segundo ele, era “rato de biblioteca”. Ele também o incentivou muito, ensinando-lhe uma leitura mais dirigida e organizada, dando diretrizes à sua leitura. Nessa época, leram juntos toda a obra de William Shakespeare, de forma organizada, desde as primeiras peças e depois o que complementava.

Recentemente releu todos o livros de Plínio Marcos, comprou aqueles que faltavam para completar sua coleção, e usou alguns como fonte de inspiração para produção de uma peça de teatro. Além de livros, sua biblioteca tem muitos textos, roteiros de peças e cinema, encadernados em forma de apostila.

Um de seus escritores prediletos é William Shakespeare: “Se o mundo fosse acabar e se estivesse em uma ilha deserta levaria as obras completas de William Shakespeare e teria diversão para o resto da vida”. Possui três livros com as obras completas de William Shakespeare, pelos quais ele tem um carinho muito especial, mas são em português, ele não lê em inglês. Fala bem francês e tem dois livros nessa língua, sobre os escritos de teatro de Bertolt Brecht, que são referência para ele, e frequentemente recorre a esses livros.

“Roger Martin du Gard, *Os Thibault* – foi essa coleção que fez a minha cabeça, os livros foram reeditados recentemente, é uma novela grande, um folhetim, uma saga descrita em cinco volumes. *Os moedeiros falsos* também foi uma coleção que adorei.”

Diz comprar muitos livros, de diversos assuntos, ligados à profissão, referentes a teatro, televisão e cinema, mas atualmente tem lido pouco sobre esse assunto. Tem muita literatura, se diz “um devorador de livros de muitos anos” e atualmente está em uma fase de literatura brasileira, temas ligados à realidade social, escritos por contemporâneos. Atualmente está lendo *Elite da Tropa*, escrito pelo ex-secretário de segurança nacional junto com dois ex-policiais, acabou de ler o último da Patrícia Melo e leu tudo do Rubem Fonseca.

Mencionou o carinho que tem pelos livros de uma edição muito bonita do Dom Quixote que ganhou da sogra recentemente. “Dom Quixote é apaixonante, esses a gente cuida com muito carinho. Minha sogra sabe de minha paixão pelos livros, foi uma enorme consideração ter nos dado esse presente”.

Tem mania de juntar livros e compra muito mais do que consegue ler. Recentemente dirigiu uma peça de teatro no Ruth Escobar e perto tem um sebo onde os livros estavam muito baratos, várias vezes se viu comprando trinta livros de uma só vez e que disse saber que não vai lê-los. “Uso muitos livros no trabalho para referência então é bom tê-los à mão para eventuais consultas”.

Ele e sua mulher estimulam bastante o filho de oito anos a ler e ele gosta muito. Sempre que possível fazem passeios até a livraria com a criança e deixam que ele percorra a loja e encontre os livros de sua preferência.

Alexander, outro entrevistado, justificou seu gosto pela leitura como sendo incentivado principalmente pela avó paterna. “Minha avó gosta muito de ler, sempre dava livros de presentes aos netos”. Desde criança, sempre ganhou muitos livros e adorava Asterix. Disse que seus pais lêem bastante, apesar de eu ter visto poucos livros pela casa.

Falou que seu pai já foi um grande leitor, porém atualmente está lendo cada vez menos, transferiu sua paixão pelos livros ao gosto pelo cinema, passa horas revendo filmes antigos e assistindo a novos filmes também.

Além disso, disse que convive com pessoas que lêem bastante, em seu trabalho e em suas relações sociais; sua namorada, também economista, gosta muito de ler e indica vários livros para ele.

Disse gostar muito de Thomas Friedman, James Clavell, Eric Hobsbawm, adora Dan Brown e tem a coleção completa do *Senhor dos Anéis*. Lê muitos livros sobre guerra e acontecimentos históricos, procura livros em inglês para se aprimorar na língua. “Gostaria de conseguir ler Gabriel García Márquez, assim como minha namorada, mas não consigo, já tentei várias vezes, mas largo a leitura no começo. Gosto de livros que me pegam desde a primeira página, livros que eu demoro em me sentir interessado eu deixo de lado”. A maioria dos livros que lê é indicações de amigos, segue também as indicações do jornal sobre os mais vendidos no mundo.

Alexander não me pareceu realmente familiarizado com o gosto pela leitura, de acordo com a entrevista, me pareceu que sua leitura, mais do que voltada para o prazer, está relacionada à intenção de constante atualização e informação. Mais adiante, ao analisar outros pontos dessa mesma entrevista, poderemos verificar essa pouca intimidade com os livros a que estou me referindo.

Conversei com mais uma entrevistada bastante jovem, a Grazielle, uma menina de 24 anos, não visitei sua biblioteca, conversei com ela na faculdade. Disse ter aproximadamente 550 livros, sem contar aqueles do ensino superior. Gosta de romances, biografias, livros policiais. “O objetivo da minha biblioteca é ter tudo aquilo que adoro, podendo assim ampliar meu conhecimento, cultura e diversão”. Gosta de Sidney Sheldon, Agatha Christie, Alexandre Dumas, Robin Cook, Danielle Steel, entre outros.

Acredita que seu gosto pela leitura foi incentivado pela mãe, que a alfabetizou em casa com cinco anos e sempre leu muito para ela quando pequena. Desde criança aprendeu o valor dos livros e começou a procurar e colecionar os de maior interesse. Ainda mantém alguns livros infantis em sua biblioteca.

Outro jovem entrevistado, Frederico, disse que desde bem novo sempre gostou de se manter informado, quer seguir a carreira política e se interessa por livros de guerra, política, biografias e alguns livros de arte. Começou agora a formar a sua biblioteca, tem aproximadamente uns duzentos livros, contando com os da faculdade de direito.

Disse que seu hábito de leitura surgiu por grande influência da irmã, dez anos mais velha, que sempre leu muito em casa e tinha o hábito de compartilhar suas leituras com todos da família. “Lembro-me quando eu era criança minha irmã lia para mim antes de eu dormir, gostei muito do *Diário de Anne Frank*, que ela leu, em uma dessas ocasiões”. E também por influência de seu pai, que lê bastante, atualmente livros sobre sua área de atuação profissional. “Atualmente meu pai está preocupado em se manter informado e atualizado, procura ler lançamentos e livros mais vendidos indicados nos jornais, referentes a negócios, mas há alguns anos atrás lia livros de história, biografias e política internacional”.

Na biblioteca da casa pude encontrar a coleção completa do Monteiro Lobato e muitas biografias sobre compositores clássicos. Meu entrevistado disse que esses livros são de seu pai, que é pianista. Na sala da casa tem um belo piano de meia cauda, que costuma tocar em algumas noites, após o jantar.

Os romances que estão na estante são de sua mãe, que também gosta de ler. Encontrei muitos livros de Danielle Steel, Isabel Allende, Gabriel García Márquez, livros sobre psicologia e culinária, além da coleção completa dos clássicos editada pela Editora Abril “Os Imortais da Literatura Universal”, em 1972. Aquela coleção de livros de capa dura vermelha com escritos dourados. Ao perguntar sobre esses livros, meu entrevistado disse que eram de sua mãe, que herdou da mãe dela.

Achei interessante a entrevista com ele, pois me contou que primeiro começou a ler livros em formato de história em quadrinhos, inclusive Franz Kafka e biografias. Disse que era mais fácil ler os livros dessa forma, e com o tempo foi se interessando por livros em prosa, começou com biografias de Fidel Castro e Che Guevara, após uma viagem a Cuba, e depois passou a ler Karl Marx e Friedrich Engels. Gosta muito de livros sobre guerra e história.

Disse que recentemente leu *O cavaleiro da esperança*, de Jorge Amado, e gostou tanto que já comprou outros livros do escritor. De acordo com ele, adorou o *Triste fim de Policarpo Quaresma*: “Gostei tanto que, assim que terminei o livro, assisti ao filme diversas vezes”. E atualmente está lendo um livro de contos do Edgar Allan Poe. Mencionou também um livro que gostou, a biografia de Sérgio Vieira de Melo. “Me

interesse muito pela história de meus avós, da Tchecoslováquia, judeus que estiveram no campo de concentração. Leio muito sobre essa época e sobre Israel e Palestina”.

Já o Roberto, mais um entrevistado, tem um gosto de leitura bastante peculiar, bem diferente de meus outros entrevistados, um tanto quanto “sanguinário”. Essa entrevista aconteceu na faculdade. Sua biblioteca é formada por livros de não-ficção, principalmente livros de história, sociologia e antropologia, de acordo com ele, possui aproximadamente 600 livros.

Não tem muitos romances ou biografias. Seus autores preferidos são: Gitta Sereny, pois ela gosta de investigar personagens que, apesar de formação e aparência absolutamente normal, cometem atrocidades. “Gosto dos livros sobre Albert Speer, arquiteto e ministro de armamentos e produção industrial do III Reich e Franz Stangl, o carrasco de Treblinka, “são fabulosos”. “Essa escritora também escreve sobre crianças que cometem assassinatos”. “Outro livro que eu adoro, pelo tema e porque é muito bem escrito, é *Eu Não Sou Cachorro Não*. É a tese de mestrado do historiador Paulo César de Araújo e revela um assunto pouco conhecido, a perseguição dos compositores “brega” pela ditadura militar”. Atualmente está lendo Richard Sennett, *A Corrosão do Caráter e Respeito*. Gosta também de Umberto Eco, Frederick Forsyth, Jorge Amado, entre outros.

Começou a ler pegando os livros da Agatha Christie de sua mãe. Depois, foram os livros que comprava na banca de jornal, “os preços eram convidativos e o primeiro da série que vendia na banca em 1979 foi *O Dia do Chacal* de Frederick Forsyth, fiquei fã. Mas o primeiro livro que não consegui largar foi *O Gênio do Crime*, quando tinha 10 anos”.

Cristiano justifica sua paixão pelos livros por influência de seu pai, que toda a noite lia para ele quando chegava do trabalho. Ele sempre trouxe livros para casa e estimulava a leitura dos filhos lendo junto com eles e sempre que possível presenteando as crianças com novos livros.

Disse que lembra do dia em que seu pai e ele foram até a biblioteca pública da cidade para fazer seu cadastro, ele tinha seis anos de idade e desde então passou a frequentar a biblioteca pública assiduamente, hábito que mantém até os dias de hoje, “apesar da falta de tempo sempre dou um jeito de ir até a biblioteca, gosto da calma que os livros me passam”.

Sua biblioteca é formada por livros de psicologia, ligados à sua atividade profissional e para fins de pesquisa, e o restante “foi montado para ter por perto aqueles amigos queridos sempre à mão”. De acordo com ele, pensa sua biblioteca como um patrimônio que está construindo para sua velhice, quando terá mais tempo para se dedicar à leitura e é também “algo realmente de valor que vou deixar aos meus descendentes”.

Há aproximadamente 400 livros em sua casa entre literatura japonesa, literatura infanto-juvenil, livros de epistemologia, psicologia e educação. Gosta muito de literatura, diz preferir ler ficção aos livros técnicos voltados à sua área de trabalho.

Em sua biblioteca podemos encontrar títulos dos mais variados possíveis, desde romances russos, literatura infanto-juvenil, com uma seção inteira dedicada a esse assunto, até literatura moderna, livros de escritores de diversas nacionalidades, como: Balzac, Domingos Pellegrini, Salinger, John Fante, Gabriel García Márquez, Diderot, Milan Kundera, José Saramago, Junichiro Tanizaki, Ryunosuke Akutagawa, Carlos Sussekind, Charles Dickens, Rubem Fonseca, Phillip Pullman, Jorge Luis Borges, Andréa Camilleri, Pedro Juan Gutierrez, Dostoiévski, Ibsen, Fernando Pessoa, Horácio Quiroga, Juan Rulfo, Carl Sagan, Samuel Winchester, Carlo Ginzburg e Stephen Jay Gould, entre outros.

Minha mais nova entrevistada, a Renata, de apenas vinte anos, atribui seu gosto pela leitura, e conseqüente acumulação de livros, aos seus pais que sempre leram muito. “Minha mãe é professora de história e meu pai é professor de biologia, sempre tivemos muitos livros em casa. Acho que tomei o gosto pela leitura por causa do ambiente em que fui criada, sempre vi meus pais lendo muito.”

Tem alguns livros infantis em sua biblioteca, guarda com carinho a coleção completa dos livros do Monteiro Lobato que ganhou de seus pais, os outros livros infantis ela doou para a biblioteca da escola.

Diz que gostava de ler antes mesmo de saber. Seus pais liam muito para ela e pensava em um dia poder fazer isso por si só. “Meus pais são professores, então cresci cercada de livros e revistas, isso fez com que eu estivesse sempre lendo”.

Sua biblioteca, com aproximadamente 200 volumes, é, na maior parte, voltada para o prazer, entretenimento e estudo. Tem muitos livros sobre viagens e turismo, tem muitas obras clássicas, que comprou para “estudo”, diz que comprou apesar de não ser a pedido

dos professores e sim para ajudar na formação de sua opinião sobre assuntos como política e preconceito e também para ajudar no estudo de línguas.

“Na parte da biblioteca voltada para o prazer, encontram-se livros sobre mitologia greco-romana, egípcia, nórdica e céltica, e cinema, escritos por críticos, cineastas, incluindo alguns roteiros, todas as obras de J. R. R. Tolkien e alguns outros livros de fantasia, incluindo os da série *Harry Potter*. Gosto muito de Luis Fernando Veríssimo e Jurgen Muller, que escreve sobre cinema”.

Conversei também com uma socióloga, Paula, que disse gostar de ler desde criança. “Me lembro que aos oito anos, quando tinha feira de livro na escola, minha mãe me dava dinheiro para comprar apenas um livro, mas eu queria mais, então pegava escondido outros livros”. Disse que sua família paterna sempre gostou muito de ler e que a biblioteca da casa de sua avó era enorme. Seu pai e avô paterno sempre estavam com livros na mão e desde criança ganhou livros deles. Tinham o hábito de ler, cada um o seu livro e depois discutirem suas leituras.

Depois, quando sua mãe casou-se novamente, ainda quando minha entrevistada era criança, tinha cinco anos quando isso aconteceu, seu padrasto, que também gostava muito de ler, deu a ela *As reinações de Narizinho*, com dedicatória, que pude ver em sua biblioteca. Falou que ele tinha o hábito de ler uma página por noite de um livro sobre a história do Brasil, para ela e sua irmã, antes de dormirem, quando já estavam as duas na cama. “Meu padrasto também me incentivou muito. Me mostrava seus livros de criança, entre eles, a coleção completa de Monteiro Lobato, seus livros sobre a vida dos compositores clássicos, partituras de piano e também a coleção completa da enciclopédia “Tesouros da juventude”, mais tarde comprou a “Barsa”, para termos em casa e nos ensinou a usar com cuidado, isso antes da Internet, é claro. Mas ele tem esses livros até hoje”.

Por falar em roubar livros, tem um caso interessante no livro de crônicas e ensaios de Miguel Sanches Neto, *Herdando uma biblioteca*. Atentando sempre para o caráter muitas vezes ficcional de sua escrita, mas que acredito não ter importância já que usei também, além de relatos e crônicas, alguns exemplos de ficções, nessa dissertação: ele conta que quando criança, após ler um livro de Lima Barreto, na biblioteca pública de Peabiru, veio a vontade de ter o exemplar com ele, e como não tinha dinheiro para comprar livros, se viu impelido a “mutilar” o livro e arrancar a folha com a foto do autor, assim

como sua namorada que colecionava fotos de atores de novela, ele também queria ter seus ídolos por perto. Depois disso, conquistando a confiança da bibliotecária, passou a roubar alguns livros, entre eles os *Ensaio*s de Alceu Amoroso Lima. “Olhei a ficha de empréstimo: nunca ninguém o havia retirado. Ele estava ali esperando por mim. O amor aos livros e um sentimento de exclusão me levaram a esse crime, que depois defini como saudável ato de revolta contra a sociedade em que vivia”.⁷²

Hoje ele não precisa mais roubar livros, diz gastar boa parte de seu salário em livrarias e sebos. Mas confessa que quando visita um amigo, que tem algum livro que ele quer e não consegue encontrar, ainda sente vontade de pegar o livro desejado. “Afanaria, por exemplo, a primeira edição autografada de *Eu*, de Augusto dos Anjos, que vi no apartamento de Alexei Bueno, e todas as primeiras edições de Cruz e Sousa, cuidadosamente encadernadas, que manuseei na casa de Iaponan Soares, em Florianópolis. E também os originais de Cecília Meireles que se encontram com seu neto, Alexandre Carlos Teixeira, guardião da egoteca da avó, de retratos feitos por grandes pintores e da minúscula e tentadora máquina de escrever. Roubar livros que nos solicitam amorosamente é uma forma de herdar à força uma biblioteca que nos foi negada”.⁷³

Voltando à entrevistada Paula, sua avó paterna fazia tricô nas horas vagas, mas isso acontecia apenas enquanto seu avô não chegava do trabalho. Assim que ele chegava, a avó tinha que deixar o tricô de lado e pegar um livro. Seu avô dizia que o tricô “emburrecia” e gostava de ter toda a família junta, cada um com seu livro na mão.

Atribui seu gosto pela leitura por incentivo da família paterna e de seu padrasto, que sempre valorizou e incentivou esse hábito. Foi criada em uma família que além de ler muito, conversa bastante, trocando informações sobre conhecimentos adquiridos nas leituras e discutindo diferentes pontos de vista, de acordo com o que cada um havia lido.

Contou também que quando criança costumava estudar história, para o colégio, com sua mãe, e que essa lia o livro de história em voz alta para ela, durante tardes inteiras e depois perguntava e discutiam sobre o que elas tinham lido. “Nos estávamos estudando história real, mas do jeito que estudávamos parecia mais ficção”.

⁷² Sanches Neto, Miguel, *Herdando uma biblioteca*, São Paulo, Record, 2004, p.19.

⁷³ idem, p.20.

Formou sua biblioteca pessoal, primeiro com livros infantis, depois livros incentivados pela escola e pela graduação e finalmente por interesse próprio. Mais tarde herdou alguns livros do avô já falecido. Disse que começou a ler Jorge Amado aos 12 anos e depois foi passando para outro tipo de literatura. Hoje em dia, além dos livros de sociologia, ligados à sua formação, tem em sua biblioteca muitos romances clássicos, como Tolstói, Dostoiévski, Albert Camus, Ernest Hemingway, Victor Hugo, Dante Alighieri, Herman Melville, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Stendhal, Ivan Turgeniev, além de livros mais modernos, como os de Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Carlos Heitor Cony, Antônio Maria, Lygia Fagundes Telles, entre outros. Gosta muito de Virginia Woolf, tem vários livros da escritora, em inglês e em português. Tem metade de uma prateleira designada para as obras de Friedrich Nietzsche, todos os seus livros que foram publicados em português. Encontrei também muitas biografias, como as de Lou Andreas-Salomé, Isadora Duncan, do próprio Friedrich Nietzsche e Albert Einstein, entre outras. Atualmente está lendo livros de Sandór Marái, comprou tudo que foi traduzido deste escritor e, segundo ela, está encantada.

Outro entrevistado, o Gabriel, ocupou cargo público ligado à educação e tem uma história interessante sobre como surgiu seu gosto pela leitura e posteriormente pela escrita também. Ele freqüentava um asilo perto de sua casa, onde, junto com sua mãe, fazia um trabalho social e lá conheceu uma professora aposentada, chamada Senhora Ermelinda, que lhe emprestou os primeiros “livros difíceis”. Tinha oito anos e devorava Clarice Lispector, Sartre, Monteiro Lobato. Dona Ermelinda sempre perguntava sobre as leituras que ele tinha feito e conversavam sobre os textos lidos. Muitas vezes meu entrevistado dizia não ter entendido nada do que leu, mas gostava mesmo assim e continuava pegando livros com a Senhora Ermelinda e voltando ao asilo para troca de opiniões sobre as leituras.

Disse que sua mãe comprava livros por metro para enfeitar as prateleiras, então não tinha o costume de pegar livros em casa para ler. Sua família era ligada ao comércio e à indústria e, segundo ele, não valorizava muito esse lado literário. “Meus pais não liam nada, mais tarde meu pai ficou lendo o livro que eu escrevi sobre a vida dele”. Mas passava as tardes no asilo com a Senhora Ermelinda, que continuava a lhe emprestar muitos livros. Começou a escrever por sua causa também, pois ela corrigia e valorizava seus textos.

Lá no asilo ele pegava os livros, lia junto com a Senhora Ermelinda e comentava as leituras com ela. “Era uma atividade prazerosa, como um cerimonial”. Disse que se apegou demais àquela senhora, de quem cuidou até morrer. “Sempre mantive o hábito de visitá-la, no Natal, Ano Novo, dia das mães, em qualquer feriado. Quando voltava para minha cidade, ia ver Dona Ermelinda no asilo”.

Depois conheceu outras pessoas também muito interessantes que continuaram a incentivar seu gosto pela leitura. Lembra-se de freqüentar a chácara de uma escritora chamada Ruth Guimarães, também em sua cidade natal, para conversarem sobre literatura. “Naturalmente comecei a me apegar a pessoas que liam bastante, até para aprender mais, como meus professores de faculdade e orientadores de pós-graduação”.

Trabalhou mais tarde com Franco Montoro e via o significado do livro para ele que era um grande leitor e dizia que se deve ler muito por causa das palestras, para aumentar o repertório, para ter o que dizer.

Sua biblioteca tem a finalidade de proporcionar o prazer da leitura, gosta muito de literatura, compra muitas obras literárias pelo prazer de ler, algumas vezes as utiliza em palestras específicas, mas sua finalidade é proporcionar prazer. Tem muitos livros que ele comprou com intuito de pesquisa, ao escrever seus livros. “Como eu dou muitas palestras e leio muito sobre o assunto que estou escrevendo, eu compro muitos livros específicos para a pesquisa. Frequentemente escrevo sobre ética, então, apesar de já ter a maior parte dos clássicos desse assunto, eu pesquiso novos títulos.” Acontece também de comprar muitos livros para preparar aulas e se informar para os cursos que dá.

Tem muitos livros de filosofia, de comunicação, semiótica, sociologia, literatura e direito. “A maior parte dos meus livros são de filosofia e literatura. Adoro Clarice Lispector, Cecília Meireles, Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Fiódor Dostoiévski, Leon Tolstói, livros de literatura inglesa, literatura francesa, Flaubert. Leio muito o que estou com vontade de ler de acordo com a época. Tenho um pouco de tudo em minha biblioteca, dentro das minhas áreas de interesse e como falei, tem os livros que compro e leio para dar cursos. Por exemplo: dei um curso sobre Mariana Alcoforado, uma portuguesa que escrevia em francês, então fui pesquisar tudo que ela escreveu e as coisas que escreveram sobre as cartas que ela escreveu”. “Adoro Aristóteles, Platão, Sófocles, Cícero, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Francis Bacon, Maquiavel,

Rousseau, Etienne de la Boétie, Sartre, Simone de Beauvoir, Kant, entre outros”. Geralmente não compro esses livros “da moda”, os que acabaram de sair e são mais vendidos. “Claro que tem livros recém-lançados muito bons, adoro Adélia Prado, com seu estilo mais doce, diferente da Clarice Lispector que é mais sórdido e ácido, do qual eu gosto demais. Acho genial a brincadeira que a Adélia Prado faz com as palavras em sua poesia”.

Em sua biblioteca tem muitos livros infantis, mas não da época em que era criança, livros adquiridos recentemente, pois ele escreve livros infantis também e gosta de estar atualizado. Adora um que se chama: *História de Fadas*, de Oscar Wilde, disse que a Clarice Lispector tem livros infantis maravilhosos. Mencionou outros escritores atuais dos quais gosta muito, como: Mário Vargas Llosa, Gabriel García Márquez e Nérida Piñon, falou de seu livro recente, *Vozes no deserto*, uma outra visão das *Mil e uma Noites*, que ele disse ter adorado.

Minha entrevistada Ângela disse que seu hábito de leitura certamente foi incentivado por seu pai, “ele sempre gostou muito de ler e sempre trazia livros para casa, gostava muito de Machado de Assis e Eça de Queiroz”. Ela disse que lê muito por solidão, não costuma sair muito de casa, volta do trabalho e pega um livro. Hoje em dia passa muitas noites sozinha, lendo, enquanto o marido dorme, e mesmo quando as crianças eram pequenas, também esperava elas irem dormir para ler. “Nunca tive o hábito de ficar batendo perna por aí”.

Tem aproximadamente 450 livros em sua biblioteca. Lê única e exclusivamente por prazer, muita literatura brasileira, literatura e dramaturgia americana, européia, livros de história e arte. Seus escritores prediletos são Samuel Beckett, Dostoiévski, Virginia Woolf, Tennessee Williams e Shakespeare. Encontrei em sua casa muitos livros sobre história da arte, que minha entrevistada disse serem referentes a um curso que está fazendo, livros de viagens e dicionários.

Outra entrevistada, a Amélia, é psicóloga, nascida em São Paulo, casada com médico e tem três filhos, uma moça de vinte e cinco anos, um rapaz de vinte e dois e a caçula de dezenove. Seu pai é médico e sua mãe professora. Disse gostar de ler por estímulo da família, “tenho uma família de gerações de leitores, meu avô, médico, tinha uma biblioteca em casa, seus quatro filhos, principalmente meu pai, liam muito”.

Disse que após a morte do avô, sua biblioteca foi dividida entre os quatro filhos. Seu pai tem uma grande biblioteca em casa, com parte dos livros que eram de seu avô. Amélia disse que hoje, em sua biblioteca, também tem livros herdados do avô. “Quando casei, não tínhamos nada, apenas os diplomas e a vontade de morar juntos, levei minhas roupas e os móveis do meu quarto para o novo apartamento. Minha mãe, ao entrar em meu quarto em sua casa e vê-lo vazio, imediatamente mandou construir estantes e transformou-o em biblioteca. Antes, os livros do meu pai ficavam espalhados pela casa e depois que saí usaram meu quarto para fazer a biblioteca”. É a filha mais velha e a neta mais velha, sua avó era professora e não se lembra de não ler, aos quatro anos já era alfabetizada.

O presente que mais gostava de ganhar no Natal, ainda criança, eram livros. “O meu pai dava muitos livros para mim e meus irmãos, nos levava à biblioteca perto de casa e à biblioteca do clube, além do hábito de ler muito em voz alta para gente, todas as noites, quando chegava do trabalho. Leu Monteiro Lobato, a *Ilíada* em uma versão que ele tinha em espanhol, ele ia lendo e traduzindo ao mesmo tempo. Lia muita mitologia grega, hábito que me fez adorar esse tipo de leitura, até hoje.

“Lembro-me ainda criança de escutar a história de quando Ulisses voltou para casa e ninguém o reconheceu, só o cachorro, que chegou perto dele, o reconheceu e depois morreu de velho. Eu chorei muito com essa história, que me marcou até hoje, tanto que nunca esqueci. Entre os meus amigos da escola eu era uma das mais fanáticas por leitura, lia muito mais do que os livros obrigatórios, pedidos pela escola, às vezes preferia ler a brincar”. E sempre procurou estimular esse hábito em seus filhos. Disse que agora está mais fácil, tem muitas livrarias, quando ela era pequena, eram poucas.

Sempre que saía com seus filhos, ainda pequenos, acabavam indo a uma livraria. Eles cresceram indo a livrarias e tendo sempre muitos livros em volta. “Gostam muito de ler, cada um tem seus livros no quarto, lêem poesia, romances, minha caçula de dezenove anos tem todos os livros do Harry Potter”. “Gosto tanto de livros que até meus livros de cozinha são exagerados, ficam na sala de jantar e são muitos”.

Em sua biblioteca, nas prateleiras de baixo, tem muitos livros de criança, ainda da época em que comprava para os filhos. Hoje cada qual tem a maioria de seus livros no quarto, apenas alguns estão juntos com os dela. Tem os livros de Monteiro Lobato que eram do seu marido quando criança e uma coleção de Laura Engels, sobre os pioneiros

americanos. O restante de seus livros infantis está na casa de seu pai. Mencionou muito o pai durante a entrevista, disse que ele tem muitos livros de consulta, livros de arte, clássicos, mas poucos romances.

Quanto a ela, diz gostar muito de romance, dos clássicos, biografias, livros de arte, história e livros sobre livros. “Adoro Machado de Assis, William Somerset Maugham, Erico Verissimo, entre outros”. Quando me mostrou seus livros, puxou um da prateleira, *Nunca te vi sempre te amei*. Disse ter visto o filme, mas que o livro é muito melhor, pois tem uma passagem em que a personagem principal visita a livraria, que vai além do filme. Tem muitos livros sobre a história do livro, livros com imagens de grandes bibliotecas públicas e iluminuras. “Leio um livro, ele me desperta o interesse para outro, e assim vou guiando minha leitura. Adoro o tema da história do livro, e romances que são sobre livros e livreiros. Gosto muito de Agatha Christie, Flaubert, entre outros. Adoro livros de mistério e policiais. Leio muita biografia, acabei de ler sobre a vida de Richard Burton e adorei”.

Lê quase sempre em português, tem alguns livros em inglês e poucos em francês. Recentemente começou um curso de francês e pretende ler nesse idioma. Gosta muito de José Saramago, “tenho tudo dele”, além das obras completas de Machado de Assis e Érico Verissimo. Relê muito os livros que gosta, acredita que a cada leitura se tem uma visão diferente.

Conversei também com a Miriam que é editora, formada em Jornalismo, Música e Direito, nascida em Londrina, no Paraná, em 1947. Não é casada nem tem filhos, seu pai era banqueiro e sua mãe dona de casa. Disse que, desde sempre, lembra-se das pessoas lendo à sua volta e tinha uma curiosidade muito grande em entender aquilo que liam. Suas tias e a mãe passavam horas lendo as revistas, pareciam gostar, depois conversavam sobre as leituras. “Depois que acabavam os trabalhos de casa, elas liam e após a leitura, enquanto costuravam, conversavam sobre suas leituras”. Já seu pai, sempre que chegava do banco pegava um livro para ler. Gostava muito de livros de história, adorava as histórias do Egito, Alexandre o Grande, entre outras. “Aquilo me deixava muito curiosa, eu aprendi a ler com três anos e lia as revistas da minha mãe e a enciclopédia que meu pai comprou para mim e minhas irmãs, era uma enciclopédia em fascículos, com a capa azul, cheia de desenhos. Chegava um fascículo por mês e eu ficava ansiosa esperando o próximo capítulo”.

Seu pai comparava livros de representantes que vinham em casa, vendendo livros e coleções inteiras. Eram livros de Machado de Assis, José de Alencar, entre outros. Até uma certa idade era proibido mexer nos livros do pai, e isso aguçava ainda mais a sua curiosidade. A partir do momento em que aprendeu a ler, lia bastante, adorava ler. Desde pequena tinha uma enorme curiosidade, que não perdeu até agora.

Hoje em dia lê muita poesia, tem dois livros de poesia publicados, e adora ler ensaios. Leu bastante para as faculdades de Direito e de Música, não trabalhou com música, pois ficava muito aflita antes dos recitais, “tinha que ter muita dedicação, e no Brasil é difícil trabalhar com música, naquela época tinha uma idéia muito diferente do que se fazia nos recitais, achava que tinha que tocar música contemporânea e música brasileira, que é uma obrigação do artista brasileiro, tocar música do seu país, e na época os programas não eram desenhados dessa forma, normalmente, começava-se com os clássicos, depois os românticos, depois um pouco de modernos, um brasileiro e fim, o que acontece muito ainda hoje”. Ainda tem um piano de cauda na sala e toca de vez em quando. Atualmente o piano precisa de uma limpeza e de ser afinado, motivos pelos quais não tem tocado muito. Não tinha afinidade com o Direito, então trabalhou muito tempo como jornalista. Esta foi sua terceira faculdade, época em que leu muita literatura para fazer resenhas. Uma de suas irmãs também gosta muito de ler, já a outra lê menos.

Cinco dos meus entrevistados, além de gostarem de livros, gostam também de música clássica. Osmar, como já vimos, tem seus discos perto da estante de livros, o padrao da Paula, assim como a Miriam e a Ana Paula, têm pianos de cauda em casa, e o Pedro, como veremos mais adiante, também mencionou seu gosto por música clássica, em sua sala de visitas pude ver muitos discos. Isso nos remete aos estudos de Pierre Bourdieu, vistos anteriormente, sobre o *habitus* e estilo de vida da classe dominante. O gosto pela música clássica e pelos livros, assim como a intenção de formar uma biblioteca em casa, se referem a um estilo de vida da classe dominante, que se comporta conhecendo os instrumentos de apropriação, que representam distinções simbólicas. Talvez outros entrevistados também mencionariam a intimidade com esses instrumentos de apropriação, próprios da cultura dominante, se questionados sobre música clássica, mas essas afirmações que obtive sobre música, foram ditas espontaneamente, durante a entrevista, eu não os questionei especificamente sobre esse assunto.

Na biblioteca da Miriam tem muita poesia, livros sobre música, romance e ficção, história, livros sobre edição, ligados à sua profissão, biografias, livros sobre correspondências, história da literatura, história política, mas o que gosta mesmo de ler são ensaios. Gosta muito de Mário de Andrade, Simone de Beauvoir, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Jorge Luis Borges, Luís Vaz de Camões, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, entre outros. Recorre sempre à Enciclopédia Britânica, mesmo pesquisando no computador. “Não perdi o hábito de recorrer à enciclopédia, comprei essa coleção há anos, e gosto muito, tenho a última edição em que o Sigmund Freud é o autor sobre o artigo de psicanálise, já comprei mais duas pequenas enciclopédias de atualização”. Também tem muitos dicionários, em inglês, português, francês e espanhol. “Se eu fosse para uma ilha deserta e pudesse levar um livro, eu levaria um dicionário em que uma palavra puxa outra, é um dicionário analógico, traz os sinônimos e antônimos, chama-se: *Dicionário Analógico ou das Idéias Afins*. Tenho-o em português e francês”.

Dois de meus entrevistados, a Miriam e o Mário, falaram sobre livros que levariam para uma ilha deserta, mesmo sem ser questionados a esse respeito. A maioria dos livros da biblioteca de Miriam é comprada ou herdada de seu pai. “Antes de morrer meu pai já fez a divisão de seus livros entre mim e minhas duas irmãs”.⁷⁴

⁷⁴ Como a Miriam é editora, fiz algumas perguntas sobre sua relação com o escritor, com o livreiro e sobre o funcionamento do mercado de livros que acho interessante retratar, apesar de não ser o foco da pesquisa: Disse que freqüentemente recebe visitas de autor, recebe originais pelo correio e isso acontece em todas as editoras no mundo inteiro. “Quando tenho tempo passo o olho sobre essas coisas que recebo, no geral não valem nada, mas às vezes tem alguma coisa interessante”. Porém normalmente seu trabalho é pró-ativo, procura muita coisa, “entro em catálogos de editoras estrangeiras, procuro na Internet, fico atenta aos leilões, onde são oferecidos alguns títulos e coleções, mas é preciso muito dinheiro para participar desses leilões”. Sua editora trabalha com leitura profissional, leitura para executivos, um pouco de biografias, alguma coisa de literatura, memórias, comunicação, um pouco de livros de arte e edições especiais de livros feitos para empresas. Seu livro mais vendido é um livro sobre ensino de empreendedorismo, venderam 130 mil exemplares. “Quando temos um *best seller*, o livreiro nos procura e acaba olhando o catálogo inteiro, o que é bem diferente de quando procuramos o livreiro”.

“Para ganhar muito dinheiro tem que ter um golpe de sorte e em geral isso acontece com autores estrangeiros, normalmente os americanos. O fato de lançar um livro que faça muito sucesso não implica que o próximo livro do mesmo autor o fará. Por exemplo, Paulo Coelho fez sucesso na Editora Rocco, ele tinha um ou dois livros publicados por outra editora, que não tiveram sucesso, seu passe foi comparado pela Rocco, não sei o que fizeram que virou aquela loucura que nós sabemos, num determinado momento a Objetiva comprou o passe dele e a partir daí seus livros voltaram a não fazer mais sucesso. Agora ele está na Planeta, onde também não faz sucesso. Hoje, ele e a Rocco ainda colhem os louros da época em que estavam juntos. Ele aconteceu na Rocco”.

Conversei com a Rita, paulista, nascida em 1976, formada em Jornalismo com a profissão de revisora, solteira, com um filho de seis anos, seu pai é jornalista e sua mãe também revisora, com formação em publicidade. Ela disse que quando criança tinha poucos livros em casa, morava com sua mãe e irmão. Sua mãe era professora e chegava tarde, mas sempre incentivou o hábito de leitura nos filhos, levava-os à biblioteca e lia para eles à noite e nos finais de semana. Disse que sua mãe costumava ler livros de história para ela, livros que tinha que ler para preparar suas aulas, na época em que trabalhou como professora. Lembra também de ter escutado sua mãe lendo a Bíblia, para ela e seu irmão, antes de dormirem. “Não tínhamos muito dinheiro para comprar livros, então minha mãe lia

“Aposto em revelações, dificilmente pego alguém que esteja no mercado, a menos que seja um autor consagrado cujos livros tenham desaparecido, como fiz com o Plínio Marcos. Então, o autor no qual eu aposto é alguém que não faz nenhuma exigência, porque ele quer publicar o livro dele. No começo eles entendem tudo, depois ficam muito enjoados, porque ficam fazendo fiscalização nas livrarias para ver se o livro deles está lá, telefonam dizendo que passaram em uma livraria e não encontraram, que o amigo foi em outra livraria e também não encontrou”.

Segundo a Miriam, o problema do mercado é grandemente a distribuição. Ela faz distribuição terceirizada, salvo a da Livraria Cultura em São Paulo, onde tem um contato mais próximo. Disse que o mundo do livreiro hoje está complicado demais, tem mais de duzentos títulos novos por mês, não tem espaço para mostrar tudo isso. Tanto ela quanto os seus distribuidores vão até os livreiros e oferecem os lançamentos. Muitas vezes, quando é um autor novo o livreiro nem quer pegar para pôr na livraria, mesmo que seja em consignação, muitas vezes ele nem quer pôr no catálogo eletrônico da livraria para não sobrecarregar demais. “Então, atualmente no mercado brasileiro, nós fazemos livros para esconder. Quando comecei como editora, fazia uma edição de três mil exemplares, e metade distribuía em três grandes livrarias que consignavam essa parte e era venda certa, porque elas faziam pilhas, expunham o livro e essa metade da tiragem já pagava o custo do livro, os outros mil e quinhentos era fácil de colocar entre as outras distribuidoras e já era lucro. Quando dava segunda edição era uma maravilha, todo o livro que der segunda edição, se a editora tiver feito a conta certa, é lucro. Hoje em dia para vender dez livros para uma livraria é difícilíssimo, ninguém quer comprar livros. Porém, o livreiro também tem que ser esperto, se ele não comprar bem, não apostar nos títulos certos, ele perde. Nesse meio ainda tem o jornal e a revista que podem ajudar bem, tanto o editor quanto o autor, divulgando o livro, o que traz benefício também para o leitor, que toma conhecimento dos lançamentos”. De acordo com a Miriam, no Brasil não tem uma revista de resenhas ou que trabalhe mais os livros lançados, uma revista como a *Publishers Week*. Nesse ponto de vista as publicações das livrarias é que cobrem esse buraco. O leitor também perde muito, ele não encontra os livros novos. “Antigamente tinha um banco de dados de lançamentos que todo mês era atualizado pelas editoras, quem criou foi o editor da Nobel, era muito bom, era um projeto caro e voluntário dele, hoje em dia esse catálogo não existe mais. O leitor acaba sabendo por acaso dos lançamentos”.

“Temos um ramo em risco, disputamos tempo com cinema, televisão, Internet. Realmente falta um instrumento para chegar ao leitor e tentar fazer novos leitores, já que os novos leitores, tem medo de entrar na livraria, já que a livraria assusta. E é uma pena que isso esteja acontecendo em um momento onde o potencial de leitores só aumenta com a disseminação da educação. Todo o veículo de comunicação tem um começo tímido, depois uma subida grande e depois uma descida brusca e se estabiliza, nunca morre. O jornal, o teatro, o boletim, o cinema, nunca morreram, assim como o livro não vai morrer, a Internet esta aí e não matou ninguém, só deixa de ser um veículo de massa e passa a ser um veículo especializado e o livro já esta caindo para essa especialização”.

o que tinha em casa, apesar de não ser católica praticante, a Bíblia, naquela época, era o único livro que tínhamos em casa, então toda noite antes de dormir minha mãe lia um pouco da Bíblia para nós, eu e meu irmão”.

Tem aproximadamente setecentos livros em casa, em sua biblioteca encontrei livros sobre guerra e relações internacionais, filosofia, a “Barsa”, a coleção completa de Machado de Assis, muitos livros do Monteiro Lobato, Manoel Bandeira, Shakespeare, Gabriel Garcia Márquez, Pablo Neruda, Ruth Rocha, José Saramago, Rui Castro e a coleção completa do Fernando Pessoa. “Um dos meus livros preferidos é *O nome da rosa*, releio frequentemente.” Disse que adora *Cem anos de solidão* e o *Pequeno Príncipe*. Gostou dos livros do Harry Potter, leu todos. Quando tinha uns quinze anos, leu todos os livros do Milan Kundera, depois teve uma fase em que passou a gostar de Nelson Rodrigues e também leu todos os livros dele. Disse que ganha muitos livros de amigos, parentes e das editoras para as quais trabalha. Escreveu muito tempo para uma revista que era da Imprensa Oficial, sobre editoras universitárias, então recebeu muitos livros das editoras e ainda hoje recebe. Quando o irmão do seu pai morreu, herdou vários livros técnicos sobre jornalismo, mas disse que nunca gostou muito de estudar jornalismo, acredita que tem que ler outras coisas para então fazer jornalismo, que jornalismo se aprende com a prática, então deu esses livros para seus amigos jornalistas que estavam interessados naqueles assuntos.

Agora está lendo a *História de Roma*, de Tito Lívio, ganhou esse livro de presente de seu avô materno e está adorando. Está descobrindo a biblioteca de seu avô agora, pois começou a ajudá-lo a organizar um livro com artigos que ele escreveu, quando trabalhava como jornalista. Disse que seu avô tem muito ciúme de sua biblioteca, ele acredita que é algo que tem que ser preservado e cuidado e por isso nunca deu muita abertura para que ela conhecesse seus livros. “Agora que estamos trabalhando juntos, ganhei certos privilégios na casa de meu avô”. “Desde pequena, sempre o vi lendo muito, uma vez, eu ainda era pequena, lembro que cheguei em sua casa e ele estava lendo um livro em russo, perguntei o que ele estava fazendo com aquele livro em que os caracteres nem pareciam letras. Ele respondeu que estava aprendendo a ler em russo, achei aquilo muito engraçado.” Sua avó também sempre estava lendo, fazia parte do Círculo do Livro, então tinha muitas novidades de leitura. Hoje em dia, seus avós, ainda casados, porém, morando em casas separadas, cada um tem a sua biblioteca.

A Rita tem um filho de seis anos chamado Gabriel, que não tem muita paciência para escutar leituras, mas tem muito respeito pelos livros. “Muitas vezes, quando quero convencê-lo a fazer alguma coisa, eu abro um livro, mostro para ele e digo que está escrito aqui no livro, você não deve bater no seu primo, e então ele obedece, leva muito a sério, acredita que se está escrito no livro tem que ser cumprido”. Incentiva muito seu filho, de acordo com seus interesses. Quando ele tinha dois anos, adorava carros, então ela comprou vários livros sobre o assunto, depois foi a vez dos barcos e piratas e novamente comprou livros sobre barcos, atualmente está encantado por dinossauros e animais, então procura comprar livros sobre esses assuntos para ele. “Outro dia fomos ao parque e ele estava aprendendo a andar de bicicleta sem rodinhas, então eu falei para ele que tinha que confiar e ir pedalando, ele dizia estou confiando, eu estou indo, devagar e sempre, que nem na história de lebre e da tartaruga”.

Conversei com mais um editor, o Pedro, que disse que seu hábito de leitura foi formado pela família, “quanto a isso não há dúvida nenhuma”. Disse que nasceu no seio de uma família muito intelectualizada. Sua família sempre teve uma posição muito bem definida em relação à vida política do país, isso desde o século XVIII, até meados do século XX. Seu bisavô articulou a proclamação da República, foi um abolicionista convicto, e grande engenheiro de comunicações, ainda muito jovem, na Guerra do Paraguai. De acordo com Pedro, sua família deveria ser conservadora e na verdade não foram essas posições políticas que tomaram. “A cultura da minha família foi adquirida principalmente pelos livros e por viagens constantes. Minha família sempre considerou sobretudo a leitura o elemento mais importante na formação da cultura de uma pessoa. Eu sou uma pessoa marcada pela leitura, isso faz parte da identidade da família. A gente costuma dizer que já somos alfabetizados no ventre de nossas mães”.

Disse que tinham também o hábito de se comunicar, de bem se exprimir. As conversas eram constantes em sua casa. Ainda hoje arruma a casa de maneira que cada canto seja um canto de conversa, aprendeu isso com seus avós, que o criaram. Seus pais se separaram muito cedo e então ele foi morar com os avós, no Engenho Velho, no Rio de Janeiro, em uma casa que era um convite à convivência. “Primeiro porque era a casa de avós, cuja tendência é receber toda a família e depois porque era uma casa muito convidativa à conversa, uma casa muito aberta, autocomunicante, com varandas largas,

toda de alpendre. Isso nos formou cultural e socialmente. Na verdade tudo isso colaborou para esse hábito da leitura, que na verdade não é um hábito, é uma necessidade metabólica. Eu não me entendo e não sei de mim, não tenho a menor noção de mim sem a leitura, sem a leitura eu não sou quem eu sou”.

Seus avós tinham o hábito de chamá-lo e a seu irmão mais velho, no fim da tarde, para relatarem o que tinham feito durante o dia. Eram obrigados a se exprimir, isso da maneira mais clara, mais adequada e pertinente, o que era um exercício formidável, pois quando não se exprimiam com graça, tinham que começar tudo de novo, seus avós diziam que não tinham entendido nada, reclamavam de suas maneiras medíocres de se exprimir, sua avó dizia que não era possível, meninos tão bem formados, se expressarem, com gagueira e com um tartamudeio lamentável. Dizia que eram pessoas privilegiadas e que tinham a obrigação de se expressar bem. A família falava português, francês e inglês e o uso de línguas também era estimulado em sua casa. Hoje falam perfeitamente as três línguas.

Seu hábito de leitura foi formado da maneira mais eclética possível, tinha livre acesso à biblioteca de seus avós, “nunca me disseram o que eu devia ler ou não devia ler. Nossa biblioteca não era enorme, só se tinha na biblioteca o que realmente se ia ler. Até hoje só guardo em minha biblioteca o que voltarei a ler, livros que li uma vez e que sei que não voltarei a ler eu não guardo. O livro para mim é o quinto elemento. A busca do que deve ser lido tem que obedecer a nossa tendência”. Disse ser um enorme leitor de literatura, tem um primo-irmão que é um ávido leitor de história e ciência política, seu irmão é muito mais um leitor de coisas técnicas, lia os livros de seu pai que era um engenheiro e arquiteto. Também tem uma tendência à filosofia, psicologia e teologia, mas que vêm da literatura. “Na minha biblioteca tem literatura e um setor menor com filosofia, teologia, psicanálise e um pouco de história, tudo isso vinculado à literatura. Jamais estudaria especificamente a vida de Napoleão Bonaparte, mas como sou um leitor inveterado de Stendhal, então tem alguma coisa sobre Napoleão em minha biblioteca”. Disse ter dois autores sem os quais não passa, se viaja leva alguma coisa deles, é Machado de Assis e Proust, “meu vínculo com esses autores é mais do que literário e cultural, é um vínculo metabólico. Evidente que leio e releio outros autores, como Jorge Luís Borges, Thomas Mann, Virgínia Woolf, da qual editei toda a obra ficcional, tirando *Mrs. Dalloway* e *Orlando*. Reli a *Montanha Mágica* e o

Dr. Fausto, pelo menos cinco vezes. Stendhal é outro santo do meu altar, também gosto muito de Balzac, Fielding, autor de *Tom Jones* e Diderot, seus romances freqüentaram minha adolescência, adoro Shakespeare, que comecei a ler adolescente e até hoje leio. Os poetas sem os quais eu não vivo são T. S. Eliot e Carlos Drummond de Andrade”. Disse que Fernando Pessoa hoje já não relê como leu em sua adolescência, apesar de reconhecer sua grandeza, hoje se sente um pouco adolescente quando lê Fernando Pessoa, o heterônimo que lia dele agora seria Ricardo Reis, que é mais clássico.

Disse que aprenderam em casa que não se deve impor a escolha dos autores com que cada um irá conviver, isso desde criança. Não foi um leitor inveterado de Monteiro Lobato, como seu irmão, leu muito mais José de Alencar, *Lucíola*, *A Viúva*, *Senhora*, adorava Joaquim Manoel de Macedo. Falou que a biblioteca de seus avós nunca foi um recinto sagrado, aliás, a casa toda podia ser percorrida com total liberdade. “Ainda tenho alguns livros em minha biblioteca que eram de meus avós, mas doamos muita coisa. Os objetos que tenho em casa hoje eram de meus avós e foram distribuídos pela família muito normalmente, tenho muita coisa deles, tenho mais de duzentos castiçais espalhados pela casa que naturalmente eram de meus avós que herdaram de meus bisavós”. Mostrou-me quadros do Miró na parede, se referiu a eles como um presente, disse que são litogravuras de uma seqüência chamada *A mulher na cadeira*.

Disse que seu avô era louco por Honoré de Balzac, e toda sua obra está com um primo de Pedro. Referiu-se a pessoas que têm várias edições de uma obra e designa uma delas para leitura, guardando as outras como coleções, para apreciar o objeto livro, ele não faz isso, tudo que tem é para leitura e está lido e relido. “Eu gosto de apreciar o objeto livro na casa dos outros, fico maravilhado quando visito o Dr. José Mindlin, aquilo lá é um paraíso. Chego lá e fico parado olhando como se estivesse contemplando uma obra prima. Ele mexe em tudo e aquilo tudo será usado, mas eu fico encantado, olhando. A coleção de manuscritos dele é fascinante, cheia de correções feitas pelo próprio autor, que é maravilhoso e que hoje em dia não temos mais, pois com o computador essa noção da mão do artista corrigindo sua obra vai mudar. Nesse sentido a biblioteca do Dr. José Mindlin é uma super caverna do Ali Babá”.

Também perguntei ao Pedro sobre o mercado livreiro e sobre a relação com o escritor, Pedro disse que o mercado livreiro existe quando o editor não está editando, e sim

quando coloca nas livrarias aquele livro que o leitor quer, para ele o trabalho do editor não é editar *best-sellers* e auto-ajuda, esses livros vêm prontos, basta publicá-los, para ele não é esse o trabalho do editor. “A auto-ajuda entra para resolver problemas que já foram até resolvidos pela filosofia e pela psicologia, mas que não estão ao alcance da população, é uma espécie de grande medicina que atende às necessidades da população”. Disse que editar é fazer um catálogo que vai perdurar, que valorize a editora. De acordo com ele, *best-sellers* não montam um catálogo, por mais que venda, é episódico, esse mercado voraz de *best-sellers* quer sempre novidade.

Disse que o consumo de Lygia Fagundes Telles, Cecília Meirelles, Guimarães Rosa, não é voraz, é permanente e isso é o que sustenta uma editora, ao longo dos anos, isso sim perdura e define o valor da editora. Uma editora que só tem *best-sellers* não forma um valor intangível da obra de arte. Editar é a construção de catálogo. E o escritor artista precisa ser bem tratado pela editora, alguns autores merecem receber para escrever. “Você não sai indiferente do contato com uma obra de arte, não sai indiferente depois de olhar um quadro, não sai indiferente depois de ouvir uma boa música nem depois de ver uma peça de teatro de William Shakespeare ou de Nelson Rodrigues, assim como não sai indiferente depois de ler um bom livro, isso te abala e você relê, escuta novamente, assiste novamente, são contemporâneos sempre. Os dramas humanos não mudaram muito, faz-se o belo em cima do monstruoso. Não existe obra literária feliz, a felicidade não tem história, famílias felizes não tem história, a busca da felicidade é uma recusa do ser humano em se ver, é uma recusa de si próprio”. Disse que a auto-ajuda promete a felicidade, diferente da ética judaico-cristã, que fala sobre a busca da bondade. A auto-ajuda promete uma felicidade rápida, não existe livro de auto-ajuda de quinhentas páginas. “Uma obra de arte perdura, e fará o catálogo da editora. Você quando investe em um escritor, artista, está investindo na marca desse escritor. É evidente que o editor tem que faturar, para criar uma empresa editorial é preciso equilibrar *best-sellers* com livros que irão perdurar”.

Segue tabela com lista dos autores mais mencionados em cada entrevista, organizada por entrevistado.

Ana Paula	Eça de Queiroz, Gabriel Garcia Márquez, Goethe e Machado de Assis.
Osmar	Kissinger, Keynes, Tito Lívio e Tucídites.
Márcia	Lima Barreto, Albert Camus, Graciliano Ramos, Gustav Flaubert, Jean-Paul Sartre, José Saramago, Joseph Conrad e Monteiro Lobato.
Cláudia	Anton Tchecov, Dostoiévski, Friedrich Engels, Guimarães Rosa, Karl Marx, León Tolstói, Machado de Assis, Marcel Proust, Mário Vargas Llosa, Miltom Hatoum, Monteiro Lobato, Patrícia Melo, e Rubem Fonseca.
Estela	Gabriel Garcia Márquez, Guimarães Rosa, Mário Vargas Llosa, Martin Heidegger, Michel Foucault e Sigmund Freud.
Mário	Miguel de Cervantes, Patrícia Melo, Plínio Marcos, Rubem Fonseca e William Shakespeare.
Alexander	Gabriel Garcia Márquez.
Grazielle	Alexandre Dumas.
Frederico	Lima Barreto, Edgar Allan Poe, Franz Kafka, Friedrich Engels e Karl Marx, Jorge Amado.
Roberto	Jorge Amado e Umberto Eco.
Cristiano	Diderot, Fernando Pessoa, Dostoiévski, Gabriel Garcia Márquez, Balzac, Salinger, Jorge Luis Borges, José Saramago e Rubem Fonseca.
Renata	Luis Fernando Veríssimo e Monteiro Lobato.
Paula	Albert Camus, Dante Alighieri, Eça de Queiroz, Ernest Hemingway, Dostoiévski, Nietzsche, Turgeniev, Jorge Amado, León Tolstói, Lygia Fagundes Telles, Marcel Proust, Mário Vargas Llosa, Monteiro Lobato, Sándor Márai, Stendhal, Victor Hugo e Virginia Woolf.
Gabriel	Adélia Prado, Aristóteles, Cecília Meireles, Cícero, Clarice Lispector, Eça de Queiroz, Etienne de la Boétie, Francis Bacon, Kant, Rousseau, Sartre, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Mariana Alcoforado, Mário Vargas Llosa, Monteiro Lobato, Nélide Piñon, Oscar Wilde, Platão, Santo Agostinho, Simone de Beauvoir, Sófocles.
Ângela	Eça de Queiroz, Dostoiévski, Machado de Assis, Samuel Beckett, Tennessee Williams, Virginia Woolf e William Shakespeare.
Amélia	Érico Veríssimo, Flaubert, Homero, Machado de Assis e Monteiro Lobato.
Miriam	Machado de Assis, José de Alencar, Mário de Andrade, Simone de Beauvoir, Camões, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira e Freud.
Rita	Fernando Pessoa, Gabriel Garcia Márquez, José Saramago, Machado de Assis, Manoel Bandeira, Monteiro Lobato, Nelson Rodrigues, Pablo Neruda, Rui Castro, Tito Lívio, Umberto Eco e William Shakespeare.
Pedro	Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Fernando Pessoa, Gabriel Garcia Márquez, Henry Fielding, Balzac, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Manoel de Macedo, Jorge Amado, Jorge Luís Borges, José de Alencar, José Lins do Rego, Machado de Assis, Marcel Proust, Mario Vargas Llosa, Nélide Piñon, Stendhal, T. S. Eliot, Thomas Mann, Virgínia Woolf, William Shakespeare

Parecem-me importantes algumas observações sobre a história do romance como gênero literário, isso porque nas entrevistas a maioria dos escritores mencionados são romancistas.

De acordo com Ian Watt, no século XVIII houve um crescimento significativo do público leitor, sem deixar de levar em conta que a proporção ainda era muito limitada, eram limitadas as oportunidades de instrução, o preço era alto, mais da metade da população inglesa do século XVIII mal conseguia suprir suas necessidades básicas, acreditava-se que ler era muito pernicioso aos pobres e que os afastava do trabalho. Saber ler era uma necessidade apenas dos que se destinavam a ocupações típicas da classe média. Porém havia uma classe intermediária se formando, composta por agricultores e comerciantes mais ricos, que tinham a possibilidade de pagar os estudos de seus filhos e de comprar alguns livros e provavelmente as mudanças nessa classe intermediária contribuíram para ampliar o público leitor do século XVIII. Essa ampliação foi mais acentuada nas cidades, diminuiu o número de pequenos proprietários rurais, enquanto aumentava o número e a riqueza de comerciantes, profissionais liberais, funcionários administrativos e membros do clero. É possível que se deva a eles o crescimento mais significativo do público comprador de livros. Esses leitores consumiam o romance, que era mais barato do que as epopéias editadas em fólhos muito caros, os romances custavam um preço médio, passaram a ser publicados em dois ou mais volumes pequenos, muitas vezes. O número de tipografias quadruplicou na Inglaterra ao longo do século.

O romance contou também com a contribuição das mulheres de classe média para o aumento de seu consumo. Ainda de acordo com Ian Watt, a literatura tendia a se tornar um entretenimento feminino, as mulheres de classe média não podiam participar de entretenimentos masculinos, não se envolviam em política, negócios ou na administração de seus bens, não caçavam nem bebiam, por isso dispunham de mais tempo livre e ocupavam esse tempo lendo. “Já não eram necessários os velhos deveres da dona de casa, como fiar, tecer, fazer pão e cerveja, fabricar velas e sabão, entre outros, pois muitos artigos agora eram manufaturados e podiam ser comprados nas vendas e mercados”.⁷⁵ Porém, apesar de expansão do público leitor no século XVIII, na Inglaterra esse público alcançava, na escala social, apenas até os comerciantes e donos de lojas, com a importante exceção dos aprendizes e criados mais favorecidos, que tinham acesso aos livros do dono da casa e dispunham de algum tempo livre para leitura. Ian Watt supõe que as pessoas sempre leram por prazer e distração, mas atenta para o fato de que no século XVIII, a busca por esses

⁷⁵ Watt, Ian, *A Ascensão do romance*, Companhia das Letras, São Paulo, 2007, p.42.

objetivos foi mais marcada do que antes e o jornal e o romance, ambos, estimulam um hábito de leitura mais rápido e desatento.

A maioria dos livros publicados no século XVIII ainda era ligada a assuntos religiosos, contudo isso não contradiz o fato de que os leitores daquela época tinham o gosto cada vez mais laico, principalmente os das camadas menos instruídas da sociedade, começavam lendo obras religiosas e depois passavam para outros assuntos. Os periódicos passaram a publicar literatura laica, que era amplamente consumida, porém, embora os jornais tivessem atraído muitos leitores, o público ainda não tinha encontrado uma forma de ficção que atendesse ao seu desejo de informação, conhecimento, distração e leitura fácil, que encontraram nos romances editados para esses fins.

Foi na Inglaterra que o romance conseguiu romper mais cedo e de modo mais completo com o estilo anterior, já que na França a cultura literária ainda se orientava basicamente para a corte. Essa manifestação literária aconteceu em compasso com o surgimento de um pensamento mais individualista, que enfraqueceu as relações tradicionais, provocando um tipo de vida mental privada e egocêntrica, favorecendo a ênfase na importância das relações pessoais que eram características da sociedade moderna e também do romance, e que influenciou na difusão do gênero.

2- A Ordem e a Desordem:

Para ilustrar a importância da ordem dos livros, mencionarei a história do livro *A Casa de Papel*, de Carlos María Dominguez. Ele conta a história de uma professora, Bluma, que morre atropelada com um volume dos *Poemas de Emily Dickinson* nas mãos. Semanas depois, o substituto de Bluma no Departamento de Línguas Hispânicas recebeu pelo correio, endereçado a Bluma, o livro *A Linha da Sombra*, de Joseph Conrad. Tinha sido emprestado para um amigo e, mediante um pedido de devolução, acabara de chegar pelo correio, todo desconjuntado e com restos de cimento na capa. A história é narrada por esse professor substituto que segue os rastros do livro. Depois de muito procurar, acaba chegando a um amigo do remetente, também apaixonado por livros, assim como Carlos Brauer, o próprio remetente. Ao chegar na casa desse amigo de Carlos Brauer, ficou

impressionado com a quantidade de livros que havia ali. Enormes vitrines percorriam as paredes, do chão ao teto, carregadas de livros, catalogados e bem organizados, não só na sala onde estavam, mas também arrumados pelo resto da casa. “Ele me conduziu pelo apartamento inteiro, e de um aposento a outro encontrei vitrines similares, abarrotadas de coleções, estantes giratórias, que nos corredores sustentavam grandes dicionários”.⁷⁶ Ao perguntar sobre a quantidade de livros que tinha na casa, ele respondeu: “ – Para dizer a verdade, já não conto mais. Presumo que uns dezoito mil. Desde que me lembro, comecei a comprar um livro ou outro. A biblioteca que se forma é uma vida. Nunca, digamos, uma soma de livros soltos”.⁷⁷

Mas voltando a Carlos Brauer, seu amigo disse que ele guardava os livros de qualquer maneira, que estavam espalhados por toda a casa. “Desde que o conheci, há muitos anos, nas bancas de livros de Tristán Narvaja, soube que se tratava de um incurável. O senhor descobre isso na pele ligeiramente apergaminada dos viciados”.⁷⁸ De acordo com seu amigo, Carlos Brauer devorava tudo o que chegava a suas mãos, junto com inúmeros pacotes de balas de caramelo, que substituíram o cigarro, proibido pelo médico. Seus livros ocupavam os quartos do chão ao teto, de ponta a ponta, empilhavam-se na cozinha, no banheiro e também em seu antigo dormitório, pois havia tempos tinha sido desalojado dele e fora dormir no sótão, a parede da escada que levava até lá, também estava abarrotada de livros.

“A literatura francesa do século XIX velava, digamos, seu magro sono. Teve coleções completas de revistas antigas, muitas histórias clássicas, quase toda a literatura russa do século XIX, coleções de literatura americana, livros de arte, ensaios de filosofia e comentários sobre esses ensaios, todo o teatro grego e isabelino, a poesia peruana até meados do século XX, vários incunábulo mexicanos, primeiras edições de Arlt, Borges, Vallejo, Onetti e de Valle-Íncán, sem contar enciclopédias, dicionários, folhetos e edições dos viajantes pelo rio Prata. Chegou a ter tantos volumes (acredito que tenha superado os vinte mil) que a sala, nada pequena, acabou atravessada por estantes similares às das bibliotecas públicas. O banheiro tinha livros em todas as paredes, menos nas do chuveiro, e

⁷⁶ Carlos Maria Dominguez, *A Casa de Papel*, São Paulo: Francis, 2006, p.38.

⁷⁷ Idem, p. 39.

⁷⁸ Idem, p. 41.

se não se estragavam era porque deixara de banhar-se com água quente para evitar o vapor. No verão ou no inverno, tomava banho de água fria”.⁷⁹

Carlos Brauer era um leitor voraz, e ao receber a herança de sua mãe, no lugar de gastar com a conservação de seus livros, de acordo com o conselho do amigo, gastou comprando mais livros para sua coleção. Contava com uma boa situação econômica e passava horas dedicado à leitura, dias e noites inteiras.

Porém, preocupado com o destino de seus livros e o pior, com a desordem, pois não conseguia mais encontrar os exemplares desejados, dedicou-se a atualizar seus fichários. Vinte mil volumes não se organizam de qualquer jeito, portanto, assim como em uma biblioteca pública, organizou suas fichas num móvel de mogno com portas de correr e gavetas. “É preciso respeitar estritamente a ordem, um respeito quase sobre-humano, eu lhe diria, e um método, com um tempo dedicado à infeliz tarefa de catalogar obras cujo significado é bem diferente dos números que a identificarão. Mas ali colocará o título, o autor, e o breve resumo que tem, para o senhor, um significado único... Quando se tem uma biblioteca como a de Brauer, o fichário é imprescindível”.⁸⁰

Dentro de alguns meses seu fichário estava pronto, assumindo que o que mais trabalho lhe deu foi o tema das afinidades, não se atrevia a colocar um livro de Borges ao lado de Garcia Lorca, qualificado por Brauer de andaluz profissional. Outro problema teve com as obras de William Shakespeare que se recusou a colocar perto dos livros de Marlowe, por causa das insidiosas acusações de plágio entre os autores, muito menos Vargas Llosa junto com Gabriel García Márquez, depois da briga entre os amigos. “Insistia em que os livros afins mereciam permanecer agrupados sob outra ordem que a vulgaridade temática”.⁸¹

Cada um tem sua forma de organização dos livros, seu amigo muitas vezes não compreendia os critérios adotados por Carlos Brauer, mas o importante e o que quero ressaltar é que a organização dos livros, seja ela qual for, serve principalmente para o dono da biblioteca encontrar os volumes procurados.

⁷⁹ Idem, p. 43.

⁸⁰ Idem, p. 52.

⁸¹ Idem, p. 53.

Continuando a história, foi então que se sucedeu a desgraça, Carlos tinha o hábito de ler à luz de velas, livros escritos anteriormente à luz elétrica. E naquela noite, se excedeu no vinho e esqueceu o candelabro sobre o fichário, que se perdeu no meio do fogo. Por milagre as estantes não pegaram fogo, mas o fichário, com a catalogação de todos os seus livros se perdeu.

“Imagine por um momento que, ao longo de sua vida, o senhor conseguiu conservar um conjunto de lembranças sobre sua infância; sensações, cheiros, a luz que iluminava o cabelo da sua mãe, as primeiras aventuras no quarteirão, impressões mais ou menos caóticas de algo insondável, mas que forma, ao fim e ao cabo, uma memória de sua infância com seus terrores, alegrias e emoções. Depois tem um registro do seu crescimento. A escola organiza. Os professores, os colegas, as primeiras aventuras, e assim continuou acumulando lembranças de cada uma das suas experiências até chegar a atualidade. Um dia, de modo inesperado, perde a ordem de suas lembranças. Continuam ali, só que se tornam inencontráveis. Os fatos estão ali, a espera de que os encontre. E você não tem como fazê-lo”⁸².

Então, desesperado, Carlos Brauer constrói uma casa feita de livros no lugar de tijolos. Ele escolhe um a um como serão empilhados e, por fim, cobre as paredes de livros com cimento. Passa a morar nessa casa e de repente a professora Bluma, sua amiga, pede o livro que lhe havia emprestado, *A Linha da Sombra*, de Joseph Conrad. Carlos destrói sua casa para encontrar o exemplar solicitado e o envia pelo correio.

“Um livro que não se encontra, as pessoas costumam dizer, é um livro que não existe”⁸³.

Também podemos comprovar a aflição da desordem e a busca pela ordem de uma biblioteca no conto “A biblioteca de Babel”, de Jorge Luis Borges. Em uma biblioteca total, que contém todo o conhecimento produzido pelos homens e pelos anjos, conhecimentos passados, presentes e futuros, onde se reuniam todos os mistérios da humanidade, uma

⁸² Idem, p.68/69.

⁸³ Idem, p.51.

biblioteca que contém todas as respostas a todas as perguntas, o primeiro sintoma é a euforia, mas logo após esse primeiro sentimento, percebe-se que as indicações existem, mas são impossíveis de ser encontradas. “À desapoderada esperança, sucedeu, como é natural, uma depressão excessiva. A certeza de que alguma prateleira nalgum hexágono encerrava livros preciosos e de que esses livros preciosos eram inacessíveis, afigurou-se quase intolerável”.⁸⁴ Várias sugestões de busca surgiram, uns propunham que se misturasse novamente todos os símbolos, outros queriam eliminar obras inúteis. E ainda, alguns tinham a esperança de que em algum lugar deveria haver o livro que era o compêndio de todas as obras. Mas também esse compêndio, esse livro total era impossível de ser encontrado, apesar de várias tentativas. Até que se conclui que: “Talvez a velhice e o medo enganem-me, mas suspeito que a espécie humana está por extinguir-se e a biblioteca permanecerá: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta [...] Se um eterno viajor a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem). Minha solidão alegra-se com essa elegante esperança”.⁸⁵

Minhas entrevistas vão mostrar que a forma de organização da biblioteca pessoal é muito importante, diria até que fundamental, o dono da biblioteca tem que ser capaz de encontrar os volumes desejados. Em todas as entrevistas que realizei, salvo uma exceção, o entrevistado Alexander, todos os entrevistados têm uma forma de organizar seus livros, cada um à sua maneira, como veremos mais adiante, mas o importante é que toda biblioteca pessoal tem uma ordem e uma organização, mesmo que apenas seu dono seja capaz de compreendê-la.

A Ana Paula, como pude verificar em sua casa, tem um cômodo designado para leitura e estudos, fica no sótão e é rodeado por estantes baixas, cheias de livros, todos organizados por assuntos e em prateleiras duplas, daquelas fundas, onde cabem duas fileiras de livros, uns na frente dos outros. Ela reclamou dos livros que ficam na fileira de trás e

⁸⁴ Borges, Jorge Luis, “A biblioteca de Babel”, Ficções, Porto Alegre, Abril, 1972, p. 90.

⁸⁵ Idem, p.94.

portanto não podem ser encontrados com facilidade, mas justificou essa falta de espaço por saber de memória onde está cada livro de sua biblioteca.

No caso do Dr. José Mindlin, a biblioteca é profissionalmente organizada e mantida. Toda uma parede de sua sala de estar, do teto até o chão, está repleta de livros, em duas fileiras, apesar de ele ter mencionado que preferia ter mais espaço e “evitar esconder livros uns atrás dos outros”, foi da estante de sua sala que ele tirou uma primeira edição de *Os Lusíadas* e colocou em minhas mãos, assim como um livro sobre Portugal, com dedicatória à Princesa Isabel. Mas sua famosa biblioteca brasileira está em um grande anexo de sua casa. É um enorme cômodo com uma ante-sala repleta de livros de Carlos Drummond de Andrade, quase todos com dedicatória, e uma grande sala com dois andares de pé direito bem altos, onde estão catalogados os livros de sua coleção, Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, entre tantos outros, muitas primeiras edições, com rasuras e escritos do próprio autor. Muitos mapas e livros sobre o Brasil, escritos na corte portuguesa. Uma belíssima coleção que está devidamente acondicionada e catalogada e será doada para a USP, onde estão construindo um prédio só para ela. Esse é um caso sabido de uma biblioteca pessoal extremamente organizada.

O Dr. José Mindlin sabe de memória o local de cada um de seus livros, mesmo com dificuldades para ler, por causa da vista cansada, durante a entrevista ele foi tirando vários volumes das prateleiras e colocando em minhas mãos, pedindo para que eu lesse confirmando o título do livro e o autor, que ele tinha dito. Não errou uma só vez, sua memória está impecável, assim como seu entusiasmo ao falar de sua biblioteca, contar histórias da aquisição dos volumes mais difíceis e defender a disseminação do “vírus da leitura”, pois acredita que uma vez contaminado, não tem cura.

No caso do Osmar, a maior parte de seus livros está na sala, alguns em seu quarto de dormir, outros no quarto dos fundos do apartamento, e em sua casa em Caraguatatuba estão os livros de economia e administração, usados para preparar suas aulas. Na sala de estar tem uma estante grande com livros, organizados em prateleiras fundas de duas fileiras.

Perguntei se ele tinha dificuldade em encontrar seus livros, ele disse que não, e que saberia dizer se alguém tirou um volume do lugar. Durante a entrevista se desculpou pela falta de organização formal de seus livros, disse que pensou em organizá-los antes da entrevista, mas não teve tempo. Porém, mesmo sem uma organização formal, ele tem sua

biblioteca na memória e sabe o local de cada livro. Contou que às vezes sua filha mais velha tira algum livro da prateleira da sala para fazer pesquisa escolar e, quando isso acontece, ele dá falta imediatamente.

O mais interessante é que quando achei que todos os seus livros estavam na sala ele me corrigiu, me levando a um quatinho nos fundos do apartamento, atrás da cozinha, que era para ser o quarto da empregada, onde colocou estantes, daquelas de ferro cinza, lotadas de livros, várias fileiras, o chão e as mesas desse quatinho também estavam abarrotadas de livros empilhados, tudo no meio de roupas de mergulho, arpões para caça submarina, um grande motor de barco e uma mesa com computador. Disse ser esse seu quarto de estudos e, apesar da aparente bagunça, consegue encontrar tudo o que quer.

Márcia primeiro me levou a um escritório com uma estante dessas de ferro cinza, com alguns livros, achei que fosse tudo, mas de repente ela começou a abrir os armários desse escritório e eles estavam abarrotados de livros, armários fundos, desses de guardar roupa, lotados de livros preenchendo todos os espaços, quando novamente achei que era tudo, ela me mostrou caixas pelo chão, empilhadas umas em cima das outras, cheias de livros, que por falta de espaço estão dentro dessas caixas de papelão. Então novamente, quando achei que era tudo, ela me levou ao seu quarto de dormir, e me mostrou com orgulho suas últimas aquisições, feitas nas feiras de livros de São Paulo, eram muitos livros, aproximadamente uns oitocentos volumes, empilhados pelo chão do quarto, separados pela data da aquisição, os montinhos rodeavam sua cama, tinha também uma estante cheia de livros, livros na cabeceira da cama e aos pés da cama, uma caixa de plástico com gibis, outra de suas paixões.

Sua biblioteca foi uma das mais diversas em autores que visitei durante minha pesquisa, ela lê um pouco de tudo, na maioria romances, autores modernos, clássicos, autores africanos, russos, italianos, franceses, brasileiros, entre outros. Disse que sonha em ter mais espaço para organizar melhor os seus livros, e que ela e sua mãe sempre planejaram construir uma biblioteca, com estantes adequadas para guardar os livros.

Os livros do escritório estão mais ou menos organizados por nacionalidade do autor e em ordem cronológica, mas sem muito rigor. Já os livros que estão em seu quarto estão organizados segundo o critério de “afetividade”, como as prateleiras são fundas, ficam na frente os livros que ela gosta mais e que relê com frequência. No chão estão os livros

adquiridos recentemente e que não cabem nas prateleiras. Não tem grandes problemas em encontrar o livro desejado.

Cláudia, atualmente, tem duas bibliotecárias em casa catalogando os livros, de início não queria que fossem catalogados por critérios que não os dela, disse que se encontrava na “bagunça” dos seus livros, mas com a chegada da biblioteca herdada de seu tio-avô, decidiu contratar essas pessoas para organizá-la e por fim elas acabaram organizando todos os livros da casa.

A conselho de um grande bibliófilo seu amigo, tomou a decisão de manter a identidade da biblioteca do seu tio-avô, portanto não irá misturar esses livros com os outros da casa. Ela está num quarto especial, com a uma placa originária do escritório do tio na Romênia, com o seu nome gravado.

Atualmente sua biblioteca está extremamente organizada. Alguns livros estão na sala, uns em uma estante que reveste a grande parede central e outros em um móvel pequeno no canto direito de quem entra no apartamento, esses livros da sala não estão sendo organizados pelas bibliotecárias, são, na grande maioria, romances.

“Hoje, na sala, estão os clássicos de literatura, poesia e livros de arte. Teve tempo que não era assim e não sei dizer se ficará assim. Meus livros de arte estão empilhados no chão, e em tudo quanto é lugar, falta espaço! Tem muitos livros de arte que juntei quando trabalhava com cultura, já tinha muitos e nessa ocasião ganhei outros tantos”.

Na época em que esteve ligada ao cargo público ganhou muitos livros, então tudo o que tem em duplicata ela doa para bibliotecas, livros de criança também são doados para bibliotecas. Tem sempre alguns livrinhos infantis no carro e quando vem criança pedir no farol ela dá o livro. Acredita que “é uma judiação guardar livros infantis num país onde não se tem acesso fácil aos livros”. Guarda apenas edições especiais, como uma que Guimarães Rosa dedicou para sua neta e uma primeira edição de *Reinações de Narizinho*. Mas livro comum de criança ela doa. Pois acredita que livro de criança tem que circular

Mas, de acordo com ela, a verdadeira biblioteca está em dois cômodos grandes, dentro da casa, as paredes desses cômodos estão forradas de estantes que foram projetadas por seu marido, cheias de livros devidamente organizados, pelas bibliotecárias, por assunto e por ordem alfabética, que ainda estão terminado seu trabalho, apesar de “discussões” com a proprietária da biblioteca que se mostrou extremamente incomodada com o trabalho da

organização dos livros feito por outras pessoas que não ela. Mas sua biblioteca tomou grandes proporções com a chegada dos livros de seu tio-avô e essa organização profissional se tornou necessária para que alguma ordem continuasse mantida.

A Cláudia disse estar sofrendo com essa reorganização de seus livros. Antes a classificação dos livros era feita por ela, de forma intuitiva e as bibliotecárias quebraram essa classificação. Cada vez que chega em casa fica em dúvida sobre a nova organização de seus livros. Por exemplo, tem muitos livros sobre religiões no mundo, tem todas as encíclicas do Leão XIII e do João XXIII, tem livros de judaísmo, islamismo e muitas vezes algumas dessas obras as bibliotecárias colocam como filosofia, o que vem causando incômodo. Por exemplo: “Tem um escritor, Isaac Singer, que escreve em idische, mas vive nos Estados Unidos e é de origem polonesa, “isso é literatura o quê?” As bibliotecárias o classificaram como literatura americana, “mas não combina”, “tivemos que abrir uma categoria geral para casos desse tipo”.

Apesar das pequenas desavenças com as bibliotecárias sobre onde encaixar determinados títulos, a organização da biblioteca do tio-avô gerou um desejo de organização maior. Atualmente, está recolhendo dedicatórias, em seus livros, de todos os autores que conhece.

Os livros da Estela estão organizados na estante por assunto, mas os novos estão misturados. “Apesar de não ter uma organização muito exata, tenho os livros na cabeça e sei onde cada um deles está”.

A estante de livros fica na sala, uma parede de livros do chão ao teto, mais ou menos dois mil, são dela, apenas alguns são de seu filho e ficam mais no escritório. Tem também uma grande estante no escritório, tiveram que construí-la por falta de espaço na sala.

Os livros do Mário estão bem espalhados pela casa, há livros na sala, no escritório que divide com a mulher e em caixas. Estão fazendo obras em casa e com a saída da enteada, recém-casada, terá um escritório independente da mulher e já projeta estantes para guardar seus livros. Tem aproximadamente dez mil livros. Segundo ele, estão bem desorganizados, antes já foram mais organizados, mas “depois que casei aumentou a bagunça dos livros”, pois mudou de casa e muita coisa ainda está encaixotada. Os livros estão juntos com os livros dos outros moradores da casa apesar de seus livros serem a

grande maioria. Também tem muito livro em sua casa na Serra da Cantareira, mas que não estão em condições adequadas. Porém, apesar da aparente desorganização, sabe onde está cada volume que deseja encontrar.

Sua casa em São Paulo foi projetada pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que é amigo de seus pais. Perguntei se haviam sido projetadas estantes para os livros e ele disse que a casa tem poucas estantes, a parte de baixo da casa virou um depósito de livros. Os livros ficam em baixo, na estrutura da casa. Também tem muitos livros na sala, mas pouco espaço. “As novas mídias vão ocupando espaço na sala, tem muitos DVDs e CDs”.

O Alexander é um típico caso de uma pessoa que apesar de gostar de ler, não tem uma biblioteca particular em casa, não se preocupa com a organização dos livros e muito menos com a posse dos exemplares. Mora com os pais em uma casa grande, a entrevista aconteceu na sala, que quase não tinha livros, a estante estava repleta de porta retratos da família. Segundo o entrevistado, um dia aquela estante esteve cheia de livros, mas atualmente eles estão encaixotados e guardados por causa de falta de espaço na casa. Mas não deixaram nada para fora das caixas, a casa quase não tem livros. Os poucos livros que encontrei na sala eram livros de arte e dois sobre o Leonardo da Vinci, em cima da mesa central, como enfeite.

Após a entrevista fui até o quarto dele, onde ficam seus livros, uma pequena estante perto de uma mesa de estudos com poucas prateleiras e uns cinquenta livros no máximo. Não há preocupação com a organização nas estantes, “estão organizados como a empregada deixa”.

Não tem muitos livros, a maior parte do que lê é emprestado de amigos, e quando gosta muito do livro, só após a leitura compra um exemplar para ter guardado consigo. Assim como empresta muitos de seus livros também. Os livros que estão em seu quarto são apenas dele, não tem livros de outros moradores da casa junto com os dele, reclamou que às vezes o irmão “rouba” um livro de seu quarto e coloca no dele, mas ele logo dá pela falta do livro e busca de volta.

Já a biblioteca da Grazielle é organizada por catálogo. Todos os seus livros, assim como os da Márcia, estão dentro do guarda-roupas de seu quarto de dormir, exceto os livros da faculdade, que, como usa com mais frequência, ficam em uma pequena prateleira, também em seu quarto. Não estão organizados nem por assunto nem por ordem alfabética,

mas ela tem um catálogo, feito no computador, de todos os seus livros e então quando precisa de alguma coisa consulta esse catálogo e consegue encontrar o livro na prateleira.

Os livros do Frederico estão organizados em prateleiras no seu quarto de dormir, não segue nenhum critério de organização, mas sabe de cor a ordem dos livros nas prateleiras, vai sempre colocando os mais recentes na frente e dessa forma consegue se encontrar em sua biblioteca.

O Roberto mantém seus livros na estante da sala e organizados por tema e por ordem cronológica quando aplicável: “Por exemplo: História mundial separado de História do Brasil. Dentro de História mundial vem História antiga, depois medieval e assim por diante. Os livros muito grandes não têm jeito, ficam onde cabem na estante”. E dessa forma encontra sempre o que quer.

Os livros do Cristiano são extremamente organizados em prateleiras no seu quarto de dormir, divididos por assunto e depois separados por ordem alfabética de sobrenome do autor. Como está de mudança, sua biblioteca está dividida, uma parte dos livros está com ele em São Paulo, e o restante com sua namorada em Santa Catarina. Mas normalmente disse que tem o hábito de mantê-los todos juntos em um único aposento. Diz guardar os livros em seu quarto porque sempre dividiu a casa com outras pessoas e “concentrar os livros em um lugar é melhor para controlá-los e conservá-los”.

A Renata tem seus livros organizados nas prateleiras de seu quarto de dormir e separados por assuntos, tais como: fantasia, clássico, cinema, mitologia, viagens e outros. Mantém todos os livros em seu quarto para não se misturarem com os livros de seus pais, assim, também como o Cristiano, consegue controlar melhor a sua biblioteca. Mas quando limpa os livros disse que aproveita essa ocasião para organizá-los de uma forma ligeiramente diferente, assim não se cansa de vê-los sempre do mesmo jeito”. Esse hábito de reorganizar os livros toda vez que limpa e mudá-los de posição foi o único caso que encontrei, a maioria dos entrevistados mantém seus livros organizados da mesma forma, para poder encontrá-los com mais facilidade.

Assim também acontecia com a Paula, seus livros ficavam em prateleiras no seu quarto de dormir, três prateleiras grandes na parede do centro do quarto e uma prateleira bem no alto, percorrendo todo o espaço. Não seguia nenhuma organização por assunto, ou

ordem alfabética de autor. Minha entrevistada tinha seus livros na memória e saberia encontrar qualquer um deles em minutos.

Atualmente ela mudou de casa e construiu uma estante na sala, dessas que vão do chão ao teto, organizou os livros mais ou menos por assunto, deixando as coleções juntas e livros do mesmo autor, também estão um ao lado do outro. Mesmo sem muito rigor na organização, tem sua biblioteca na memória, assim como a maioria dos meus entrevistados. Mas procurou reproduzir, apesar da diferença de espaço, mais ou menos a mesma disposição em que estavam os livros na sua antiga casa, “assim fica mais fácil de encontrá-los, apesar da nova estante, ainda tenho a antiga disposição dos livros na memória”. “Fui eu quem projetou a estante nova, encaixotei meus livros na casa velha e desencaixotei todos, isso tudo em uma tarde, são aproximadamente oitocentos livros, mas fiquei tão aflita com esse processo que fiz tudo em um dia. Nesse processo doei muitos livros e também revisitei outros tantos que estavam esquecidos na prateleira, mas a ansiedade de ver tudo no lugar foi maior e acabei colocando alguns de qualquer maneira nas prateleiras, acabei essa arrumação tarde da noite e fui dormir. Não satisfeita com a nova organização, não consegui dormir e apesar do cansaço, acordei de madrugada para terminar o serviço, de forma que ficasse satisfeita, foi um processo muito trabalhoso”.

De acordo com essa entrevista, menciono texto de Rodrigo Lacerda, no texto “Estante Nova”. Por causa da quantidade crescente de livros em sua casa, mandou fazer uma estante nova, dessas que vão do chão ao teto, e descreve o processo de arrumação dos livros nessa estante. “Tento me concentrar e calcular quantos livros caberão na estante nova. Uma ponta de medo ainda persiste. Algo me diz que subestimamos o tamanho do caos. Só arrumando as prateleiras para ver. Aí calculo quanto tempo isso levará e desanimo antes de começar [...] Aos poucos vou colocando os primeiros livros na estante nova. Passo pano, folheio rapidamente e boto na prateleira. Logo não os folheio mais. Os mais altos, por uma questão de aproveitamento de espaço, vão em uma prateleira só, não importa o tipo; de fotografia, de arquitetura, o Atlas, o álbum sobre o Flamengo, livros de pintura, os álbuns de retrato... A estante nova comporta esse ecletismo com a maior naturalidade.[...] Surge então, entre as pilhas de livros, a biblioteca do historiador que acabei não virando. Gregos e romanos. Feudalismo. Renascimento. Iluminismo. Revolução Russa. Brados retumbantes. A história é uma prateleira dupla, bem no alto. Pouco a pouco, todos os livros da casa vão

sendo atraídos para junto da estante nova. Me vem à mente um desses santuários ecológicos, onde as aves se reencontram após migrações, cada espécie chegando de um lugar diferente do planeta. Elas se entregam satisfeitas ao conforto e a segurança da estante. [...] Enquanto guardo os livros faço milhares de associações, a lugares, a pessoas.[...]Ela [sua esposa] está espantada de eu ter conseguido arrumar tudo num só dia, e sem que tenha podido me ajudar. Pergunta se sobrou algum espaço para os livros dela, também encaixotados. Eu respondo que sim. No escritório, duas prateleiras terminaram vazias”.⁸⁶

O Gabriel tem aproximadamente 10 mil livros em sua biblioteca, que tive a oportunidade de visitar, a maior parte de seus livros está localizada na sala de jantar. Achei bonito esse paralelo entre os livros, alimentos para alma, estarem no mesmo local onde fazemos as refeições, alimento para o corpo. Tem outra parte da biblioteca que fica em seu local de trabalho, alguns livros estão em seu quarto de dormir também em estantes. Está contratando uma bibliotecária para organizar seus livros por assunto e por ordem alfabética, mas a organização ainda não está como ele quer, estão na metade do processo. Foi ele quem sempre organizou sua biblioteca, resistiu muito à contratação de uma bibliotecária, mas os livros tomaram uma proporção tão grande que foi necessária uma ajuda profissional. “Eu já estava comprando livros repetidos, pois não conseguia mais encontrar os livros nas prateleiras, que antes da organização estavam dispostos em duas fileiras, na mesma prateleira”.

Minha entrevistada Ângela disse que seus livros estão mais ou menos organizados por assunto. Tem livros na estante da sala, mas são mais os livros de arte, os livros para leitura estão em seu quarto de dormir e a grande maioria fica em um grande móvel no escritório, “separados por assunto, espalhados por assunto pela casa, por falta de espaço físico. Uma bagunça organizada”.

Cabe voltar a Plínio Doyle, no relato de seu livro *Uma Vida*. “Ainda tenho em minha casa a estante de ferro com cinco prateleiras onde guardava meus primeiros livros. Quando me mudei para Niterói, essa estante já não chegava e foi preciso adquirir um armário maior, com portas, para deixar na sala de visitas do hotel onde passei a residir, pois no quarto não havia espaço. Em 1938, ano em que me mudei para uma certa casa da Rua Barão de Jaguaribe, os livros ficavam no quarto em cima da garagem. Quando mais tarde

⁸⁶ Lacerda, Rodrigo, “Estante nova”, *A paixão pelos livros*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2004, p.133/134.

fiz obras na casa, eles já ocupavam o quarto maior, de frente, onde teve início o Sabadoyle, e se estendiam por várias partes da casa. Em 1972, tive de comprar um apartamento só para os livros, na mesma rua, número 74, segundo andar. O amor aos livros fez com que minha biblioteca guardasse um número de aproximadamente 25 mil volumes”.⁸⁷

Em um trecho do livro de Miguel Sanches Neto, *Herdando uma biblioteca*, ele se refere ao livro de Mario Vargas Llosa, *Os cadernos de don Rigoberto*, que ilustra bem a importância da organização dos livros na casa. Nesse trecho o narrador questiona o conceito do projeto para a sua casa no capítulo “Instruções para o arquiteto”: “O senhor fez este bonito desenho de minha casa e de minha biblioteca partindo da suposição – muito corriqueira, infelizmente – de que num lar o importante são as pessoas em vez de os objetos... Mas a concepção que tenho de meu futuro lar é oposta. A saber: nesse pequeno espaço construído a que chamarei meu mundo e que meus caprichos governarão, prioridade absoluta terão meus livros, quadros e gravuras; as pessoas serão cidadãos de segunda classe”.⁸⁸

De acordo com Miguel Sanches Neto, a biblioteca tenta compor os contornos mutáveis da identidade de seu dono. Conta que durante muito tempo, conforme ia mudando de casa e aumentando seu acervo literário, seus livros iam preenchendo todos os cantos da casa, sem encontrar uma solução satisfatória. Os livros se espalhavam por tudo, banheiro, sala, quarto e cozinha. Atualmente construiu sua casa com espaços para longos períodos de reclusão.

“Dentro da casa os livros são encontrados apenas no varejo, estão por ali os que vão ser lidos nos próximos dias, perfilados em prateleiras ou abandonados no lugar mais próximo de onde eu estava lendo. A casa não tem função de arquivo, é lugar de trânsito. Depois de lidos, eles vão para a biblioteca, construída a partir da divisa dos fundos do terreno, setenta metros quadrados sem janelas, apenas uma linha de vidros móveis para a ventilação no alto da parede, e a porta centenária, com suas janelas de vidro e grades de ferro sem solda. Na biblioteca, construção que literalmente é um caixote de livros, projeto de André Largura, ficam as várias prateleiras de aço, destas bem comuns, a mesa do computador, o arquivo e

⁸⁷ Doyle, Plínio, *Uma vida*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra e Edições Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 59.

⁸⁸ Sanches Neto, Miguel, *Herdando uma biblioteca*, São Paulo, Record, 2004, p.41.

um velho sofá de dois lugares, coberto por uma colcha azul celeste. Este sofá serve para consulta mais demorada de alguma obra”.⁸⁹

“Por causa de minha mulher, designer de interiores, acompanho as revistas de decoração e confesso que prefiro essas leituras à maioria disponíveis em tal formato. Uma coisa que observo nas revistas européias é que sempre aparecem cômodos com nichos de leitura, prateleiras vergadas pelo peso de velhos volumes, e isso em várias faixas econômicas, pois ler é algo corriqueiro. Nas revistas brasileiras, os livros praticamente não tem visibilidade fora das tradicionais mesas de centro, onde descansam os volumes sobre arte, objetos meramente decorativos, revelando assim a pobreza cultural de uma sociedade que vive mais para os espaços coletivos”.⁹⁰

Certamente esse não foi o quadro que encontrei nas casas dos meus entrevistados, afinal de contas, fui conversar com pessoas que possuem biblioteca particular, porém, em grande parte das casas os livros são raros e os espaços para leitura também. Podemos confirmar esses dados de acordo com a pesquisa, *Retrato da leitura no Brasil* feita pela Câmara Brasileira do Livro, anexada a essa pesquisa.

Continuando com os relatos das entrevistas, os livros da Amélia ficam no escritório, ao lado da sala, um espaço da casa que dá para o jardim, onde tem uma mesa de trabalho e um sofá para leitura. São prateleiras fundas, do chão ao teto, com portas de madeira corrediças que forram as paredes do quarto, as prateleiras são bem altas e há duas escadas, uma mais baixa e outra bem alta, para possibilitar o acesso aos livros de cima.

Durante a entrevista, reclamou das prateleiras fundas, disse que fica difícil enxergar os livros de trás. Na época que montou o escritório, contratou uma arquiteta para projetar as estantes, mas hoje em dia não gosta do projeto, disse que ficou bonito, mas pouco prático, se fosse fazer as estantes hoje, no lugar de fazer prateleiras fundas com a porta corrediça, faria duas estantes, uma na frente da outra, sendo que a estante da frente seria corrediça, já viu esse projeto em livros e achou muito bom.

⁸⁹ Idem, p. 134.

⁹⁰ Idem, p.131.

O espaço do escritório ficou pequeno para os livros e agora construíram estantes nas paredes da sala, saindo do escritório. Nas estantes fora do escritório, que dão para a sala, estão os livros de arte com imagens, livros de iluminuras, sobre grandes bibliotecas públicas e livros sobre jardinagem, todos livros grandes de capa dura e com imagens.

“Esse escritório, que transformei em biblioteca, era para ser a sala de jantar, mas passei a sala de jantar para um lugar menor dando assim mais espaço aos livros da casa”.

Os livros estão organizados por assunto, há livros de arte em algumas prateleiras, ela tem bastante livro de arte, romances brasileiros em outra, livros sobre livros na prateleira de cima, romances estrangeiros, livros de poesia, livros sobre países, desses com dicas de viagens, “tenho todos os livros em português, inglês ou em francês de uma coleção chamada ‘Descobertas’, o último que comprei foi sobre a exploração na África, comprei lá na ocasião de uma viagem para Dubai”. Há também a prateleira com as coleções de cânones da literatura, a prateleira de livros de medicina de seu marido, de psicologia e seus dicionários, cada categoria em uma prateleira. Nas prateleiras mais baixas estão os livros que comprou para as crianças, quando eram pequenas, tem também uma prateleira com os livros de encadernação mais bonita, que compra em sebo, se interessa muito por encadernações.

Conheci a Amélia na aula de encadernação da Hélade, a encadernadora que entrevistei para essa dissertação. Ela disse que por ter feito o curso de encadernação, gosta muito de restaurar livros com defeitos, e esse hábito atrai amigos e familiares, sempre tem alguém que traz um livro para ela restaurar, quando o trabalho é muito complicado pede ajuda à Hélade. “Recentemente restaurei um livro de uma prima que me procurou por ter encontrado em sua biblioteca um livro que era de seu avô e estava com anotações dele, e precisando de reparos. Depois que desmontei o livro, não sabia mais montar, então tive que pedir ajuda à Hélade. Antigamente achava encadernação cara, mas depois que aprendi, vi o trabalho que dá, então acho até que cobra-se muito pouco, é um trabalho danado”.

“Meus livros estão organizados de acordo com uma lógica, sempre consigo achar o que procuro. Os livros novos vão ficando espalhados pelo escritório ou são colocados na horizontal em cima dos livros, até serem arrumados.”

“Troco muitos livros com meu pai, tem uma prateleira em minha biblioteca que chama José Vicente em sua homenagem, lá estão os livros que peguei emprestado dele e ainda não devolvi. Outro dia ele veio aqui em casa e eu quis indicar um livro para ele, quando tirei da prateleira, percebemos que o livro era dele, estava com seu nome na contra-capla. Meu pai ainda brincou, dizendo que só faltava eu emprestar o livro para ele e pedir que devolvesse.”

Os livros da Miriam estão no escritório, um espaço separado da sala principal por uma parede vazada, portando, é possível enxergá-los de qualquer lugar da casa. São duas estantes bem largas, que vão do chão ao teto, com prateleiras fundas que permitem colocar duas fileiras de livros na mesma prateleira, para alcançar os livros mais altos, usa uma escada. Na estante que fica próxima ao computador estão os livros de trabalho mais usados, os dicionários, as enciclopédias, os livros de música, histórias de países e algumas das publicações de sua editora. Bem no alto estão os livros herdados de seu pai e bem no canto estão os CDs. Escuta muita música clássica enquanto lê ou trabalha. Na outra estante, que fica bem em frente, estão, na prateleira de cima, bem no alto, “os livros da aposentadoria”, alguns deles são de autores como: Dostoiévski, Tolstói, Goethe, entre outros dos cânones da literatura. Mais abaixo estão outros livros de literatura, tais como os de Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, separados por grau de afinidade. Os livros de poesia, divididos em poesia brasileira e portuguesa, e separados também por grau de afinidade, estão logo abaixo.

Existe uma prateleira com autores prediletos, outra, com os ensaios literários, estudos críticos sobre Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, entre outros; além de entrevistas com autores, literatura brasileira no século XVIII, resenhas, muitos livros sobre crítica literária, entre outros. E fora das prateleiras há muitos livros sobre as mesas e no chão, que ela disse serem novos, que precisam de lugar e outros que foram retirados das prateleiras para consulta e ainda não recolocados no lugar.

Na sala da casa da Rita não encontrei muitos livros, apenas alguns próximos ao computador, que ela disse estar usando para o trabalho. A maioria dos livros está apertada em uma prateleira no alto, perto do teto, no corredor entre os quartos, todos embalados um a um em sacos plásticos, para facilitar a limpeza. Os livros de uso mais frequente, dicionários e alguns de literatura, estão nos quartos. Os seus e os de seu filho estão em seu quarto de dormir e os da sua mãe, no quarto dela. Os livros que estão nos quartos também

estão embalados em sacos plásticos, salvo os mais usados. Os livros do seu filho ficam no quarto dele, em uma estante pequena, embaixo do computador. Os livros não têm ordem estabelecida nas prateleiras, principalmente por falta de espaço, estão distribuídos sem organização, mas minha entrevistada disse que fica fácil de encontrar o que quer, pois sabe mais ou menos onde está o que procura. Disse que os mais bonitos, de capa dura, os de edição mais antiga ou obras completas ficam no quarto de sua mãe ou no corredor, todos dentro de sacos plásticos. Os livros que estão no seu quarto são os que ela usa com mais frequência.

Já Pedro disse que todos os seus livros estão organizados nas prateleiras, por autor, não tem ordem alfabética, e os autores com os quais tem maior afinidade coloca todos em uma estante só. “Por exemplo: Jorge Luis Borges na minha estante está conversando com Machado de Assis e William Shakespeare, logo após T. S. Eliot e Proust, um ao lado do outro, todos conversando”. Cria um salão literário permanente, junto aos autores de acordo com suas afinidades e “quase que imponho as minhas afinidades aos autores na hora de arrumá-los. É muito bom colocar Virginia Woolf conversando com Thomas Mann, pois a rigor um não tem nada a ver com o outro, como não sou crítico literário, tenho total liberdade de organizar as conversas em minhas estantes como bem entender. Às vezes eu mudo os autores de lugar e coloco a Virginia Woolf para conversar com a Nélide Piñon, por exemplo. Ponho a Clarice Lispector para conversar com o Ciro dos Anjos. Gosto de reorganizar os livros na prateleira”.

Não gosta de livro na sala, seus livros ficam nos aposentos mais íntimos da casa, tem livros em seu escritório residencial, em seu quarto de dormir e alguns em uma estante fechada com vidro que herdou de seus avós, que fica no corredor. “Tenho um escritório aqui perto de casa, onde estão todos os meus livros de trabalho, dicionários, enciclopédias, compêndios e tem alguns autores que tenho nos dois lugares, em casa e no escritório, a obra completa de Proust em português e em francês tenho aqui e no escritório, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Drummond, Cecília Meireles, T. S. Eliot, Ezra Pound, Shakespeare, eu tenho aqui e tenho no escritório, pois são autores que não dispense, se passo o dia no escritório, e quero ler alguma coisa de que gosto, quero ter sempre à mão”. Tem estantes com fila dupla de livros por falta de espaço e então às vezes coloca uns na frente, e depois troca com os de trás e coloca outros de castigo, na fileira de trás da estante.

“No momento estão na parte de trás o Mario Varga Llosa, Gabriel Garcia Márquez. Coloquei o Jorge Amado e José Lins do Rego para frente. Do mesmo jeito que eu ponho pra conversar eu ponho de castigo pra trás da estante”. Sabe exatamente como encontrar seus livros nas prateleiras.

Sobre esse tema, achei conveniente conversar com um marceneiro, acostumado a construir estantes para bibliotecas, então, entrevistei o marceneiro Ivan, nascido em São Paulo, em 1953, sobre os padrões e o comportamento da maioria de seus clientes e das principais exigências e características, nos projetos da maior parte das bibliotecas que constrói. Ao ser questionado sobre o perfil da maioria de seus clientes, me disse que é procurado por homens, mulheres, arquitetos e decoradores, mas a maior parte das bibliotecas que constrói são para homens com a idade acima de quarenta e cinco anos, de classe média e alta. “A maioria das bibliotecas que construo são em casas de alto padrão, a pessoa rica é mais culta e tem mais livros em casa.”

Quando questionado sobre o projeto das bibliotecas ou estantes, me respondeu que normalmente as pessoas que o procuram sabem o que querem, ou têm uma idéia próxima e apenas pedem alguns conselhos e sugestões, mas quando vêm até ele, já têm as estantes com as medidas, o local e o formato bem claros em suas cabeças. E, na maioria dos casos, querem estantes do chão ao teto com madeira aparente, alguns clientes usam látex para pintar as prateleiras de acordo com a decoração da casa. A maior parte das estantes que constrói é de prateleiras abertas, o que ele acha melhor para evitar a umidade; sabe do problema da poeira, mas prefere isso aos fungos ou bolor a que estantes fechadas estão sujeitas.

Para construir as prateleiras usa imbuia, jequitibá, jacarandá, ou peroba do campo, são todas madeiras resistentes e boas para prateleiras de estantes, e de acordo com ele não empenam com o tempo e peso dos livros, a escolha da madeira depende do gosto do cliente e a principal diferença entre elas é a tonalidade.

Uma de suas principais preocupações ao construir estantes para bibliotecas é a estrutura, é preciso uma estrutura firme, que agüente o peso dos livros sem entortar, para tanto constrói pranchas de madeira que preenche com sarrafos também de madeira e régua de sustentação, tudo isso na parte interna, entre as pranchas que formarão a prateleira. Questionei-o sobre o motivo de não utilizar madeira maciça nas estantes e ele me

respondeu que dessa forma, preenchendo as estruturas com sarrafos e régua, a prateleira não fica oca e, portanto, muitas vezes é até mais resistente do que uma prateleira maciça. “Tudo o que é oco não é maciço, ao preencher as pranchas de madeira com estruturas especiais, elas deixam de ser ocas, e se tornam mais resistentes”. Disse também que em muitos casos, para reforçar a estrutura, faz também um tratamento nas prateleiras com material metálico, isso tudo depende do tamanho, da altura e profundidade da estante a ser construída. Perguntei sobre prateleiras presas na parede e ele respondeu que isso não é bom, que a parte de trás da prateleira faz parte da estrutura do projeto e é importante para a sustentação.

Ao ser questionado sobre o local da casa onde ele mais instala as bibliotecas que constrói, disse que normalmente é em uma sala de estar ou num escritório, não na sala principal e raramente em quartos de dormir. Disse também que a maioria delas é para a casa de moradia do cliente, apenas algumas vezes construiu bibliotecas para casas de campo ou de praia.

Disse que por construir a maioria das bibliotecas para as residências de seus clientes, uma das principais preocupações deles é com a estética. “A biblioteca da residência tem que ser bonita, diferente de bibliotecas construídas para locais de trabalho, onde a beleza já não é tão importante”. Também comentou que sobre a estética as exigências aumentam quando é procurado por um arquiteto ou decorador, nesses casos as prateleiras, necessariamente, precisam combinar com o resto da decoração da casa, pois fazem parte de um projeto maior de decoração do profissional que o procura.

3- O zelo e o ciúme:

Foram raros os casos em que conversei com pessoas que emprestam seus livros ou que lêem livros emprestados. Acredito que o verdadeiro apaixonado por livros e detentor de uma biblioteca pessoal é extremamente ciumento e egoísta, salvo raras exceções, como veremos adiante.

Ana Paula costuma emprestar seus livros, no entanto é muito cuidadosa no processo, ela tem um caderno de anotações com todos os livros que emprestou, nome de quem está com o livro e a data do empréstimo, após trinta dias do empréstimo ela liga para a pessoa e pede seu livro de volta, diz nunca ter tido problemas com esse hábito.

Já o Osmar disse que raramente empresta livros, e quando o faz é muito a contragosto, também não costuma pegar livros emprestados. Eventualmente, se empresta um livro, anota a data do empréstimo e o nome da pessoa para quem emprestou, para ter o controle de onde está o exemplar emprestado. “Sou muito ciumento com meus livros”. Quando empresta livros, normalmente é para sua mãe e cunhado.

A Márcia também não tem o costume de emprestar livros, disse que abre raras exceções, apenas para pessoas muito confiáveis, normalmente parentes, porque não tem problemas em cobrar a devolução, além do mais, sabe que por ser parente é mais difícil perder o contato com a pessoa. Também não gosta de pedir livro emprestado aos outros, prefere ler seus próprios livros, assim pode grifá-los e escrever neles livremente.

A Cláudia também não empresta livros. Antigamente emprestava e por isso perdeu muitos exemplares, pois, de acordo com ela, raramente os livros emprestados são devolvidos. “Não empresto livro nem para os meus pais, cada vez que alguém pede um livro, eu compro um exemplar e dou de presente”. E depois que herdou a biblioteca de seu tio-avô, ficou ainda mais rigorosa no critério de não emprestar livros, “afinal de contas, agora minha biblioteca virou coisa de gente grande.”

Assim também acontece com minha entrevistada Estela, que abre raras exceções ao emprestar livros à sua irmã e raramente pede livro emprestado, prefere ter os seus e manuseá-los sem culpa.

Já o Mário empresta os seus livros, disse que a maioria volta, apenas alguns de seus conhecidos não devolvem, mas disse ser muito partidário dessas campanhas de “dia do livro” e de “incentivo à leitura”. Já deixou muitas vezes livros em uma praça para que fossem encontrados por outras pessoas. Mencionou uma lanchonete perto da casa dele onde pode pegar os livros e levar para casa e também deixar outros livros lá para que outras pessoas levem. “Claro que não empresto nem dêo qualquer livro, mas não sou possessivo com meus livros”. Mas, por outro lado, não pede livro emprestado. Prefere comprar seus

próprios livros ou pegar em bibliotecas e xerocar e, se eventualmente pega emprestado, copia e devolve rápido.

O Alexander, como já mencionado anteriormente, lê muitos livros emprestados e empresta também. Disse que ao fim da leitura de um livro emprestado que gostou muito, ele compra um exemplar para ter em sua biblioteca.

A Grazielle não empresta seus livros de forma alguma, já emprestou no passado e muitos não foram devolvidos. Arrepende-se imensamente de tê-los emprestado, pois muitos desses livros ela não consegue mais encontrar nem em sebos nem em livrarias. Assim como o Frederico, que também disse não emprestar livros, salvo raríssimas exceções para pessoas da família. E quando quer ler, compra nas livrarias ou sebos, em último caso pede emprestado e xeroca.

Roberto também não empresta seus livros, com raríssimas exceções feitas a amigos que estejam precisando muito de algum livro que ele tenha. “Gosto muito da sugestão do Carlos Drummond de Andrade de se criar o Dia Nacional da Devolução do Livro”.

Cristiano, seguindo a regra, não gosta de emprestar livros, raramente empresta seus livros, apenas para os mais íntimos, diz ter vergonha de cobrar a devolução dos livros emprestados para pessoas com quem não tem intimidade, “evito ao máximo correr o risco de perder algum livro”.

E mais uma exceção é a entrevistada Renata, que normalmente empresta seus livros, mas acompanha seu itinerário de perto, faz com que a pessoa para quem emprestou preste constantes satisfações a respeito do estado do livro e da leitura. “Acho que todos devem ter acesso à leitura e sei que é caro comprar um livro para uma única leitura, por isso empresto, mas tenho muito ciúme”.

Mais uma vez, a entrevistada Paula comprova a hipótese, ela não empresta livros. “Confesso que sou daquelas que morrem de medo quando vem alguém aqui em casa e fica elogiando a estante de livros, puxando um ou outro volume para analisar. Fico vendo a hora em que vai me pedir algum livro emprestado e ficarei naquela saia justa de sempre. Normalmente digo que estou lendo o livro desejado ou que já prometi emprestar para outra pessoa, mas assim que tiver com o livro novamente em mãos, prometo emprestá-lo. Mentirinhas saudáveis e acredito que completamente perdoáveis por zelo e amor aos meus livros” Disse que antigamente emprestou alguns livros que raramente voltaram. O mesmo

acontece quando quer ler, raramente pede emprestado. “Acho falta de educação pedir livro emprestado”, mas quando acontece de não encontrar o volume desejado nas livrarias, sebos e bibliotecas, pede emprestado, xeroca rapidinho e devolve em seguida.

O Gabriel disse que às vezes empresta seus livros, mas com “dor no coração”, prefere comprar um exemplar e dar para a pessoa que pediu o livro a emprestar o seu. Muitas vezes procura até em sebos, compra o livro e dá de presente, no lugar de emprestar o seu, só empresta em último caso. Já emprestou muitos livros que nunca mais viu. “As pessoas não devolvem, acho que não é por mal, muitas vezes acho que elas esquecem quem emprestou.” Também não costuma pedir livros emprestados, prefere comprar os seus, raramente pega livros na biblioteca, a não ser que não consiga encontrar o exemplar de jeito nenhum.

Já a Ângela, diferente da maioria dos meus entrevistados, disse que: “Por cacete afetivo os empresto sempre. Amo ler e me sinto amada quando posso oferecer o meu amor, quando ele é aceito pelo outro – valeram os cinco anos de análise!” Disse que muitas vezes o livro não volta mesmo e então ela compra outro volume, disse que não possui livros raros, impossíveis de ser repostos. Gosta de saber que pode ajudar outra pessoa.

A Amélia odeia emprestar livros, tem muito ciúme dos seus livros e quando pega emprestado lê com cuidado e devolve rápido. empresta apenas para uns poucos eleitos, empresta muito para o seu pai e amigos mais próximos. Teve muitas experiências de receber um livro que havia sido emprestado todo destruído, com a lombada forçada e as folhas amassadas. “Já cheguei a comprar o livro e dar para a pessoa que me pediu para não emprestar o meu”.

Miriam disse não gostar de emprestar livros. “Se sair de casa eu dei, tenho amigos que devolvem e raramente empresto, mas normalmente se me pedem emprestado eu compro. Quando é um livro mais difícil de encontrar eu digo para a pessoa que pediu que ela pode ler aqui em casa, mas o livro não sairá daqui. Tenho um livro que está emprestado para uma amiga jornalista que trabalha para a BBC em Israel, o livro é *A sangue frio*, do Truman Capote, ela já veio duas vezes para o Brasil e não trouxe meu livro. Agora ela está de mudança para o Brasil e estou com receio de que no meio da bagunça da mudança ela deixe meu livro para trás. Muita coisa ela deve deixar, pois faz quarenta anos que ela mora em Israel e não vai dar para trazer tudo, então já estou escrevendo para ela, primeiro

rodeando e falando sobre sua vinda e mais tarde, como quem não quer nada, vou pedir que ela não esqueça de trazer meu livro de volta”.

Rita às vezes empresta, mas prefere dar de presente. “Acho que o livro tem vida e é uma tristeza deixar guardado. Tem livro que a gente lê uma vez e depois nunca mais vai ler, esses eu leio e depois dou de presente, acho que livro tem que circular”. Contou que já teve três exemplares do livro *Em nome da rosa*, foi lendo e dando e depois comprou outros. Os livros do Harry Potter são outro exemplo, ela e seu irmão leram e depois ela deu para um amigo. Mas disse também que isso não acontece com todos os livros, tem alguns que não empresta, nem dá. Isso acontece com seus livros de filosofia e seus preferidos de literatura, esses ela disse que usa sempre como referência ao escrever algum artigo ou um comentário em seu blog. “As pessoas não costumam devolver os livros que pedem emprestado, portando quando alguém me pede um livro do qual eu não quero me desfazer, digo que estou usando esse livro e que assim que terminar emprestarei, fico desconversando.”

Pedro disse que empresta seus livros, mas não pega emprestado e se empresta e a pessoa não o devolve disse que não se incomoda, se ficar sem um livro que gosta muito ele procura outro igual. “Evidente que normalmente as pessoas me devolvem os livros que pegam emprestado, o ser humano não é tão mau assim, a maioria das pessoas para as quais emprestei livros me devolveu, talvez porque sejam pessoas que têm a mesma relação com o livro que eu tenho”. Disse que houve alguns casos em que não devolveram o livro emprestado e ele não se aborreceu, “penso que evidentemente a pessoa não tinha dinheiro para comprar e nesses casos eu compro outro livro igual”.

4- Os cuidados:

“O clima brasileiro é, em geral, nefasto aos livros. Na maior parte do território nacional o ar é úmido e quente. Não há ambiente melhor para a proliferação de insetos, que atacam os livros, e para formação do mofo, que danifica o papel e a encadernação. Nada pior para os livros. Infelizmente, em muito poucas partes do Brasil, o livro envelhece sem moléstias”.⁹¹

⁹¹ Borba de Moraes, Rubens, *O Bibliófilo Aprendiz*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975, p.81.

Cada um tem uma receita milagrosa para evitar essas pragas, aconselham a pincelar as páginas com ingredientes diversos. Há até quem utilize querosene nos livros com o intuito de afastar os insetos, mas o que acaba acontecendo é que afasta o leitor, deixa as páginas dos livros oleosas e mal cheirosas.

Na opinião de Rubens Borba de Moraes, o melhor antídoto contra os insetos que atacam os livros é o D.D.T., segundo ele, convém usar o pó, pois o líquido mancha os livros. “A aplicação do pó é mais fácil e não tem perigo de manchar. Onde convém usar o D.D.T. líquido é nas estantes, vazias, e esperar que o líquido evapore sem deixar vestígios. Esse método, se o preparado for de boa qualidade, é de longa duração. Mas além dos insetos que atacam os livros, os donos de bibliotecas particulares têm que lutar também contra a umidade. O papel usado nos livros mais modernos é mais suscetível à umidade, pois tem menos cola no seu preparo, porém os papéis de livros mais antigos, preparados com cola, são mais atraentes aos insetos. Certos papéis porosos, usados principalmente na impressão de livros do século XIX, chamados *bouffants* ou papel de madeira, são verdadeiras calamidades, fabricados sem cola alguma são extremamente porosos, verdadeiros mata-borrões, absorvem a umidade com enorme facilidade. No século XIX, quando se começou a imprimir livros com papel *bouffant*, certos bibliófilos mandavam tirar para si a obra em papel especial. Mais tarde os próprios editores tiravam suas cópias em papel de melhor qualidade. Era possível também comprar o livro em papel comum e mandar “encolar” antes de encaderná-lo. “É uma pena que se tenha impresso, nestes últimos trinta anos, em papéis de madeira ou *bouffant* de má qualidade, tanta obra de valor. Dessas primeiras edições nada restará”.⁹²

“Os livros de Mário de Andrade e de quase todos os escritores da Semana de Arte Moderna foram impressos em papéis péssimos. Já hoje em dia, essas primeiras edições, verdadeiros marcos da literatura brasileira, encontram-se todas manchadas de fungo e não durarão muitos anos”.⁹³

⁹² Idem, p.83.

⁹³ Idem, p.83.

Antigamente tinha quem defendesse as estantes abertas e outros que defendiam estantes fechadas, os primeiros justificavam dizendo que a ventilação evita o mofo, os do segundo grupo defendiam estantes fechadas, mas com um pires de cal virgem para absorver a umidade. “Discussão ociosa de porta de livraria. Não resta dúvida de que o pires com cal virgem era um meio excelente para lutar contra a umidade, em uma época em que o homem, para lutar contra o calor, só tinha o leque”.⁹⁴

Ainda bem que hoje em dia podemos contar com o maravilhoso aparelho de ar condicionado, que obviamente não foi inventado para proteger os livros e sim para o conforto do homem civilizado, mas é sem sombra de dúvida a solução moderna para a proteção dos livros. Porém para a biblioteca que está num clima extremamente úmido, existe outro aparelho moderno chamado desumidificador. Convém ter um hidrômetro na sala dos livros, para que ele indique o nível de umidade do ar. O desumidificador deve ser ligado nos casos de umidade superior a 60 ou 65%.

Porém isso ainda não é tudo. É preciso proteger as encadernações. O ar muito seco danifica o couro, ressecado perde a elasticidade natural e ao abrir e fechar, rompe-se. Na Europa e nos Estados Unidos, principalmente onde as habitações são geralmente superaquecidas, é preciso tomar cuidados especiais com os livros encadernados em couro. O ideal é controlar a umidade e a temperatura do ambiente onde estão os livros. A umidade ideal é 60 a 65% e a temperatura de 20 a 25 graus.

Mesmo conservados em temperatura e umidade corretas, é preciso proteger as encadernações com certos preparados. “Monsenhor Nabuco, num livro admiravelmente bem feito e que todo bibliófilo brasileiro precisa ler, aconselha, para proteger e conservar os couros, uma receita usada pelo British Museum à base de lanolina. Não há a menor dúvida que é excelente. Eis a formula copiada do livro citado: Lanolina anidra (gordura de carneiro) – 7 onças; Cera de abelha – ½ onça; Óleo de Cedro – 1 onça e Hexane (éter de petróleo refinado) – 11 onças. As fórmulas usadas pela Library of Congress são muito parecidas com a do British Museum. A base de lanolina que, de acordo com estudos feitos, é a melhor gordura para proteger e amaciar o couro sem manchá-lo”.⁹⁵ No Brasil se utiliza

⁹⁴ Idem, p.83.

⁹⁵ Joaquim Nabuco, apud, Borba de Moraes, Rubens, *O Bibliófilo Aprendiz*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975, p.84/85.

muito graxa de sapato para proteger a encadernação, mas ela acaba manchando o livro e encobrindo a douração.

Não nos esqueçamos dos danos que causam o sol aos livros, luz em excesso desbota e resseca a encadernação e o papel. Quanto menos luz solar batendo nos livros melhor será para sua preservação.

Sem falar que a limpeza constante dos livros é fundamental, tirar a poeira com delicadeza é imprescindível. Mas é preciso delicadeza nesse processo, nada de esfregar os livros com pano ou batê-los um contra o outro. Rubem Borba de Moraes aconselha que a limpeza dos livros deve ser feita pelo dono da biblioteca, poderemos confirmar esse hábito nas entrevistas realizadas. Ele também recomenda que o dono da biblioteca limpe um livro de cada vez, folheando, conferindo encadernação e possíveis danos, e no caso de colecionadores com muitos livros, divida o trabalho em vários dias. Use uma escova para tirar pó e uma camurça em seguida, se encontrar algum inseto, retire o livro doente, trate com D.D.T. os livros que estão perto, desinfete a prateleira com D.D.T, e só volte com o livro doente algum tempo depois.

“Quem trata de seus próprios livros não teme bicho, mofo e outras calamidades. Além disso, é um excelente exercício para bibliófilos, gente sedentária e avessa a esportes. É possível que alguém julgue meus conselhos inexecutáveis, devido ao custo dos aparelhos e preparados que preconizo. Há muita gente sovina entre bibliófilos. Essa gente prefere ver sua biblioteca desvalorizar-se aos poucos a gastar com a manutenção. Há também pessoas indiferentes ou negligentes, que não tratam de seus livros com os devidos cuidados. Esses bibliófilos verão seus livros envelhecerem rapidamente. Livros exigem bom trato e carinho, como as mulheres”.⁹⁶

Em minhas entrevistas, pude perceber em todos os casos, algum tipo de cuidado com os livros ou pelo menos uma inquietação a respeito da manutenção das bibliotecas. Muitos dos entrevistados não sabem o que fazer para proteger adequadamente seus livros e tem também o problema financeiro, muitos reclamaram da falta de dinheiro para construir estantes adequadas em lugares devidamente aclimatizados. Foram raros os casos em que

⁹⁶ Idem, p.86.

encontrei uma biblioteca devidamente mantida, como a do Dr. José Mindlin, ou da Cláudia e do Gabriel.

No caso do Dr. José Mindlin, é sabido e não preciso entrar em detalhes, mas ele toma todo o tipo de cuidado na manutenção de seus livros, dedetiza as prateleiras constantemente, mantém o clima adequado, nem muito seco nem muito úmido, as estantes têm todas uma certa distância do chão, para evitar problemas com umidade e, no meio de nossa conversa, sua secretária falou que não gosta quando as pessoas que visitam a biblioteca puxam o livro da prateleira pela lombada. “Isso estraga a encadernação dos livros”. Apesar de incentivada pelo Dr. José Mindlin a mexer nos livros à vontade, fiquei morrendo de medo de retirar algum volume da prateleira de forma errada.

O Gabriel também tem uma biblioteca “de profissional”, mas assim como o Dr. José Mindlin e a Cláudia, quem faz a manutenção dos livros não são eles. Contratou bibliotecárias que além de organizarem os livros na prateleira, se encarregaram de solicitar dedetização das prateleiras com produtos dos quais meu entrevistado nem tomou conhecimento, prefere delegar essa função da manutenção dos livros a pessoas que entendem do assunto.

E no caso da Cláudia, que está com duas bibliotecárias em sua casa, organizando principalmente a recém-herdada biblioteca de seu tio-avô, aproveitou a situação para pedir conselhos sobre a manutenção correta dos livros, e como os outros, dedetizou as estantes e ao planejar a biblioteca, seu marido desenhou as estantes com uma certa distância do chão, também para evitar umidade. Os livros são limpos pela empregada, constantemente. Ela também delegou a tarefa da manutenção da biblioteca às suas empregadas. “Desde que não tirem nada da ordem, são as empregadas que limpam meus livros, tirando todos da prateleira, passando pano seco em cada um dos livros e recolocando-os na mesma ordem em que foram encontrados”.

Ana Paula disse que não toma nenhum cuidado especial com seus livros a não ser a limpeza constante dos volumes e da prateleira, processo também delegado à empregada da casa.

Já o Osmar faz a manutenção de seus livros pessoalmente, uma vez a cada seis meses, tira todos os livros da prateleira, limpa um por um os volumes, coloca D.D.T. nas prateleiras, espera secar e aos poucos vai recolocando os volumes. “Minha mulher fica

enlouquecida com esse processo, pois durante os dias de limpeza os livros ficam espalhados pelas mesas, pelo chão da sala e até que as prateleiras sequem é um caos, mas faço isso pessoalmente, quero ter certeza da boa manutenção de meus livros”.

A Márcia, apesar de não passar nenhum produto especial em seus livros ou prateleiras, faz ela mesma a limpeza dos volumes com um pano seco, para tirar o pó, disse que gostaria de ter mais espaço, dinheiro e tempo para cuidar melhor de seus livros.

Estela disse que também gostaria de saber mais sobre cuidados especiais com os livros, disseram-lhe que a melhor coisa a fazer para cuidar dos livros é manusear, “mas não dá para manusear todos os dias todos os livros.” Disse que sua madrinha tinha livros em perfeito estado e que foram vendidos ao Dr. José Mindlin, na ocasião de sua morte. Os livros estavam em perfeito estado pelo costume que sua madrinha tinha de colocar um pouco de inseticida em pó dentro dos livros. Quando a Estela mudou de casa, encaixotou os livros e usou essa técnica do inseticida, “realmente os livros não estragaram”, mas alguns ficaram manchados.

Cristiano se mostrou extremamente cuidadoso no que diz respeito à conservação de sua biblioteca, retira os livros da estante pelo menos uma vez por mês, para tirar o pó e reorganizá-los, incluir as novas aquisições e reorganizar os que por algum motivo tenham sido tirados do lugar. Mantém as prateleiras sempre limpas, com álcool e lustra-móveis. A Renata toma alguns cuidados com seus livros, tira o pó frequentemente e então limpa as prateleiras, faz isso pessoalmente.

Paula contou uma história, segundo ela, “aterrorizante”. Antigamente, quando morava na casa da sua mãe, quem limpava os livros com um pano úmido bem de leve era a empregada da casa, seguindo ordens expressas de não tirar nenhum volume do lugar. Minha entrevistada contou que, ao mudar de casa, construiu uma estante na sala para colocar seus livros e arrumou-os pessoalmente. Passados dois meses da mudança ela reparou alguns insetos estranhos ao redor da estante. “Fiquei alucinada, chamei uma empresa de dedetização que confirmou serem cupins. Minha casa estava infestada de cupins.” Disse que ficou tão assustada que gastou uma “fortuna” para dedetizar a casa inteira, inclusive batentes e assoalhos e perto da estante, além da dedetização colocou iscas para cupim, uma nova tecnologia que atrai os insetos, assim ela pode verificar de perto se os bichinhos voltaram. Mas quem limpa seus livros é a empregada, seguindo a instrução de

não tirar nada do lugar em hipótese alguma. “Disse para ela passar o espanador toda a semana e uma vez a cada três meses tirar um por um e passar pano em cada um deles e colocar de volta, cada um em seu lugar”.

A Ângela disse que limpa pessoalmente seus livros e manuseia constantemente, como se estivesse acariciando uma pessoa. “Faço isso pela importância que eles têm para mim”. O Mário, Alexander, Grazielle, Frederico, o Roberto e a Renata não se diferenciaram quando questionados sobre os cuidados na manutenção dos livros, apenas mantêm seus livros limpos pela empregada e pedem que não os tirem da ordem. Com exceção do Alexander, que não se importa com a ordem dos livros na prateleira, como já mencionei anteriormente.

Amélia não tem muitos cuidados especiais com seus livros, assiste muitas palestras sobre livros e sobre como cuidar de livros, também lê muito a respeito, mas na prática não aplica muito dos seus conhecimentos, o único cuidado que tem é fazer uma limpeza em cada um dos livros e nas estantes uma vez por ano. Durante o resto do ano a empregada apenas tira o pó. Disse que já passou muita vergonha ao puxar um livro da prateleira para mostrar a alguém e esse livro estar todo empoeirado.

Miriam disse que normalmente espana os livros uma vez a cada duas semanas e uma vez por ano tira, pessoalmente, todos os livros das prateleiras e limpa com um pano seco um por um, folheando o livro e conferindo cada um deles. “Graças a Deus nunca tive problemas com insetos. Esse ano em vez de fazer essa limpeza durante as férias, como de costume, fui viajar e não tive tempo, por isso que está tudo meio bagunçado, agora só farei essa limpeza no ano que vem”.

Como já escrevi, o principal cuidado que a Rita toma com os livros é contra a poeira, coloca cada livro dentro de um saco plástico. Disse que quando era estudante de jornalismo, na UNESP de Bauru, trabalhou na biblioteca da faculdade e uma de suas atividades era classificar os livros e verificar o estado de conservação de cada um deles e por causa do contato com a poeira das folhas ficou com as pontas dos dedos em carne viva e teve que parar de trabalhar na biblioteca.

Pedro falou que ninguém coloca as mãos em seus livros, ele mesmo cuida, tem em torno de dois mil livros em sua casa e ele arruma e limpa frequentemente. Disse que por mais que sua empregada esteja habituada com os livros, ela não mexe. “Eu cuido dos meus

livros, como estou sempre arrumando eles na prateleira, eu me entendo na minha desordem e não gosto que mexam para não tirar do lugar”. Não tem nenhum cuidado contra insetos, nunca teve problemas com isso, e seus livros são muito usados, então nunca teve problemas com mofo. “O uso conserva o livro”.

Sobre esse assunto, conversei com a restauradora Hélade, formada em biblioteconomia, nascida em São Paulo em 1952. Trabalhou treze anos em biblioteca e há vinte anos que trabalha como restauradora e encadernadora de livros. Mas hoje em dia vê seu trabalho muito mais como um trabalho de formação de consciência da importância da conservação do que somente como um trabalho de restauração em si.

Quando questionada sobre qual o perfil de pessoas que a procuram, respondeu que é bastante variado: “Até se estabelecer no mercado, é difícil se manter com restauração de livros raros, é preciso fazer diversos outros tipos de trabalho, ligados à publicidade, como produção de cardápios ou até trabalhos como a encadernação básica de teses.” Atualmente não faz mais isso, mas encaminha para outras pessoas, pois seu trabalho para esses casos acaba sendo mais caro. Hoje em dia faz trabalhos para pessoas que a procuram querendo a restauração de um livro de infância, herdado, e que precisa de cuidados, mas que não é uma edição rara, apenas um livro que tem importância para o proprietário. Trabalha também para pessoas que têm uma edição rara, mais importante, um colecionador de livros e para instituições.

Disse que o colecionador de obras raras conhece mais o assunto, sabe mais detalhes do trabalho de restauração e encadernação e sabe o que tem na mão, porém, isso não quer dizer que ele esteja disposto a pagar mais pelo trabalho, mesmo sendo um trabalho de maior responsabilidade. Preocupa-se tanto com a conservação como com a beleza do trabalho, apesar de permitir que se mantenham alguns traços das características originais do documento. Já o “amador” do livro, aquele que a procura com um livro comum, sabe bem menos dos detalhes do trabalho da restauração, chega achando que precisa apenas trocar a capa, quando às vezes o livro tem problemas de estrutura, se preocupa muito com a beleza do trabalho final, mesmo que esse descaracterize totalmente o documento. Já na instituição, o interesse é quase que exclusivamente de conservação. Disse que atualmente está fazendo um trabalho com os documentos e livros raros da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, e a preocupação maior é com a conservação, sem preocupação com a beleza.

“Às vezes esse trabalho não deixa o material tão bonito”. Quando é procurada por pessoas que querem apenas deixar os livros mais bonitos, pensando apenas na estética da estante, não aceita o trabalho. “Essas pessoas têm dinheiro e não se preocupam com a conservação do que têm, estão pensando apenas na beleza. Esse trabalho não está na minha formação, eu tenho que respeitar a individualidade de cada exemplar”.

Quando questionada sobre os diferentes tipos de restauração e encadernação, respondeu que: na restauração de uma obra rara, o mais importante é a manutenção da integridade de cada exemplar, só se acrescentam coisas que não são do exemplar para dar possibilidade de manuseio, quando não tem. Tenta-se usar todos os elementos originais do livro. Já com a capa, as tendências mudam de acordo com os anos, nos anos cinquenta, se a pessoa tinha um exemplar do século XVII que perdeu a capa, se faria uma capa nova, ao estilo da época, alguns restauradores ainda fazem isso e também alguns colecionadores preferem assim. Já no pensamento mais atual, quando um documento chega para restauração sem vestígio nenhum da capa original, ou apenas com alguns resíduos, primeiro remove-se os resíduos e faz-se uma encadernação de conservação, neutra, sem cara de nada, o modelo que ela usa é o modelo holandês do século XVII, uma capa de pergaminho, flexível, sem muita tensão e geralmente leva caixa, normalmente usa-se uma caixa macho-fêmea, dessas que abrem e permitem a consulta do livro dentro da caixa, mas pode-se fazer a caixa em formato de luva, daquelas que enfia o livro dentro e que precisa ser retirada na hora da leitura. As caixas também são feitas em material neutro.

O livro de capa maleável, no estilo mais contemporâneo, se estiver dentro de uma caixa, se conservará por muitos anos e se houver algum problema, a caixa poderá ser refeita e a encadernação é mantida. A caixa é uma maneira de proteger o livro sem mexer na encadernação original. Seu foco é a manutenção do livro como documento, acredita que se o livro foi projetado de determinada forma, essa forma deve ser preservada ao máximo. “Se eu pego uma brochura do século XIX, que está inteira, desmonto e coloco uma encadernação, estou descaracterizando o livro, esse livro é um estudo de bibliofilia e deve ser preservado”. Sabe que essa é uma visão muito mais institucional do que particular, pois o colecionador particular quer além de manutenção a beleza do volume. Trata todos os livros como raridade, disse que muitas vezes um livro pode pertencer a uma pessoa, que faz

anotações e que um dia poderá vir a ser famosa, sem falar na importância pessoal que cada um dos proprietários dá ao seu livro que precisa de restauro.

Disse que especialmente se o livro é raro, é bom guardá-lo em caixas. As caixas têm o nome do livro na lombada e podem ser guardadas facilmente nas prateleiras sem prejudicar o manuseio. Na Faculdade de Direito do Largo São Francisco está organizando um projeto, que começou no ano 2000 com o patrocínio da FAPESP, são duas equipes de restauradores. Estão agora restaurando as obras raras do século XVII, lá eles estão usando caixa no que é restauro de encadernação, no que é restauração de conservação, ela faz um envelope de cartão neutro que funciona como proteção contra o pó e contra a luz, esse tipo de proteção ainda é provisório, por causa da verba destinada ao projeto. A bibliotecária chefe e eu concordamos que mais importante do que fazer caixas para os livros é importante primeiro restaurar todos eles e depois sim pensar nas caixas, como um segundo passo.

A estética e a encadernação decorada não são sua especialidade, hoje em dia não aceita trabalhos desse tipo. Foge um pouco da encadernação decorada com grandes aplicações de couro, a não ser em um trabalho de restauração, onde a capa original já era assim. Disse que é difícil de fugir das letras douradas e que se desencanta um pouco, pois as pessoas são grudadas em um estilo característico do século XVIII, com muitos floreios e dourados, no lugar de fazer uma coisa mais limpinha, mais contemporânea, mais lisa. Mas disse que o mais procurado pelo colecionador é o couro tradicional ou então o percalux, aquele tipo de encadernação mais barata usada em biblioteca e em teses. Disse detestar trabalhar com percalux, acha feio, disse dar a impressão de ter uma resistência que não tem e não dar um acabamento bonito. A maior mão de obra que tem com um livro é higienizar, é olhar dentro e ver se tem reparo para fazer, fazer uma boa estrutura, uma boa costura, o revestimento da capa é um trabalho mínimo. O que dá mais importância é ao trabalho de estrutura e preservação do miolo.

Quando um livro que teve as folhas coladas precisa de restauro, normalmente ela faz um costura japonesa, que é feita por cima da capa e pega todas as folhas, como se grampeasse o livro, sabe que isso prejudica a abertura, mas ainda assim é uma solução melhor do que colar novamente as folhas, pois elas irão descolar de novo. Mas existe

também uma outra solução mais cara e mais trabalhosa de colar com cola neutra e papel japonês as folhas, duas a duas, forma um caderno e costura normalmente.

Algumas pessoas ainda pedem as iniciais na lombada, mas ela aconselha a fazer um ex-libris, acha mais bonito e elegante.

Quando as páginas do livro estão muito destruídas, por insetos ou por umidade, e por algum motivo o papel se desfez, ela indica uma refibragem mecânica, esse trabalho ela não faz. Disse que esse tratamento é feito com uma máquina, como uma cuba de pia, com saídas de água e uma grade em cima. O profissional então pesa uma folha inteira e depois pesa a folha danificada, vê a diferença de peso e de fibra, então prepara uma fibra especial com um tom o mais próximo da folha original, coloca essa folha danificada na água sobre essa grade, e põem nessa água a quantidade de fibra correspondente ao que falta, então ele solta a grade e a fibra vai para onde tem buraco, refazendo a folha danificada, disse que muitas vezes refaz-se o papel e somem-se as letras. É muito difícil recuperar as letras que estão faltando, disse que tem um restaurador inglês muito famoso chamado Bernard Middleton que estuda a folha, procurando descobrir o tipo de letra e características do texto. Isso para ela é falsificação, a pessoa está colocando coisa no livro que não faz parte desse exemplar. Ao mencionar um restaurador indiano, disse: “O trabalho de restauro tem que ser confortável aos olhos, porém confessável”.

Ela não faz o trabalho de higienização, apesar da procura ser grande, pois precisaria de uma equipe maior, disse que as pessoas querem agilidade e rapidez, as bibliotecas são grandes, é um trabalho insalubre, mesmo usando máscara tem contato com poeira e fungo, com veneno que o proprietário ou o antigo proprietário colocou no livro um dia. Além do mais, disse que quando se entra em uma biblioteca, acaba-se entrando na vida de seu proprietário, em sua intimidade, portanto é preciso de uma equipe bastante profissional e acredita não ser uma boa administradora, para tanto. Mas sempre acaba dando dicas de manutenção, de como higienizar, de onde colocar uma estante. Disse que mais do que tratar o exemplar a visão hoje é de tratar o ambiente. Acredita que o que mais prejudica o livro é a instabilidade do local onde esse está guardado. Disse que a luz prejudica, a variação da umidade relativa do ar, a variação de temperatura. Referiu-se a diversas leituras que fez a esse respeito e disse que encontrou relatos de obras que ficaram esquecidas em determinados lugares, sem nenhuma manutenção e que se mantiveram, isso porque, de

acordo com suas leituras, esses lugares, muitas vezes sem a menor condição, não tinham muita variação, eram locais estáveis. Disse que o melhor lugar para as estantes de livros é longe da luz solar, das janelas, sem paredes que dêem para a rua, que tem variação e risco de umidade, ou que tenha canos. E que a higienização é muito importante, uma limpeza constante traz uma maior controle da situação da biblioteca, pois ao verificar um livro, verifica-se todos, e se houver um ataque de insetos ou de umidade, o proprietário descobre no começo e evita maiores problemas.

“Há anos, pensando na conservação, tomei uma decisão de não ter mais livros do que a quantidade de estantes que tenho em casa, porém a quantidade de livros foi aumentando e tive que construir uma nova estante, tive que construí-la na sala, apesar de ser contra ter livros na sala, pois acho que é uma coisa mais de intimidade. Mas por falta de espaço na casa não tive outra opção, então projetei minha estante e nela consegui colocar os livros grandes e mais pesados na horizontal, na parte de baixo da estante e os outros na vertical, nas prateleiras de cima. Estou muito feliz com minha estante nova. Porém acho, tanto como bibliotecária quanto como conservadora, que apesar das dicas de conservação, o que deve prevalecer, na forma de organização dos livros na estante, é a praticidade de manuseio do proprietário. O proprietário tem que estar à vontade com seus livros e com sua biblioteca. A primeira função do livro é ser lido e usado. Dou aulas sobre conservação e explico diversas regras sobre como tratar o livro, porém tudo tem um limite, não podemos afastar o proprietário de sua biblioteca. Uma vez li um livro que dizia que algumas pessoas têm pelo livro um amor platônico, quase não tocam e tem muitos cuidados, já outras têm um amor carnal, que dobram, anotam e marcam páginas. Meu pai tinha um monte de canetas coloridas no bolso, que serviam para marcar suas leituras, ele não lia sem caneta na mão, e meu pai lia e escrevia muito. Uma raridade claro que exige um cuidado diferente, mas acredito que a função principal do livro é o uso”.

5- A relação com o objeto:

De acordo com Miguel Sanches Neto, no capítulo “Da arte de apontar lápis”, no livro *Herdando uma biblioteca*, conta que não respeita os livros, durante sua leitura grifa e faz anotações a lápis, nunca usa caneta. “Assim como jamais aceitaria que tatuassem algo em meu corpo, por mais belas que fossem as imagens. Usando lápis posso me arrepender de um julgamento, corrigir uma opinião precipitada na segunda leitura e dar ao futuro dono de meus livros a oportunidade de se desfazer de minhas opiniões e seleções de melhores trechos. Não preciso mais preencher livros didáticos e os cadernos escolares, não escrevo meus textos à mão, o lápis deixou assim de ser serviçal, passando a condição de inseparável companheiro de leitura.”⁹⁷

Minha entrevistada Ana Paula disse que grifa seus livros com lápis e faz fichamento dos livros mais importantes, e anota nos cantos das páginas observações, mas sempre a lápis.

Já o Dr. José Mindlin logicamente não grifa seus livros raros, mas disse que se arrepende de não ter o hábito de fazer fichas de suas leituras. “Muitas vezes tento me lembrar em que livro li tal coisa e não consigo, se tivesse fichas com anotações de trechos importantes, facilitaria a minha memória”.

O Osmar nunca escreve em seus livros, quando tem necessidade, faz um fichamento. Já a Márcia disse que escreve e grifa apenas alguns livros, normalmente os que gosta mais, me mostrou seu exemplar de *A peste*, todo grifado e anotado. Já comprou quatro exemplares de *O Coração das trevas*, pois de tanto reler e anotar neles impossibilitou novas leituras, as folhas começaram a cair e as páginas estavam muito “rabiscadas”. Assim também acontece com a Cláudia, que escreve em seus livros, grifa e muitas vezes faz a lápis um resumo do que achou do livro no próprio livro, na folha de rosto.

O Mário também tem o costume de grifar alguns de seus livros, principalmente os de trabalho, faz anotações nas beiradas, preferencialmente a lápis, mas também usa caneta, “às vezes não tem lápis por perto”. Esse hábito facilita a releitura de livros importantes.

⁹⁷ Sanches Neto, Miguel, *Herdando uma biblioteca*, São Paulo, Record, 2004, p.20.

Alexander, durante a leitura, grifa e escreve nos livros que são seus, em alguns ele até faz um índice na contra capa, indicando as páginas onde estão o que mais lhe interessou. O entrevistado me mostrou *A Era dos Extremos*, de Eric Hobsbawm, abriu o livro mostrando suas anotações e um índice de anotações que costuma fazer na contracapa do livro.

Os entrevistados Frederico e Paula grifam seus livros durante a leitura, preferencialmente a lápis, mas se a caneta estiver mais perto, grifam com ela mesmo. A entrevistada Paula costuma fazer perguntas ao escritos nos cantos das páginas, no decorrer da leitura, apenas para ter o prazer das respostas que poderão vir mais adiante. “Dessa forma converso com o escritor e a leitura é mais uma prosa, mas grifo livros de estudo também e qualquer parte que acho importante, e assim quem ficar com meus livros no futuro, saberá o que eu pensei a cada leitura”.

Grazielle não escreve no livro de forma alguma, se precisar, anota em fichas separadamente e depois guarda. Arrepende-se de ter escrito e grifado alguns livros quando era mais nova, hoje em dia, “quero que meus livros estejam impecáveis”. Assim também pensa o Roberto, que tem o maior cuidado ao ler, não grifa ou faz anotações em seus livros, se precisar marca com um *post-it*. “Acho que escrever no livro é uma agressão”.

Cristiano não tem o hábito de grifar seus livros durante a leitura, salvo os livros de poesia. A grande maioria de seus livros não está grifada. Assim também faz Renata, que não escreve em seus livros durante a leitura: “considero isso praticamente um crime contra os pobrezinhos”. Se precisar lembrar-se de uma observação importante ou de um trecho específico anota em uma folha separada. “Creio que terei opiniões ligeiramente diferentes cada vez que ler um livro e não quero deixar registrada uma visão específica”.

Gabriel disse que grifa e rabisca muito em seus livros durante a leitura. “Sei que esse hábito é condenado por muita gente que tem biblioteca grande, sei que para o Mindlin o livro é uma coisa sagrada, mas para mim o livro tem que ser riscado, tem que ter utilidade, tem que manusear. É claro que tenho alguns livros mais difíceis de serem encontrados, que não risco. Mas os livros com os quais eu estou trabalhando eu risco muito, às vezes até compro dois exemplares, um para riscar à vontade e outro para deixar guardado”.

Ângela grifa seus livros, seleciona trechos, escreve e rabisca. “Como se eles fossem parte de um testamento meu. Quem os ler, um dia, saberá o que era relevante para mim”.

A Amélia disse que quando faz anotação em livro faz a lápis, com caneta nunca, pois marca e sai na outra página. Às vezes assinala algum trecho que gostou. Tem o hábito de ler com um dicionário por perto e quando acha uma palavra que não sabe o significado procura no dicionário e anota ao lado, aprendeu esse hábito com seu pai e seus filhos dizem adorar pegar para ler um livro que foi lido por ela, pois já vem com um glossário junto.

Miriam grifa seus livros durante a leitura. “Houve tempo em que não tinha coragem de fazer isso, mas há uns trinta anos eu marco durante a leitura. Antes eu achava que isso estragava o livro, depois comecei a pensar: por que não? Quando eu era bem mais nova, com uns quinze anos, eu costumava conversar com os autores durante a leitura, escrevia nas margens do texto quando não concordava com o que li, que faltou isso ou aquilo e muitas vezes me retratava ao final da leitura, teve um tempo em que parei de escrever nos livros, depois, durante a fase da faculdade, principalmente com os livros de Direito, eu voltei a marcar o que me interessava na leitura e hoje eu marco com lápis ou caneta, o que estiver mais perto, as partes que me interessam”.

Rita nunca grifa os livros, aprendeu que tem que cuidar muito bem do livro e que o grifo estraga o livro. Geralmente faz marcações com pedaços de papel nas páginas mais interessantes e anota as referências do que chamou sua atenção, anda sempre com cadernos cheios de anotações de leituras e usa depois para escrever seus artigos, ou apenas deixa anotado para o dia que precisar.

Pedro disse que nunca grifa seus livros, acha que prejudicará a próxima leitura, não quer ver o que foi mais importante para ele na leitura anterior. Não precisa grifar ou fazer anotação, ele disse se lembrar de tudo que lê. “Quem vive como eu, respirando leitura, não esquece a leitura que foi feita. Lembro-me perfeitamente das minhas reações quando li *Dom Casmurro* pela primeira vez, que é diferente da leitura de hoje. É um exercício de sobrevivência fazer o Pedro de ontem conversar com o Pedro de hoje, depois de uma releitura. É uma maneira de manter meu espírito jovem. Jamais esquecerei do impacto que foi Marcel Proust no final da minha adolescência, e do impacto que tem hoje que tenho mais facilidade em lê-lo por causa do treino. Um Pedro não cancelou o outro, então não preciso marcar”. Acredita que se marcar uma frase sente que está encapsulando aquele

leitor, e não quer isso, gosta das conversas com os diferentes leitores que é, a cada vez que lê o mesmo livro. “Eu sou passivo, sou produto daquilo que leio, o que leio é que me faz. Tomar nota seria uma dominação, uma forma de declarar meu poder sobre o que foi lido”.

Portanto podemos concluir que as opiniões são divergentes quanto à relação com o objeto, uns consideram o livro um “objeto sagrado”, que deve ser respeitado e mantido quase que intacto, penso que para possível transmissão. Já outros, acreditam que o livro deve ser usado, manuseado, riscado e anotado, com uma leitura quase que interativa e nesses casos, também pensaram na transmissão e em deixar suas anotações, quase como um legado, assim como os livros.

6- O hábito de leitura:

Ainda de acordo com Miguel Sanchez Neto em seu livro de crônicas *Herdando uma biblioteca*, conta que quando morava com seus pais, assim que cresceu o número de livros, sentiu a necessidade de ter um lugar para colocá-los e para leitura, naquela época lia muito no quintal, embaixo da árvore durante o verão e sentado na calçada da frente, sob o sol fraco do inverno. Seus livros ficavam dentro do guarda-roupas. “Para entrar nesse reino onde moram as palavras, eu precisava me afastar do burburinho cotidiano, não para recusá-lo, mas para poder vê-lo de outra forma, filtrado pela leitura”. No fundo do quintal da casa de sua mãe havia um depósito que ele transformou em um gabinete, levou a escrivaninha, que era sua e de seus irmãos, mas eles a cederam, levou para lá uma cadeira velha, uma máquina de escrever e seus livros. “Ali era minha caverna, uma toca para que o menino que eu estava deixando de ser se transformasse em animal noturno, mago das pequenas descobertas literárias, em uma vocação totalmente estranha na família de solares hábitos rurais. Em vez de trabalhar eu lia durante o dia e com a luz acesa, em meu esconderijo. Eu não queria pessoas, queria livros. Não queria barulho de vozes, mas o silêncio das palavras impressas. Nesse exílio, eu me iniciei no rito dos espaços de exceção”.⁹⁸

⁹⁸ Idem, p.41.

Atualmente sua casa está repleta de locais para leitura, na sala principal, cheia de estantes com livros, tem imensos sofás coloridos onde muitas vezes Miguel Sanches Neto passa as tardes lendo. No começo da noite, seu local de leitura preferido é uma pequena saleta com janelões de vidro, com sofás de vime. Depois que todos vão dormir, entre o piso térreo e o superior, tem um local de passagem destinado para a televisão com grandes sofás confortáveis, que também acabam servindo para leitura. O quarto de visitas também serve de refúgio para leitura em noites de insônia. Se está para amanhecer, gosta de ler na cadeira de balanço, em seu quarto. No quarto gosta de ler aos finais de semana, depois da sesta. Em ensolaradas manhãs de domingo, gosta de ler deitado em uma esteira no jardim da casa, logo depois do almoço também lê no banco do jardim. Enfim, de acordo com ele, esses muitos lugares de leitura denunciam sua inquietação, está sempre passando de um assunto a outro.

Assim como ele, Michel de Montaigne descreve a necessidade de um local isolado para leitura e chega ao extremo de dizer que prefere a companhia dos livros às outras (homens e mulheres), diz que o livro é mais seguro e está sempre ao nosso alcance, que o convívio com o livro sempre o ajudou em todas as circunstâncias, consolou-o na velhice e na solidão, suavizou uma ociosidade que poderia ser aborrecida e livrou-o de pessoas inoportunas, amorteceu os latejos da dor, quando é mais forte que qualquer paliativo. Diz que os livros jamais se ressentem por só os procurarmos na falta de prazeres mais reais, mais vivos e mais naturais. Nunca viaja sem um livro, haja paz ou haja guerra, porém pode acontecer de passar dias e meses sem abri-los. Refere-se aos livros como a melhor provisão que pode obter para essa viagem que é a vida. Sempre leu muito, quando moço para brilhar, mais tarde, para alcançar sabedoria e na velhice, lê para se distrair, sem pensar em tirar proveito. Porém escreve sobre a necessidade de um refúgio, um lugar adequado para leitura.

“Um retiro exige um espaço para passear; meus pensamentos cochilam quando sento; meu espírito não anda sozinho, parece-me que o movimento é que excita a força de trabalhar. [...] Penso ser triste, em verdade, a situação de quem não tem onde se isolar em sua própria casa, onde se esconder para meditar. A ambição exige de seus escravos grandes sacrifícios, ao exibi-los sem cessar como uma estátua em praça pública: ‘Uma grande situação é uma

grande servidão'. Não podem isolar-se nem mesmo em sua privada. Nada me parece mais penoso do que essa regra, observada em certas comunidades religiosas, de andarem sempre reunidos, testemunhando em conjunto os atos de cada um. Acho mais suportável estar sempre só do que não o estar nunca".⁹⁹

Minha entrevistada Ana Paula disse que tem seu cantinho de leitura no sótão da casa, e regularmente, de manhã e à noite, passa algumas horas lendo em sua poltrona. Também carrega sempre um livro consigo, assim pode ler onde estiver em qualquer brecha de tempo, entre um compromisso e outro.

Já o Dr. José Mindlin disse sempre incentivar o hábito da leitura em sua casa, contou que após o jantar, todos se levantavam da mesa, ele sua mulher e seus dois filhos e iam até a sala, cada um com seu livro, e então passavam pelo menos duas horas lendo, todos os dias. Ele contou um caso interessante de que um dia um amigo da família chegou em sua casa bem na hora da leitura da família após o jantar, todos estavam na sala lendo, como de costume, o convidado ficou entusiasmado com a cena que viu e foi logo elogiar a filha mais velha que estava no chão com seu livro, disse que era muito bonito ver a família lendo junta e que estava muito satisfeito em ver uma menina tão nova entretida na leitura.

O filho mais novo do Dr. José Mindlin ficou chateado, pois não estava lendo, estava na sala brincando com seus carrinhos, então ele correu para o colo do pai e disse na frente de todos, em alto e bom som, que também gostava muito de ler, apenas ainda não sabia. Mas contou também que, quando jovem, todo o tempo livre que tinha, aproveitava para ler, tinha sempre um livro por perto e então lia no carro, no tribunal, esperando as crianças em algum lugar. Estava sempre lendo.

Osmar tem uma poltrona na sala que é seu lugar preferido de leitura, como trabalha à noite como professor, tem tempo livre durante o dia, com a casa vazia e tranqüila para ler em sua poltrona na sala. Não tem o hábito de ler antes de dormir, pois chega muito tarde em casa. Tem o costume de ler alguns livros direto da tela do computador, isso acontece quando não consegue encontrar o livro nem nos sebos, livrarias e bibliotecas, então utiliza

⁹⁹ Montaigne, Michel, "Da companhia dos homens, das mulheres e dos livros", *A paixão pelos livros*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2004, p.65/66.

sites de estante virtual e não tem o costume de imprimir esses livros, normalmente acaba lendo na tela do computador.

Márcia prefere ler em seu quarto, ainda mora com os pais e esse é o lugar mais tranqüilo da casa. Lê muito à noite, antes de dormir, durante o dia trabalha e estuda, portanto não sobra muito tempo. Normalmente vai até o final dos livros que começa. Quando gosta de um escritor, procura sua obra completa. Não tem o costume de ler na tela do computador, reclamou de dor na vista e na nuca, quando tem que ficar muito tempo trabalhando no computador.

Não tem o costume de freqüentar biblioteca pública, prefere comprar seus livros e ler em casa. Quando o livro que deseja ler está esgotado, ela retira na biblioteca e xeroca. Estela também não freqüenta biblioteca pública, gosta de fumar e escrever nos livros, então não freqüenta bibliotecas públicas, prefere ler os seus livros e em casa. Quando gosta muito do livro, ela procura o filme referente, gosta muito de cinema.

Cláudia tem o costume de ler antes de dormir, em seu quarto e vários livros ao mesmo tempo. Deixa no quarto os livros que está lendo, mais ou menos uns seis e outros tantos que estão na fila para próximas leituras. Assim como os outros entrevistados, quando gosta de um escritor, procura ler tudo que foi escrito por ele e sobre ele. E também disse que normalmente vai até o final dos livros, mesmo quando não está gostando muito, tem o costume de reler seus autores prediletos, “cada leitura é uma nova leitura”. Não lê livros na tela do computador, “livro tem que virar a página”, lê muitos textos de trabalho na tela do computador, até quatro páginas, a partir disso, prefere imprimir.

Atualmente está ela lendo, em uma atividade voluntária que faz todos os sábados, num círculo de leituras com jovens de 12 a 17 anos, em São Bernardo do Campo, as *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa. Essa experiência está permitindo uma nova leitura de João Guimarães Rosa com outro olhar. Lêem em voz alta e discutem a leitura. Por conta dessa leitura com os jovens, teve a chance de ler pela terceira vez *Grande Sertão: Veredas e Sagarana*, contos que conversam com o *Primeiras Estórias*, um dos contos desse livro é *O espelho*, então ela comparou com o conto do mesmo nome *O espelho* de Machado de Assis, que fazia anos que tinha lido pela primeira vez, essa experiência com os jovens de São Bernardo do Campo tem sido muito boa, no sentido de que ela tem relido muitos bons livros.

“A idade dita nossos gostos e lapida nossa percepção. Em cada período da vida, as pessoas procuram e descobrem coisas diferentes num mesmo livro – lembro-me nitidamente do que esperava de Mont-Oriol, de Maupassant, aos dez, quinze, vinte, quarenta e aos cinquenta anos. Tornando-nos adultos, reconhecemos a grandeza indiscutível de Púshkin; e a maturidade traz a compreensão do modesto, mas importante lugar que ocupam os romances de Zola e Honoré de Balzac”.¹⁰⁰

Estela também costuma ler dois ou três livros ao mesmo tempo, normalmente lê no sofá da sala, perto da estante dos livros. Lê as obras completas de seus escritores preferidos, mencionou Freud. Nunca lê livros na tela do computador. Quando gosta de um escritor, lê sua obra inteira e tudo o que foi escrito a seu respeito. E assim, como a maioria dos entrevistados, disse ser muito difícil parar de ler um livro na metade, mesmo quando a leitura não está agradando.

Mário também lê vários livros ao mesmo tempo, ficam todos na sua cabeceira e todas as noites antes de dormir, lê algum, como um ritual. “Os livros que foram selecionados para estar na cabeceira certamente serão lidos”. Também não lê livros pela tela do computador. Sempre que começa um livro vai até o final, mesmo que não esteja gostando muito da leitura. Assim como os outros entrevistados, também lê e relê as obras completas mais os comentários de seus escritores prediletos, assim como fez com Shakespeare e Rubem Fonseca, entre outros.

Freqüentou muito a biblioteca pública na França e freqüentou muito tempo e assiduamente a biblioteca Mário de Andrade, trabalhou no Teatro de Arena que era perto da biblioteca Mário de Andrade, ia até a biblioteca até para ler jornal, o ambiente da biblioteca o fascina. Também quando foi diretor do Centro Cultural São Paulo, freqüentava muito a biblioteca de lá, o silêncio e todos aqueles livros o encantam, muitas vezes chegava cedo e ficava lendo na biblioteca. Gosta muito do ambiente da biblioteca pública.

Diferente da opinião do Mário, mas de acordo com as respostas da maioria, meus entrevistados freqüentaram bibliotecas públicas apenas em criança e quando adolescentes,

¹⁰⁰ Chálámov, Varlam, “Minhas Bibliotecas”, *A paixão pelos livros*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2004, p.100.

hoje em dia preferem ler seus próprios livros e em lugares que já foram apropriados pela leitura. Sobre esse tema é importante o depoimento de Varlam Chalámov em “Minhas Bibliotecas”.

“Por muitos anos tentei aprender a estudar em salas de leitura, mas não consegui. Não é difícil mergulhar a fundo em um livro, a ponto do total desligamento e abstração da realidade em torno. Mas isso só é possível quando se trata de romances ou novelas; não quando o texto é objeto de pesquisa, análise e reflexão. Tal processo requer um grau de atenção e concentração que não é possível alcançar no ambiente de uma biblioteca pública. A Biblioteca Lênin, em Moscou, com suas salas de estudo, também não é exceção. O melhor e mais proveitoso meio de se ler é fazê-lo em casa, sem pessoas ao lado, a sós com o livro. A experiência de leitura na presença de estranhos sempre me foi desagradável, embaraçosa, até; é ainda pior que redigir uma carta íntima no balcão do correio, quando temos uma vontade instintiva de proteger o que escrevemos, temendo nos distrair e expor o conteúdo a olhos alheios”.¹⁰¹

Alexander lê em seu quarto, deitado, antes de dormir. Nunca leu livros na tela do computador: “uma vez baixei o livro do Michael Moore, *Stupid White Men*, e não achei graça em ler na tela do computador, com barra de rolagem, eu gosto de ter o papel na minha mão. Fico triste quando vejo as tendências e o que os japoneses estão inventando o jornal virtual, eu gosto de ter o livro, de ter o papel”. Disse que se não gosta de um livro, pára de lê-lo imediatamente.

Grazielle, diferente das outras entrevistas, disse ler livros na tela do computador porque é mais barato, “sai caro ter que imprimir-los”.

Frederico lê em seu quarto, deitado na cama, quando um assunto o interessa, compra todos os livros referentes a esse assunto, mas diferente da maioria dos meus entrevistados, disse que se não está gostando muito do livro, larga logo no começo e procura outro para ler. Não tem o hábito de ler livros na tela do computador.

Cristiano não tem o hábito de ler livros pela tela do computador, justifica dizendo que tem problema de miopia que dificulta esse tipo de leitura. Não tem o costume de baixar

¹⁰¹ Idem, p.76.

livros pela Internet, não tem computador em casa, apenas no trabalho. Costuma ler deitado em sua cama, ou sentado na sala, e nas horas vagas do trabalho, vários livros ao mesmo tempo e raramente larga uma leitura pela metade.

Paula tem o costume de ler sempre antes de dormir em seu escritório, tem épocas que prefere ler na cama e outras épocas em que prefere ler na poltrona. Apesar de sempre carregar um livro para onde vai, assim pode ler nas horas vagas. Normalmente lê um livro de cada vez, mas de acordo com ela, tem sempre mais dois ou três “engatilhados”. Assim como os outros entrevistados, tem o hábito de comprar todos os livros do autor que mais gosta, inclusive biografias e comentaristas desses escritores. Sempre que está lendo um livro técnico, para estudo, lê junto um livro de literatura também. Raramente larga uma leitura pela metade, normalmente vai até o final dos livros que começa, mesmo quando não está gostando muito.

Gabriel disse que lê muito em avião por causa de suas viagens freqüentes, leva sempre um livro para todo o lugar que vai, para ele, ler ajuda a descansar, então sempre que viaja carrega um livro junto. Lê muito rápido, tem o costume de ler um romance por final de semana. “Acho que essa coisa do ler muito faz com que a leitura seja mais rápida e mais prazerosa também”. É muito difícil largar um livro pela metade, disse que mesmo que não esteja gostando vai até o final, com a esperança de que o livro possa melhorar. Lê praticamente todos os dias, deitado ou sentado em seu quarto.

Disse adorar Clarice Lispector e freqüentemente reler seus livros, assim como tem o hábito de reler freqüentemente outros escritores de que gosta muito. Tem o costume de, quando gosta de um autor, comprar todos os seus livros e inclusive os comentadores de tais autores, de acordo com a entrevista, disse que Dostoiévski é um desses casos em que leu a obra completa mais seus comentadores. Sempre que está lendo um livro técnico para o trabalho, lê algum outro livro junto, por prazer.

Disse gostar muito de cinema também: “Fui ver um filme do Woody Allen que achei que tinha tudo a ver com Dostoiévski, o filme era *Crimes e Pecados*, achei que tinha tudo a ver com *Memórias do subsolo*, então fui reler o livro, isso acontece muito”. Adoro cinema e também revejo muito os filmes de que gosto, muitas vezes vejo o mesmo filme cinco, seis, sete vezes, adoro o texto do filme, fico fascinado com o tipo de diálogo que eles são capazes de construir, portanto o tipo de filme que eu gosto não é de muita ação, são

filmes de texto, Bergman eu acho fantástico, adoro Almodóvar. O Brasil tem produzido coisas geniais também, desde *Carlota Joaquina* e *Lavoura Arcaica*, por exemplo. Gosto muito de teatro também, assisto tudo que está passando de teatro”.

Ângela lê todos os dias, no escritório de sua casa, normalmente à noite, quando todos estão dormindo. Também procura ler tudo o que foi escrito por seus autores favoritos e relê muitos livros frequentemente. Não tem o costume de ler livros pela tela do computador. “Preciso ter uma relação física com os livros.” E não tem o hábito de frequentar biblioteca pública.

A Amélia lê sempre antes de dormir, e durante o dia, quando tem tempo, gosta de ler no sofá da biblioteca, também lê no jardim, quando tem sol, e na sala principal. “Minha filha disse outro dia que se tivesse que fazer uma foto minha para lembrar para sempre, faria essa foto de mim sentada no sofá da biblioteca, lendo um livro.”

Não lê na tela do computador e não tem o hábito de frequentar biblioteca pública, às vezes vai até a biblioteca do clube, e quando era mais moça ia à Biblioteca Mário de Andrade, mas faz tempo que não vai até lá.

Seu marido é médico cirurgião plástico e força muito a visão em seu trabalho, portanto ele tem evitado ler quando chega em casa, então Amélia lê em voz alta para ele durante algumas noites, no final de semana. “Ler era uma coisa que ele gostava muito e por causa da vista cansada teve que parar, então leio contos e romances para ele.”

Miriam disse que lê sempre deitada na cama, à noite, antes de dormir, lê também no sofá da sala e na mesa do escritório, principalmente livros de trabalho. Lê muito na tela do computador, não livros, mais material que recebe, livros que lê durante suas pesquisas, mas prefere ler no papel impresso. Relê muito seus livros prediletos. “Por exemplo, a coleção de Machado de Assis que herdei de meu pai, já tinha lido muita coisa e recentemente reli alguns desses livros, acho Machado um grande barato, e toda vez que leio me encanta. O José de Alencar, que gostei muito quando li na casa do meu pai, ficou para a minha irmã, então eu comprei uma nova coleção e reli recentemente também, gosto muito de *O Guarani* e *Lucíola*”.

Não tem o hábito de frequentar a biblioteca pública, disse que elas estão em péssimo estado e não são convidativas, mas que em sua época de colégio estudou no Colégio Culto à Ciência, em Campinas, e frequentou muito a biblioteca de lá, que tinha ótimos livros, se

lembra da edição crítica de Fernando Pessoa, livros clássicos da cultura francesa, entre outros. No fichário dos livros dessa biblioteca, lembra-se de livros tirados pelo Santos Dumont e Coelho Neto, que estudaram lá, achava aquilo muito interessante. Não sabe como está essa coleção hoje, mas na época em que estudou lá gostava muito de frequentar a biblioteca.

Diferente de meus outros entrevistados, e acredito que isso se deu por falta de espaço, já que ela mora com a mãe, seu filho e seu irmão em um apartamento bem pequeno, a Rita disse que normalmente lê no banheiro ou na tela computador e vários livros ao mesmo tempo, tem sempre livro na bolsa, em seu quarto, junto do computador da sala e no banheiro. Usa o computador para *baixar* livros, acabou de baixar todos os livros da Marion Zimmer Bradley. Mas prefere ler o livro impresso, muitas vezes baixa o livro pelo computador, lê na tela e depois, se gosta muito do livro, compra um exemplar impresso. Lê onde estiver, no ônibus, metrô, na rua, em salas de espera, enfim, lê sempre que tem oportunidade. Gosta muito de ler de madrugada e sempre no banheiro. Nunca lê deitada, pois acha que dá sono. “Acho que gosto de ler no banheiro por ser o lugar mais tranquilo da casa, todos aqui trabalham em casa e nossa casa é bem pequena, então para mim o banheiro é o lugar mais sossegado da casa, me tranco lá e fico horas lendo, tenho sempre uma pilha de livros em cima da pia. Meu filho está aprendendo esse hábito comigo, outro dia tirei uma foto dele lendo uma revista sentado na privada, o engraçado é que a revista estava de ponta-cabeça, ele estava apenas repetindo um hábito meu.”

Pedro disse que não lê em público, não lê em trem nem em aeroporto ou avião, o barulho o incomoda. Frequentou pouco bibliotecas públicas, pois não precisou, mas acha o ambiente da biblioteca pública propício à leitura. Lê muito em uma poltrona em seu quarto, herdada de uma bisavó, que tem luz adequada e lugar para pôr os pés, fica ao lado da estante de livros. Disse que as pessoas se esquecem que ele está em casa, quando está lendo. Lê em outros lugares da casa também, mas seu lugar preferido para leitura é a poltrona em seu quarto de dormir. Não lê na tela do computador, acredita que horizontaliza muito a leitura. Não tem intimidade com o computador, vê como uma representação da realidade a que ele não tem acesso, apesar de reconhecer seus enormes benefícios.

Frequentemente relê seus livros, “recentemente ao passar os olhos pela estante reencontrei o *Relações Perigosas* do Chordelos de Lacos, e reli de trás para frente e de

frente pra trás, li em francês e em português, relia assim que terminava, isso aconteceu umas cinco vezes, talvez eu morra sem nunca mais pegar nele, isso acontece muito freqüentemente com diversos autores”.

A grande maioria dos meus entrevistados lê antes de dormir, diariamente, em locais que foram apropriados pela leitura, uns na cama outros em poltronas no quarto ou na sala, o hábito de leitura, entre meus entrevistados, já se tornou um ritual, com hora e lugar certo. Normalmente relêem seus livros prediletos e quando gostam de um escritor, lêem toda a sua obra e livros referentes a esses escritores.

Grande parte disse que não tem o hábito de freqüentar biblioteca pública, a não ser quando estão à procura de um livro esgotado nas livrarias. A maioria disse que prefere ter o seu próprio livro, para manusear e ler à vontade, o que faz todo o sentido entre pessoas que querem formar uma biblioteca. Mas, o importante é que para alguns dos entrevistados o hábito de freqüentar a biblioteca pública, mesmo quando em criança, foi uma ótima forma de estímulo ao gosto pela leitura.

Termino esse item com uma história relatada por Nelson Schapochnik, no texto: “Das ficções do arquivo: Ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial”, que está no livro *Leitura, história e história da leitura*, no qual relata diferentes práticas de leitura. Começa o texto escrevendo sobre uma tarde de pesquisa na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Primeiro descreve o ambiente da biblioteca e depois, enquanto espera pelo livro que solicitou à bibliotecária, escreve sobre as pessoas que estavam ao seu redor, lendo seus livros, cada uma à sua maneira. Reparou em um senhor, que a todo momento tirava os olhos do livro que estava lendo e distraía-se, olhando ao seu redor, algumas vezes seus olhares se encontravam, até que esse senhor falou com ele: “Não se espante de ver meu olhar freqüentemente errante. Com efeito, esse é meu modo de ler, somente desse modo minha leitura é proveitosa. Quando um livro realmente me interessa, mal chego a percorrer algumas linhas. Não é por desinteresse, mas ao contrário, por afluxo de idéias, excitações e associações que me afastam do livro para depois a ele voltar a prosseguir”.¹⁰²

¹⁰² Abreu, Márcia (org.), *Leitura, histórias e história da leitura*, Campinas-SP, Mercado de Letras, Fapesp, Associação de leitura do Brasil, 1999, referente a Schapochnik, Nelson, *Das ficções do arquivo: Ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial*, p.275.

Nesse momento uma outra leitora que estava perto escutou a conversa e acrescentou: “ – Eu o entendo [intervém uma leitora], levantando das páginas de seu volume um rosto corado, olhos azuis. A leitura é uma operação descontínua, fragmentária; não há pertinência de objetos. Esses objetos são tão variados que não posso unificá-los sob nenhuma categoria substancial, nem mesmo formal; apenas posso encontrar neles uma unidade intencional: o objeto que eu leio é, para além de sua materialidade, fundado apenas pela minha intenção de ler. Portanto minha leitura não tem outra finalidade, leio e releio, procurando, a cada vez, na dobra das frases, o indício de um nova descoberta”.¹⁰³

Nesse momento, outro senhor entra na conversa e diz que também sente a necessidade de reler o que já leu, disse que a cada releitura parece que leu um livro novo. “Cada vez que procuro reviver a emoção de uma leitura anterior, experimento sensações novas e inesperadas. Assim, ler é um antídoto ao envelhecimento!”.¹⁰⁴

“Esse procedimento corrobora a arguta tese de Robert Scholes, quando afirma que ler é, entre outras coisas, proceder a uma escolha no arquivo de sinais conexos, de modo a inserir no novo texto a sua relação adequada com os anteriores, sejam eles referências captadas em livros, em quadros e em experiências já textualizadas na memória”.¹⁰⁵

7- A transmissão:

De acordo com Rubens Borba de Moraes em *O Bibliófilo Aprendiz*, “Quando se estuda a história das grandes bibliotecas do mundo, das grandes bibliotecas nacionais que fazem o orgulho de muito povo, vê-se logo que elas se formaram tendo como base uma coleção particular, e foram se enriquecendo com a aquisição ou doação de outras coleções particulares. Foram os Mazarin, os Grenville, os Barbosa Machado que, legando ou vendendo seus livros à nação, enriqueceram o patrimônio nacional [...] Seria um não acabar mais o querer mostrar que, graças aos colecionadores particulares, muito tesouro é salvo.

¹⁰³ Idem, p.275.

¹⁰⁴ Idem, p.275.

¹⁰⁵ Idem, p.277.

No Brasil então, onde a administração pública, além de ignorante é desmazelada e demagógica, se não fosse o colecionador particular, o bicho, a sujeira e o clima destruiriam tudo que nosso passado legou”.¹⁰⁶

O que observei na grande maioria das minhas entrevistas é que o dono da biblioteca não se preocupa com sua doação, os que têm filhos acreditam que ficará para eles, mas não pensam nesse assunto. Provavelmente Rubens Borba de Moraes está certo, no que diz respeito às bibliotecas particulares que se transformaram em grandes coleções, dando notoriedade a seus detentores, estas tendem a ser incorporadas em acervos públicos ou fundações. Mas as bibliotecas menores, as dos diletantes ou daqueles que as possuem como instrumento de trabalho, esses acervos provavelmente serão dispersos em doações ou irão parar em sebos.

Minha entrevistada Ana Paula, quando perguntada sobre o futuro de sua biblioteca, disse que ainda não pensou nisso. Tem três filhos e provavelmente ficará para eles.

Já o Dr. José Mindlin, como é sabido, doou sua biblioteca brasileira para a USP – Universidade São Paulo, disse que não queria ver um projeto de uma vida inteira separado. “É uma belíssima biblioteca, montada durante toda uma vida de busca e cuidado com os livros, seria uma pena que se perdesse”.

Assim como o Dr. José Mindlin, tem o caso de Plínio Doyle, relatado no livro *Uma Vida*. São exemplos de bibliotecas de grande porte, coleções de livros raros que foram doados ainda em vida, para que não se perdessem pelos sebos da cidade. E fossem comprados por diferentes colecionadores, perderiam o valor da unicidade da coleção.

“Em 1988, não podendo mais, por motivo de saúde, continuar a tratar dos livros com cuidado e atenção que sempre mereceram (e merecem), resolvi vendê-los a uma entidade sediada no Rio de Janeiro, para que não saíssem daqui. Para felicidade minha, adquiriu-os a Fundação Casa de Rui Barbosa, onde atualmente se encontram fazendo parte da biblioteca geral da instituição, com cerca de 120 mil volumes, e que compreende as coleções Rui Barbosa, Plínio Doyle e S. Clemente”.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Borba de Moraes, Rubens, *O Bibliófilo Aprendiz*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975, p.12.

¹⁰⁷ Doyle, Plínio, *Uma vida*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra e Edições Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 104

Cláudia já doou sua biblioteca, em vida, ao seu filho menor. “Tenho uma menina de 26 anos que gosta de ler, mas não tanto quanto o menor de 16 anos, esse sim é apaixonado por livros, quando decidi que a biblioteca ficaria como herança para meu filho caçula, a menina de 26 anos veio às lágrimas. Mas acredito ter sido essa a decisão mais acertada, pois é meu filho caçula quem gosta mais de ler. Tem até uma pequena biblioteca em seu quarto”.

Seu filho gosta tanto de ler que já vem formando sua própria biblioteca em seu quarto e por causa da decisão da herança dos livros, “fiz questão de levar meu filho para conhecer a biblioteca de um grande bibliófilo, amigo meu”.

Mário também ainda não pensou no futuro de sua biblioteca, mas disse guardar alguns livros infantis na fazenda, muita coisa de Monteiro Lobato, para dar a seu filho, está esperando ele crescer mais um pouco. Tem alguns livros infantis de trabalho da época que fez teatro infantil, que também guarda para quando seu filho crescer.

Estela disse que provavelmente seus livros ficarão para seu filho único, mas não pensa nesse assunto.

Amélia disse que não pensa muito sobre a transmissão de seus livros, mas gostaria que seus filhos ficassem com eles. Tem três filhos e gostaria que eles dividissem sua coleção. Disse que hoje em dia isso pode ser um problema, já que os apartamentos estão cada vez menores e falta espaço para os livros. “Um dos meus irmãos casou e foi morar num desses apartamentos modernos em que você abre a porta e quase cai pela janela, e realmente não teve espaço para levar seus livros, deixou tudo na casa de nosso pai. Os livros de medicina e história da medicina do papai certamente ficariam para esse meu irmão que também é médico, mas ele não tem onde pôr, não pode nem levar os seus livros. Fico triste quando entro em sebos e vejo caixas e caixas de livros que eram uma biblioteca só e foram vendidas porque provavelmente ninguém da família quis ficar com os livros.”

A Miriam hoje em dia está se preocupando com a transmissão de seus livros, já que não tem herdeiros, tem pensado muito no assunto e acredita que irá doar para Londrina, cidade onde nasceu, para alguma instituição que se proponha a manter sua biblioteca como um acervo separado de livros, sem juntá-la aos outros. Na tentativa de preservar a idéia de que isso era uma biblioteca pessoal. Tem alguns livros com dedicatória, tem cartas de

alguns escritores, que juntou na época em que trabalhou como jornalista de cultura para a Revista Veja. Acha que esse material merece um cuidado especial.

A Rita disse que não pensa no que será de seus livros, guarda apenas os que mais gosta pensando em seu prazer, mas provavelmente seus livros ficarão para seu único filho.

Pedro não pensa com quem ficarão seus livros, disse não ter a veleidade de ser o dono de sua posteridade. “Minha vida atual quase não me pertence, imagine minha posteridade”. Disse esperar apenas que alguém use, como ele usou o que veio de sua família.

Muitos dos meus entrevistados disseram que não pensam ainda sobre o futuro de suas bibliotecas, foram adquirindo livros de seu interesse, para prazer próprio e ainda não pensaram no que acontecerá com suas coleções, após a morte.

8- Aquisição:

Há um texto de Flaubert, escrito aos quinze anos, chamado *Bibliomania*, que retrata as agruras e delícias de um livreiro, sua paixão e experiência na aquisição de livros e manuscritos. O texto é baseado em uma resenha publicada em 23 de outubro de 1836 na *Gazette des Tribunaux*, na seção estrangeira, sobre a estranha história de um livreiro assassino que acabou condenado à morte em Barcelona.

No texto, Flaubert narra a história de um livreiro chamado Giacomo, amante apaixonado dos livros que raramente saía de casa. Passava os dias e noites com seus livros, admirando suas letras, seu formato, encadernação, papel... “amava a ciência como um cego amava o dia. Não! Não era de modo algum a ciência o que ele amava, mas sua forma e expressão; amava um livro porque era um livro; amava seu cheiro, sua forma, seu título. O que ele amava era o manuscrito, sua data antiga e ilegível, os caracteres góticos bizarros e estranhos, as pesadas douraduras que carregavam seus desenhos; suas páginas cobertas de pó, pó cujo perfume, suave e delicado, aspirava com delícia: essa bela palavra *finis*, cercada por dois cupidos, encerrada numa fita, apoiada sobre uma fonte, gravada sobre um túmulo

ou repousada em uma corbelha entre rosas, laranjas e ramalhetes azuis. Essa paixão absorveu-o completamente, mal comia, não dormia mais, sonhava porém noites e dias inteiros com sua idéia fixa: os livros”.¹⁰⁸

Giacomo era solitário, ninguém falava com ele por causa de seu semblante pálido, tinha trinta anos, mas parecia um velho, guardava todo seu dinheiro e todas as suas emoções para os livros, abandonou Deus, na juventude fora monge, o dinheiro e doou sua alma aos livros.

Um dia entrou em sua loja um jovem rico de Salamanca, vinha acompanhado de lacaios que guardavam sua mula enquanto ele foi falar com o livreiro, estava à procura de um manuscrito e sabia que Giacomo o possuía. Procurava pela *Crônica da Turquia*, para sua tese em Salamanca, queria ser doutor e depois arcebispo e faria qualquer coisa por esse manuscrito. Giacomo não queria vender por nenhum dinheiro e o visitante foi aumentando a oferta até perceber que teria que usar de outro subterfúgio, pois seu dinheiro não compraria o manuscrito desejado pelos dois. Giacomo estava irredutível, disse que esse manuscrito era sua vida e seu tesouro e que o livreiro que morava na Praça Reial, seu inimigo Baptista, não tinha esse manuscrito, ele sim, o tinha e não iria vender. Então o jovem falou de um homem que morava no Muro dos Mouros, possuidor do livro *O Mistério de São Miguel*. Nesse instante o livreiro ficou tentado, colocou ainda alguma resistência, mas acabou cedendo à vontade do jovem cura e vendeu o manuscrito por 600 pistolas.

Giacomo passou a noite acordado, no dia seguinte foi procurar pelo livreiro que teria a *Crônica da Turquia*, mas o cura de Oviedo tinha mentido, ele tinha comprado esse livro dias atrás, por um preço muito baixo. Giacomo ficou inconsolável, não dormiu por três noites até chegar o dia em que seria vendido em leilão o primeiro livro impresso na Espanha. A única coisa que o assustava era Baptista, seu inimigo, que havia roubado sua clientela e que sempre comprava os melhores livros nos leilões. Realmente Baptista foi um problema, cobriu todos os lances de Giacomo e ficou com a Bíblia latina, com comentários gregos. O mais belo livro já existente.

Mais uma vez Giacomo ficou inconsolável, “não era mais dono de seu pensamento, o qual errava como seu corpo, sem meta ou intenção: que também cambaleava, irresoluto,

¹⁰⁸ Flaubert, Gustav, *Bibliomania*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001, p.20.

pesado e bizarro: sua cabeça pesava-lhe como um braseiro”.¹⁰⁹ Desde então crimes aconteceram na cidade, primeiro foi o cura quem morreu estrangulado enquanto dormia e depois a loja de Baptista que pegou fogo, mas durante esse incêndio, Giacomo, que assistia de fora, conseguiu entrar pela janela e roubou a Bíblia latina, antes que se perdesse no fogo. Nesse incidente, quase morreu queimado, mas saíram sãos ele e o livro. Baptista quase enlouqueceu após esse incêndio, perdeu tudo.

Porém um detetive, que investigava os crimes, chegou a Giacomo pela Bíblia latina e ele foi julgado pelo incêndio na livraria de Baptista, pois aquele que estava com ele era o único exemplar existente da Bíblia. O advogado de Giacomo, no dia do julgamento, misteriosamente, apareceu com outro exemplar da Bíblia latina e acabou derrubando a acusação. Quando lhe perguntaram então se havia sido ele o criminoso culpado pelo incêndio, Giacomo respondeu:

“ – Não, ai de mim – respondeu.

– Não?

– Mas se quereis condenar-me? Oh! Condenai-me, eu vos rogo! A vida me pesa, meu advogado mentiu, não acreditais nele. Oh! Condenai-me, eu matei dom Bernardo, eu matei o cura, eu roubei o livro, o livro único, pois dele não há dois na Espanha. Senhores, matai-me, sou um miserável”.¹¹⁰

Nesse momento, Giacomo tomou a Bíblia das mãos de seu advogado e rasgou, dizendo que acreditou ter o único exemplar de Espanha, lastimando por ter sido enganado. Os juizes então retornaram e pronunciaram sua sentença de morte.

Agora sigo com o item sobre a aquisição dos livros, voltando às entrevistas: Ana Paula compra seus livros na própria livraria e utiliza muito os sites de venda pela Internet, quando precisa de algum volume importado.

Já o Dr. José Mindlin tem casos interessantíssimos de aquisição de exemplares raros, disse que já viajou muito pelo mundo apenas para conseguir um livro desejado, e conta de coincidências, onde livros desejados apareciam “por acaso”, nas mãos de livreiros

¹⁰⁹ Idem, p.33.

¹¹⁰ Idem, p.40

conhecidos e falou dos cuidados necessários durante a negociação de um exemplar, “não se pode deixar claro a ansiedade de ter o livro, o livreiro percebe e o preço aumenta”.

Quando jovem, não tinha dinheiro suficiente para comprar livros e como freqüentava os sebos do centro de São Paulo, descobriu que um livreiro não sabia o que outros livreiros tinham, e em um sebo encontrava um livro bem barato, e logo depois em outro sebo, achava o mesmo exemplar pelo triplo do preço, então pediu algum dinheiro para seu pai, comprava os livros de livreiros que vendiam mais barato e levava aos outros sebos, deixava em consignação e se vendesse, ganhava seu dinheiro em crédito para gastar no sebo. Assim começou a formar sua coleção.

Disse que para fazer boas compras é preciso saber o que se quer, ler catálogos, “meu irmão dizia que minha cultura era de catálogos, o que não deixa de ser uma verdade”, garimpar sempre, ficar de olhos abertos, explorar as oportunidades, porque nunca se sabe o que pode surgir e é importante ter sorte. “A gente procura o livro e o livro procura a gente”.

Osmar diz ser um ávido freqüentador de sebos, foi onde adquiriu a maior parte de sua biblioteca. Vários donos de sebos são seus amigos e telefonam freqüentemente, assim que chega algum livro pelo qual ele possa se interessar. Mas disse também que os livreiros, seus amigos, já sabem que ele só compra livros se não estiverem com carimbo de biblioteca. “Não acho certo comprar um livro roubado de uma biblioteca pública”. Também compra livros pela Internet, assim como a Márcia, que disse utilizar bastante a Internet para comprar livros importados.

Cláudia freqüenta muitos sebos e livrarias, tem um site de sebos na Internet que ela usa muito. Compra muitos livros pela Internet, mas prefere ir até a livraria, gosta de mexer nos livros e olhá-los. Gosta de freqüentar livrarias para ver os lançamentos.

Estela não compra livros pela Internet, “livro tem que manusear para comprar”. Normalmente vai à livraria ou sebo e compra mais livros do que consegue ler, “tenho uma certa compulsão por comprar livros e por isso freqüento livrarias, sebos e feiras de livro, constantemente”. Assim como Mário, que disse nunca ter adquirido livros pela Internet.

Alexander e Grazielle compram livros pela Internet, principalmente os de língua inglesa que são mais difíceis de se encontrar. Mas estão sempre freqüentando livrarias para ver as novidades. Não têm o hábito de comprar livros em sebos.

Frederico usa muito a Internet para comprar livros, frequenta as livrarias perto da faculdade e adora passear nos sebos do centro da cidade, “sempre encontro coisas interessantes nos sebos que frequento”.

Roberto e Cristiano compram livros pela Internet. Roberto também compra pela Internet, e diz: “Mas eu gosto mesmo é do cheiro de livraria”.

Renata compra muitos livros pela Internet, mas prefere comprar na livraria e manusear o livro.

Paula, assim como a grande maioria dos entrevistados, também compra livros pela Internet, apesar de preferir ir até a livraria. “Quando vou até a livraria, acabo sempre levando algum livro a mais do que o que fui procurar” Quanto aos sebos, ela disse que tem uma lista de e-mails com os sebos que mais utiliza e quando procura algum livro, manda e-mail para essa lista e acaba encontrando o exemplar desejado. Não frequenta feiras de livro, disse que fica perdida nesses lugares, têm tantas pessoas quanto livros e é muito barulho, não consegue encontrar o que quer.

Gabriel e Ângela disseram que têm o costume de comprar livros pela Internet, em sebos e em feiras de livros. Mas geralmente vão até as livrarias, disseram adorar ir a livrarias.

Amélia disse comprar muito em livraria e pela internet. Hoje em dia compra muito pela internet, usa sites de livrarias do Brasil e do exterior. “Meu marido implica comigo pois a fatura do cartão de crédito só tem gastos com livros, não economizo, sempre comprei todos os livros para mim e para meus filhos. Quando chegava a lista da escola das crianças com livros recomendados para leitura de férias eu comprava todos.”

Miriam compra seus livros nas livrarias, pela Internet, frequenta muito sebos, compra bastante em viagens e também frequenta feiras de livros. Acha que a pessoa ainda tem medo de entrar na livraria, que o conhecimento assusta.

Rita compra livros nas livrarias, gosta muito de frequentar sebos e feiras de livros, onde os preços são mais acessíveis. E como já foi mencionado, *baixa* muitos livros pela Internet.

Pedro compra livros em livrarias, frequenta a livraria uma vez por mês, procura ir durante a semana que está mais vazia, pois tem ciúme de seu espaço, disse que uma das poucas coisas das quais tem ciúme é de seu espaço para leitura. Ganha muitos livros por

causa da sua profissão como editor, tem facilidade em pedir o que está procurando para outras editoras, inclusive editoras internacionais, pois mantém contato com elas e também compra livros em viagem e em sebos. Jamais compra pela Internet.

Normalmente meus entrevistados compram livros pela Internet, principalmente livros importados e que é preciso encomendar. Mas freqüentemente vão até as livrarias, sebos e feiras de livros, para acompanhar lançamentos, e folhear os volumes.

9- Casos interessantes:

Cláudia contou um caso interessante, que, segundo ela, ilustra bem como as visões culturais são distintas; A empregada nova, recém-chegada do interior de Alagoas, ficou encantada com sua biblioteca e com a intenção de agradecer, reorganizou todos os livros na estante pela cor e pelo tamanho. Ela estava fascinada por aquele mundo de livros e utilizou os critérios dela para organizá-los. Então Cláudia chamou a empregada, e explicou o que era uma biblioteca e para que servia e que o mais importante não era a estética, mas encontrar o livro na prateleira.

Estela contou que, uma vez, a caixa d'água de uma livraria perto de sua casa estourou e o dono da livraria estava dando livros molhados, nessa ocasião, ela trouxe muitos desses livros para casa, secou-os com secador de cabelo, no forno, ao sol, com jornal, e ficou com eles. Passou semanas secando livros, não podia perder a oportunidade. “Foi uma loucura, minha casa parecia uma feira.”

Mário contou uma história que achei interessantíssima, disse que: “A casa do velho Gofredo, ex-marido da Lygia Fagundes Telles, e seu grande amigo, tem tantos livros que está caindo”, ele mora num sobrado e os livros estão no andar de cima, o chão está cedendo por causa do peso, então foram colocadas algumas vigas para tentar segurar os livros, evitando que a casa caia.

Também a Miriam tem uma história interessante a respeito de empréstimo de livros, disse que já ficou quinze anos brigada com um amigo, muito querido, por causa de um livro que pegou emprestado. “Esse amigo me emprestou um livro sobre a cosmogonia dos mexicanos, ele me disse que eu precisava ler aquilo. Eu disse que estava fazendo reforma

no apartamento, estava tudo uma bagunça e que seria melhor esperar, mas ele insistiu para que eu pegasse o livro emprestado. Levei o livro, li e guardei em uma caixa, junto com todos os meus livros, por causa da reforma. Durante a reforma aconteceram vários imprevistos, os pedreiros me roubaram, tive que colocá-los para fora, fiquei quatro meses morando na obra no meio do cimento, até encontrar outra pessoa que quisesse terminar a reforma do meu apartamento, foi uma loucura. Em algum momento, no meio dessa confusão, meu amigo começou a pedir o livro de volta. Eu expliquei que não poderia devolver logo, pois o livro estava dentro de alguma caixa, junto com meus outros livros e que ficaria difícil de encontrá-lo, mas meu amigo continuou insistindo e me ligava constantemente pedindo seu livro de volta. Um dia estávamos almoçando juntos e mais uma vez ele me pediu o livro, eu disse para ele parar com isso e deixar de ser maluco! Ele ficou ofendidíssimo e paramos de nos falar, por quinze anos. Depois da reforma achei o livro e não devolvi de birra. Um belo dia, cheguei tarde em casa, lembrei de uma poesia do Mário de Andrade, peguei o livro com essa poesia e nesse livro estava escrito que descobri essa poesia por indicação desse meu amigo e a data. A data daquele dia era exatamente a data em que eu estava, só que quinze anos mais tarde. Isso me tocou e resolvi parar com essa maluquice, escrevi uma carta para meu amigo, pedindo desculpa e entreguei junto com seu livro. Dois dias depois ele me telefonou e então voltamos a nos falar”.

Considerações finais:

Pude tirar algumas importantes conclusões das entrevistas realizadas juntamente com os estudos teóricos retratados no primeiro capítulo. Quanto ao mito de origem, constatei que o gosto pela leitura e a biblioteca pessoal se forma a partir de um legado, normalmente pude perceber, nas entrevistas, que o hábito de leitura foi incentivado por algum membro da família e que as coleções possuem livros de seus pais ou avós. Portanto o hábito da leitura, que vem a justificar uma biblioteca pessoal, é um hábito normalmente estimulado pela família, surge como um aprendizado natural e espontâneo. Muitos dos entrevistados disseram gostar de ler, mesmo antes de saber e de não se lembrarem de como surgiu seu gosto pela leitura, disseram freqüentemente que esse hábito apareceu naturalmente.

Foram raros os entrevistados que atualmente freqüentam biblioteca pública, apesar de muitos terem freqüentado quando jovens, e isso ter sido importante na formação de seus hábitos de leitura. Normalmente, as entrevistas mostraram que quem gosta de possuir livros em casa prefere ler seus livros a ler emprestado de amigos ou em bibliotecas, salvo exceções, nos casos dos livros de difícil acesso.

Outra constatação importante, e que pôde ser percebida no contraste entre as diferentes idades de meus entrevistados, é que a biblioteca pessoal é um projeto de vida e que, portanto, é construída ao longo dos anos. A biblioteca se forma com a idade, e é parte da biografia de seu dono, como foi muito bem expressado, nessa dissertação, pela encadernadora Hélade, “quando se entra em uma biblioteca, acaba-se entrando na vida de seu proprietário”. Cada entrevista é um relato de vida, cada visita a uma biblioteca foi uma visita à história de meu entrevistado. As pessoas com quem conversei tiveram orgulho em falar sobre seus livros e em mostrá-los. Contaram longas histórias sobre a aquisição dos volumes e suas leituras.

A biblioteca é símbolo de distinção e motivo de orgulho em uma casa, traz notoriedade e reconhecimento dos familiares e amigos. Muitos mencionaram a biblioteca do Mindlin como a coleção ideal, talvez pela grande projeção e notoriedade que ela tomou e certamente por sua indiscutível importância. Portanto a biblioteca particular é um símbolo, conhecido pela cultura dominante e reconhecido pelas outras culturas.

A maioria dos jovens tem seus livros no quarto de dormir, na maior parte dos casos por ainda morarem na casa de seus pais e não terem uma quantidade grande de livros. Entre os mais velhos, grande parte tem um cômodo da casa destinado aos livros, como nos casos da Ana Paula, Cláudia, Mário, Gabriel, Ângela, Amélia, Miriam e Pedro. Osmar, Estela e Paula têm grande parte de seus livros na sala principal da casa e disseram que é por falta de espaço. Na entrevista com o marceneiro pude comprovar que são os mais velhos e com maior poder aquisitivo que o procuram para construir o móvel para uma biblioteca. Porém verifiquei em todos os entrevistados a intenção de guardar seus livros “corretamente”, muitos se justificaram pela desorganização de suas bibliotecas e mencionaram a vontade de ter um cômodo na casa próprio para guardar os livros, um gabinete de estudos. Portanto, concluo que, com a difusão do livro, surgiram outras formas de distinção e que uma delas está expressa na maneira de guardar esses livros, muitos de meus entrevistados têm

bibliotecas com estantes do chão ao teto, repletas de livros em gabinetes de leitura e os que não têm almejam ter e se desculparam pela “desorganização”.

A grande maioria citou escritores consagrados e reconhecidos pela cultura dominante, em quase todas as entrevistas os cânones apareceram como sendo suas leituras prediletas. O que mostra a importância do reconhecimento social, seu valor. De acordo com os estudos de Pierre Bourdieu, as classes sociais se diferenciam pelo grau em que reconhecem a cultura dominante, por isso não importa se meus entrevistados realmente leram os livros que mencionaram nas entrevistas, o interessante é que eles reconhecem a distinção de determinados escritores e fizeram questão de mencioná-los.

Outra constatação foi que a maioria das entrevistas e os depoimentos retirados de livros mostram que os detentores do hábito de leitura normalmente compram muito mais livros do que conseguem ler. Provavelmente com o objetivo de formar uma biblioteca ao longo dos anos, seguindo cada um determinadas áreas de interesse pessoal.

Todos os entrevistados têm ritual de leitura, lêem em locais já mais ou menos apropriados para esse fim e normalmente em horários também já determinados, como um ritual diário destinado ao hábito da leitura. Normalmente lêem vários livros ao mesmo tempo e, quando estão lendo, já têm em mente qual será a próxima leitura. Quanto à relação com o objeto, alguns grifam e escrevem em seus livros, já outros fazem fichas para organizar a leitura, a grande maioria não empresta seus livros por zelo e por ciúme, sempre visando a manutenção da biblioteca.

Não pude perceber nenhum cuidado especial com os livros da maioria dos meus entrevistados, em grande parte das vezes apenas a limpeza e manuseio constante, excluindo os casos de Mindlin, Gabriel e Cláudia, que têm suas bibliotecas mais profissionalizadas e organizadas por bibliotecárias que se encarregam da manutenção dos volumes. Todos se ressentiram da falta de tempo ou conhecimento específico para a manutenção dos livros.

Todos têm uma forma de organização de sua biblioteca, mesmo que não seja a forma convencional, em ordem alfabética, separada por assunto e nas prateleiras. Todos sabem o que têm e onde está, mesmo que seja uma “bagunça organizada”, meus entrevistados conhecem suas bibliotecas, elas normalmente estão em sua memória.

Quanto à aquisição, certamente os meios de comunicação e o aumento das tiragens facilitou muito a aquisição de livros. Apesar de quase todos os entrevistados comprarem livros pela Internet, ainda freqüentam sebos, para aquisição de livros raros ou esgotados em livrarias.

Tentei, com esses depoimentos, retratar algumas maneiras de ler, identificando disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e os instrumentos de leitura. Há muitas semelhanças entre as normas e convenções de leitura, que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação. Em minhas entrevistas, tive acesso ao estilo de vida de meus entrevistados, representado nos livros como símbolo e no hábito de leitura, resultados de um capital cultural herdado, incorporado desde a infância, explícito em uma dada disposição interiorizada, que traz reconhecimento e é uma forma de distinção, conhecida pela cultura dominante.

|

Bibliografia:

Abreu, Márcia e Schapochnik, Nelson (orgs.). *Cultura Letreda no Brasil*. São Paulo, ABL, FAPESP e Mercado das Letras, 2005.

Abreu, Márcia. *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo, Mercado de Letras Edições e Livrarias Ltda., 2002.

Abreu, Márcia. *Os caminhos dos livros*. São Paulo, Mercado de Letras Edições e Livrarias Ltda., 2003.

Barbosa, João Alexandre. *A Biblioteca Imaginária*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

Barbosa, João Alexandre. *Entrelivros*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.

Basbanes, Nicholas. *A gentle madness*. New York, Henry Holt and Company, 1999.

Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas I, II e III*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

Borges, Jorge Luis. *Ficções*. Porto Alegre, Editora Globo S.A., 1972.

Bourdieu, Pierre e Haacke Hans. *Diálogos entre a ciência e arte*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

Bourdieu, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

Bourdieu, Pierre. *La distinción*. Madrid, Taurus, 2006.

Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

Burke, Peter. *Uma história social do conhecimento. De Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

Bury, de Rechar. *Philobiblon*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.

Canfora, Luciano. *A Biblioteca Desaparecida, Histórias da Biblioteca de Alexandria*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

Canfora, Luciano. *Livro e Liberdade*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

Chartier, Roger. *A Ordem dos Livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994.

Chartier, Roger. *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo, UNESP, 2004.

- Cicero, Antônio. *A cidade e os livros*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- Costa, Américo de Oliveira. *A Biblioteca e seus Habitantes*. Rio de Janeiro, Edições Achimé Ltda., 1982.
- Delgado, Márcia Cristina. *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- Diderot, Denis. *Carta Sobre o Comércio do Livro*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2002.
- Domínguez, Carlos Maria. *A casa de papel*. São Paulo, Francis, 2006.
- Doyle, Plínio. *Uma Vida*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra e Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.
- Dunning, John. *Edições Perigosas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- Eco, Umberto. *O Segundo Diário Mínimo*. Rio de Janeiro, Record, 1994.
- Elias, Norbert. *O Processo Civilizador*, volume 1: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- Encrevé, Pierre e Lagrave, Rose-Marie. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.
- Epstein, Jason. *O Negócio do Livro: Passado, Presente e Futuro do Mercado Editorial*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- Escarpit, Robert (entrevistado), Díaz-Plaja, Guillermo (texto). *O livro ontem, hoje e amanhã*. Rio de Janeiro, Salvat Editora do Brasil, S.A., 1980.
- Febvre, Lucien e Martin, Henri-Jean. *La aparición del libro*. México, Conaculta-Fonca, 2005.
- Flaubert, Gustave. *Bibliomania*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001.
- Flaubert, Gustave. *Crime do Livreiro Catalão*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001.
- Foucault, Michel. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- Friero, Eduardo. *O Diabo na Livraria do Cônego*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada, 1957.
- Friero, Eduardo. *Os Livros Nossos Amigos*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda., 1999.
- Gagnebin, Jeanne Marie. *História e Narrações em Walter Benjamin*. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1999.

- Hallewell, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo, EDUSP, 1985.
- Hanff, Helene. *Nunca Te Vi... Sempre Te Amei*, Rio de Janeiro, Casa-Maria Editorial, 1988.
- Iline, M. *O Homem e o Livro*. Lisboa, Edições Cosmos, 1943.
- Jobim, José Luís (org.). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, TOPBOOKS, Academia Brasileira de Letras, 2001.
- Kikuchi, Tereza (org.). José Mindlin, *Editor - Catálogo e DVD*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina. *O Preço da Leitura: Leis e números por detrás das letras*. São Paulo, editora Ática, 2001.
- Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina, *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 2003.
- Lajolo, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo, editora Ática, 2004.
- Lepenes, Wolf. *As Três Culturas*. São Paulo, Editora de Universidade de São Paulo, 1996.
- Manguel, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- Martins, Plínio Filho. *A arte invisível*. São Paulo, Atêlie Editorial, 2003.
- Martins, Wilson. *A Palavra Escrita, História do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo, editora Ática, 2002.
- Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.
- Mcluhan, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972.
- Milanesi, Luís. *Biblioteca*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.
- Mindlin, José, entrevista a Teixeira, Cleber e Bruchard, Dorothée de. *Memórias Esparsas de Uma Biblioteca*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Florianópolis, SC: Escritório do Livro, 2004.
- Mindlin, José. *Uma Vida Entre Livros*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/Companhia das Letras, 1997.
- Moraes, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros - Universidade de São Paulo, 1969.

Moraes, Rubens Borba de. *O Bibliófilo Aprendiz*. São Paulo, Companhia Editoria Nacional, 1975.

Novais, Fernando A. (coord.) e Souza, Laura de Mello e. (org.). *História da Vida Privada No Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*, volume 1. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

Ortiz, Renato. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo, Olho d'Água, 2003.

Pinto, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo, Estação Liberdade, 2004.

Rabinowitz, Harold and Kaplan, Rob (org.). *A Passion for Books*. New York, Three Rivers Press, 1999.

Rouveyere, Edouard. *Dos Livros*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2000.

Sanches Neto, Miguel. *Herdando uma biblioteca*. Rio de Janeiro, Record, 2004.

Schwarcz, Lilia. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. São Paulo, Companhia das Letras, São Paulo, 2002.

Silva, Ezequiel Theodoro da. *A Produção da Leitura na Escola: Pesquisas x Propostas*. São Paulo, editora Ática, 2002.

Silveira, Júlio e Ribas, Marta (org.). *A Paixão Pelos Livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

Strzoda, Michelle (revisão). *A Paixão pelos livros*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2004.

Toscana, David. *O último leitor*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2005.

Watt, Ian, *A Ascensão do Romance*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Woolf, Virginia, *Contos Completos*. São Paulo, Cosac Naify, 2005.

Zaid, Gabriel. *Livros DE MAIS: Sobre ler, escrever e publicar*. São Paulo, Summus Editorial, 2004.

Zilberman, Regina. *Fim do Livro, Fim dos Leitores?* São Paulo, Editora SENAC, 2001.

Shakespeare, William. *A Tempestade*. São Paulo, L&PM Pocket, 03/2004.

Anexo ao Capítulo II:

Os gráficos apresentados nesta dissertação foram retirados e reproduzidos fielmente de acordo com a pesquisa **“Retrato da Leitura no Brasil”, Câmara Brasileira do Livro, 2001/2002.**

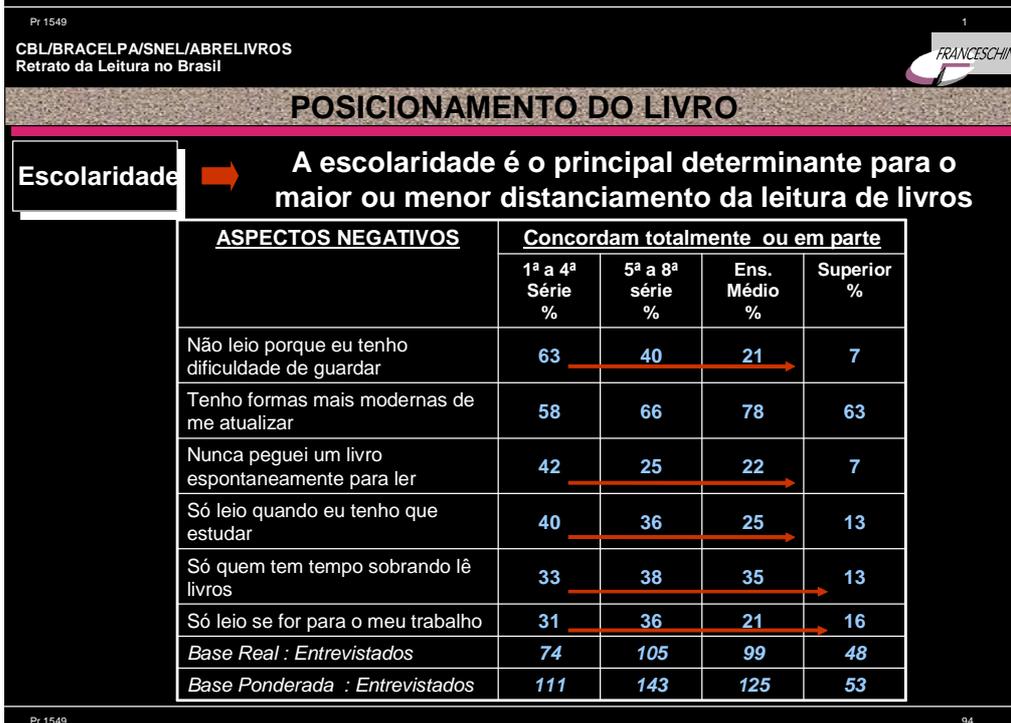
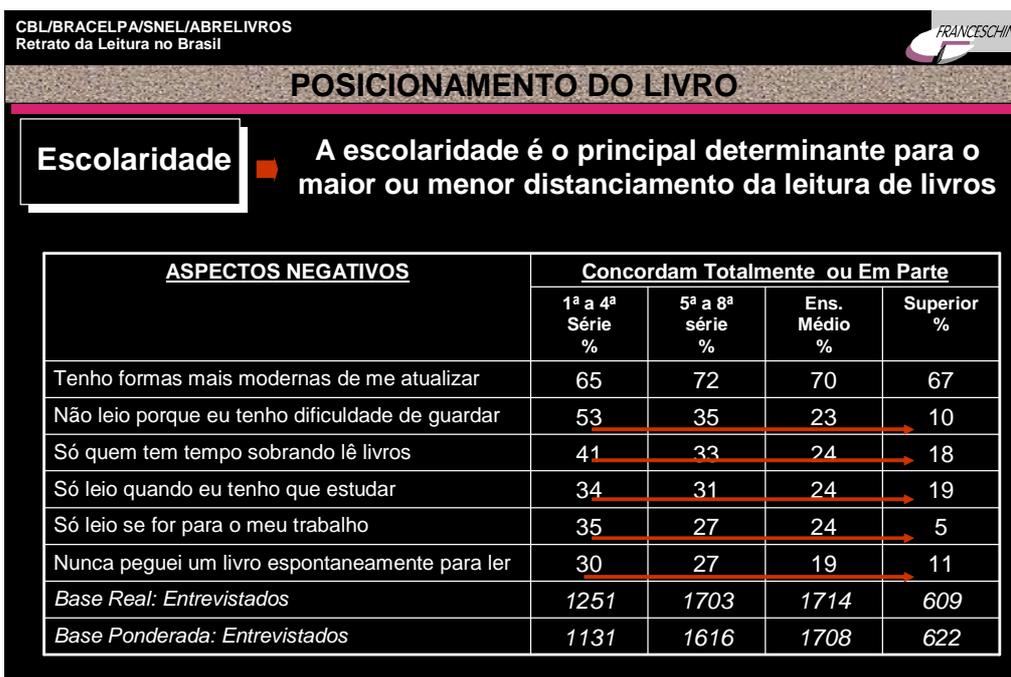
Complementando esta abordagem, não poderia deixar de mencionar a pesquisa da CBL – Câmara Brasileira do Livro, “Retrato da Leitura no Brasil”, de 2001/2002, que mostra alguns dados importantes sobre o perfil dos leitores brasileiros. Para formular o estudo, levou em conta a população residente no Brasil com idade igual ou superior a 14 anos. Por técnica de amostragem, foram realizadas 130 entrevistas por cidade, com exceção de São Paulo, onde foram realizadas 433 entrevistas. A pesquisa considerou o tema livro, de forte impacto social, e levou em conta que, portanto, as respostas à pesquisa podem ser tendenciosas.

Algumas das principais conclusões da pesquisa:

São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília são os estados onde se lê mais livros, o nordeste é a região onde o livro tem menor penetração. Em cidades pequeninas se lê mais do que em cidades pequenas, médias, e grandes, perdendo apenas para metrópoles.

No Brasil as pessoas, em geral, lêem mais jornais e revistas do que livros. São os paulistanos com curso superior, do público pesquisado, os que lêem mais. Classe social influencia menos do que escolaridade, mas temos que levar em conta que as classes C, D, e E têm menos escolaridade do que as classes A e B.

A pesquisa constatou que quanto maior a escolaridade maior a leitura de livros. Os livros são mais lidos por estudantes e por profissionais liberais.



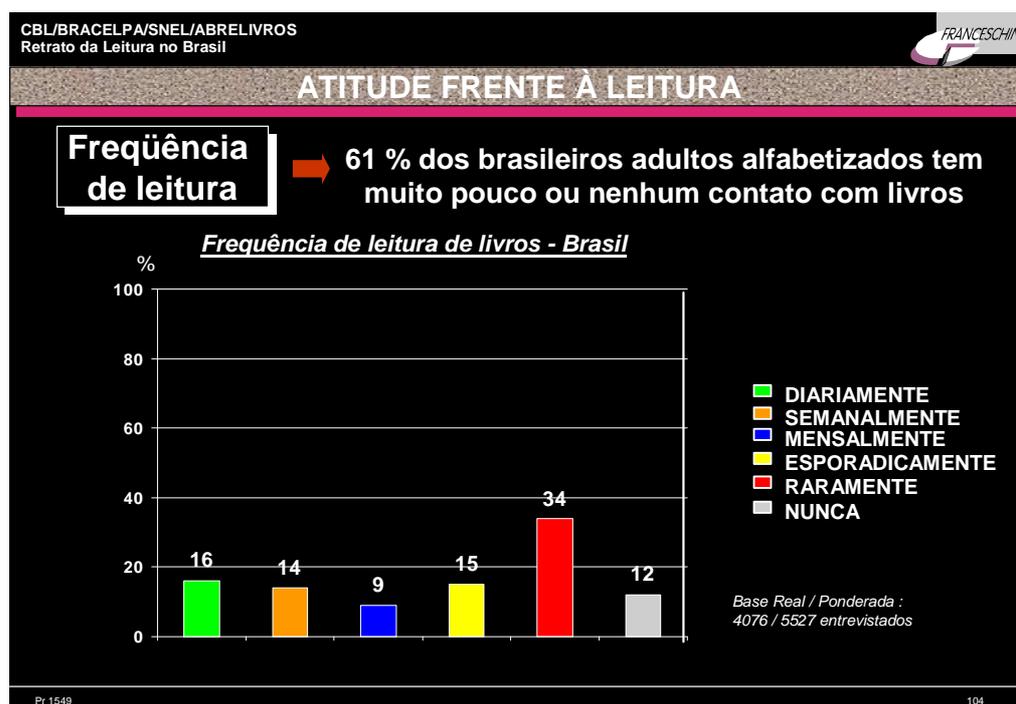
Apesar da leitura ser valorizada socialmente, não é percebida como prazerosa: lê por causa da escola, emprego e igreja. Prazer da leitura recebe pouco realce, as pessoas lêem para adquirir conhecimento, formação escolar, desempenho profissional. O livro é

percebido como ultrapassado, substituído por novos meios: Internet, TV, CD, revistas. Livro é mais percebido como necessidade atual do que como fonte de prazer. Constatou-se que mulher lê mais por prazer do que homem.

Paulistanos com mais de 30 anos apreciam mais a leitura dos livros do que os mais jovens. Mais paulistanos responderam que gostariam de ler mais do que lêem hoje. Brasileiro com curso superior encontra mais prazer na leitura de livros.

A valorização da leitura é parecida em todas as classes sociais.¹ Entre os paulistanos, a leitura é mais valorizada entre os de maior padrão econômico. Paulistanos de classe A valorizam mais a leitura do que seus pares de outras cidades.

Maior poder aquisitivo diminui barreiras, mas livro como principal fonte de atualização encontra barreiras em todas as classes. Classe A paulistana apresenta menos distanciamento da leitura de livros do que seus pares. 61% dos brasileiros adultos alfabetizados têm muito pouco ou nenhum contato com livros. 2/3 dos paulistanos têm muito pouco ou nenhum contato com livros



A proporção de apreciadores é um pouco maior junto ao segmento feminino de livros. Aproximadamente 2/3 dos apreciadores possuem mais de 30 anos de idade. 2/3 dos

¹ Grifo meu

apreciadores possuem entre 5 a 11 anos de estudo. Quanto maior o poder econômico, maior o índice dos que gostam de ler. Classes B/C concentram 70% dos apreciadores de livros. Apesar da maior penetração, a classe A, por ser pequena parcela da sociedade, é o grupo menos presente. Há mais apreciadores da leitura na classe A, nos grandes centros urbanos. De cada 10 pessoas que gostam de ler livros, 6 são mulheres. Entre todos os que apreciam a leitura, os mais velhos representam o maior contingente, mais de 40 anos.

Principais barreiras à leitura:

	Total %	Masc. %	Fem. %
Falta de tempo	39	43	35
Falta de interesse	18	21	15
Preguiça/ falta de paciência	17	15	18
Prefiro outro tipo de entretenimento	17	19	15
Falta de dinheiro para comprar	11	8	13
Dificuldades para entender palavras e frases	10	10	11
Prefiro outros meios para obtenção de conhecimento	8	10	7
Falta de costume	5	6	3
Outros	8	7	10
<i>Base Real: Entrevistados</i>	<i>583</i>	<i>247</i>	<i>336</i>
<i>Base Ponderada: Entrevistados</i>	<i>959</i>	<i>479</i>	<i>471</i>

Principais facilitadores à leitura:

	14 a 19 %	20 a 29 %	30 a 39 %	Mais de 40%
Se eu tivesse mais tempo	12	22	27	28
Se lançassem mais títulos de meu interesse	22	16	13	13
Nada me faria ler mais/ não tenho interesse/ já leio muito	9	10	11	21
Se os livros fossem mais baratos	10	14	15	11
Por solicitação do trabalho / para pesquisar	9	12	12	8
Se eu ganhasse um livro	9	10	10	9
Se a escola pedisse mais/ Se eu voltasse a estudar	22	8	5	2
Se me indicassem um bom livro	8	9	8	6
Se tivessem bibliotecas perto de casa/ trabalho	9	5	3	3
Para ler para o filho	1	9	11	3
Se tivesse mais livrarias	0	2	1	1
<i>Base Real: Entrevistados</i>	812	917	826	1521
<i>Base Ponderada: Entrevistados</i>	963	1159	1070	2035

	Masculino %			Feminino %		
	SP	OM	BR	SP	OM	BR
Se eu não tivesse problemas de visão	3	1	3	4	2	3
Para ler para o filho	1	3	2	4	9	5
Se tivessem bibliotecas perto de casa/ trabalho	1	3	5	1	4	5
Se tivesse mais livrarias	0	0	1	0	0,8	1
<i>Base Real: Entrevistados</i>	157	274	1365	228	474	2711
<i>Base Ponderada: Entrevistados</i>	209	470	2342	231	518	2885

Quando perguntados sobre o que os faria ler mais, a resposta mais frequente foi: maior acesso a livros; e entre os jovens a resposta mais frequente foi: maior solicitação.

Mencionaram também a necessidade de indicação de leitura, o que indica contato com livro.

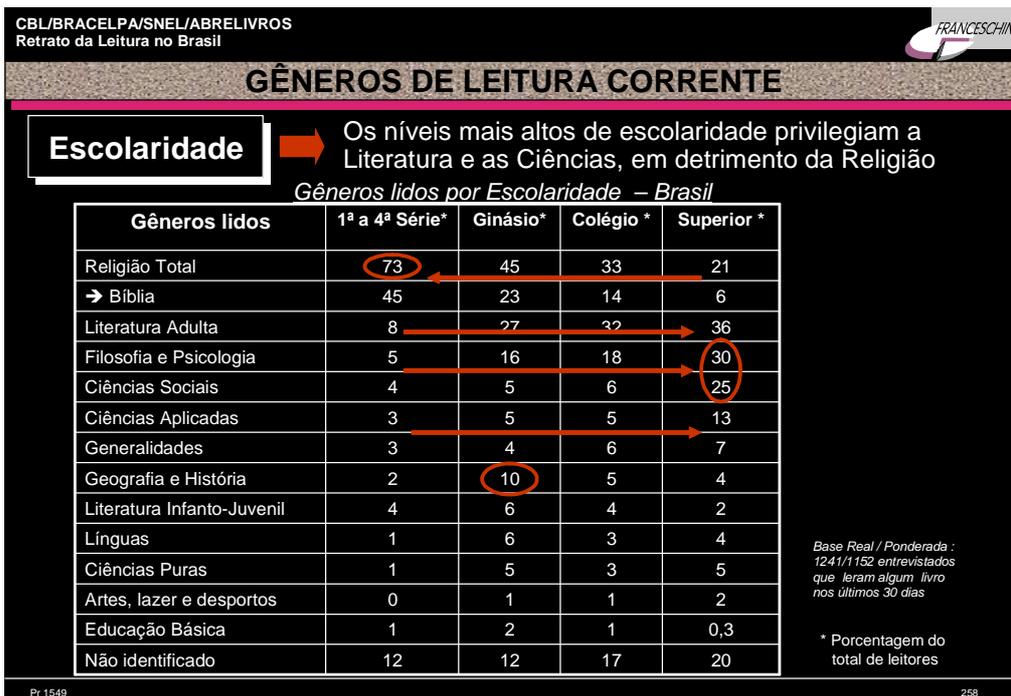
A população leitora no Brasil é formada por 30% das pessoas alfabetizadas, acima de 14 anos e em São Paulo esse número sobe para 36%. Porém os altos índices do Rio de Janeiro, Brasília e Manaus elevam o índice geral de penetração de leitores em “outras metrópoles”.

A penetração da leitura é maior na fase escolar, devido ao maior contato com livros e ao estímulo à leitura. A presença de leitores cresce nos estratos de renda mais elevada. Classes A, B e C representam 95% do mercado editorial em São Paulo. As classes com melhor poder aquisitivo têm mais leitores nas metrópoles. As classes com menor poder aquisitivo (C, D e E) representam 68% da população pesquisada.

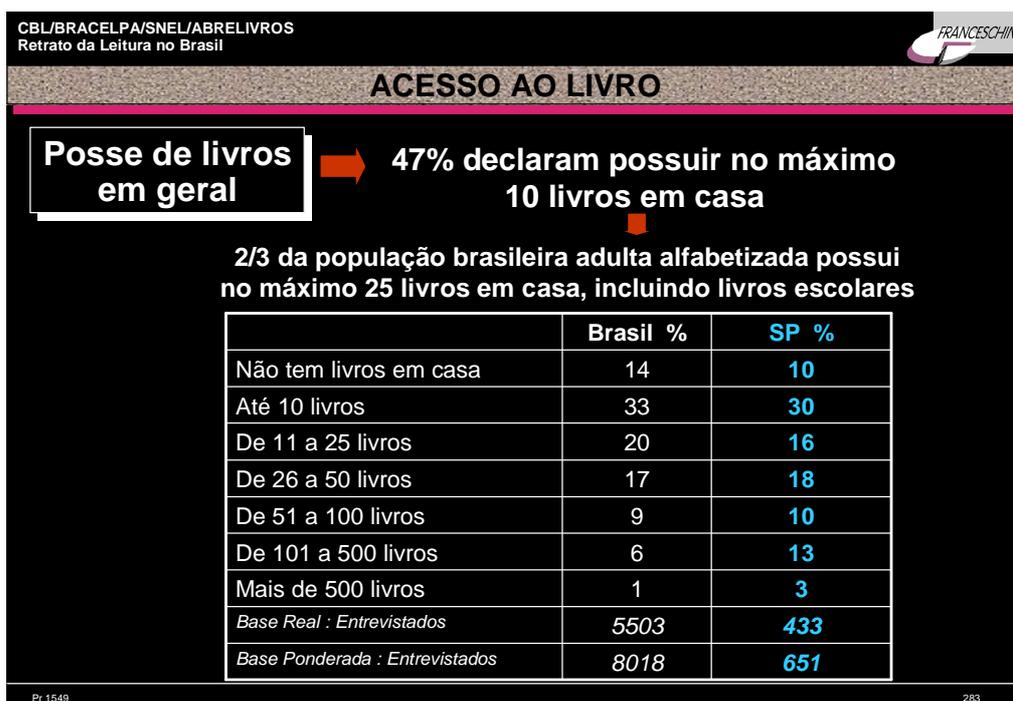
Os leitores lêem em média 1 livro por mês; 3,33 livros lidos em média no trimestre. Os leitores “ativos” lêem em média 1,44 livro simultaneamente. Pessoas com curso superior lêem de modo mais diversificado, maior variedade no número de títulos. Pessoas da elite econômica também lêem de modo mais diversificado.

A população em geral tem mais contato com livros religiosos. As mulheres em geral lêem mais religião e os homens preferem ficção e aventura. Mas esse quadro muda de acordo com níveis mais altos de escolaridade e de acordo com a classe econômica.

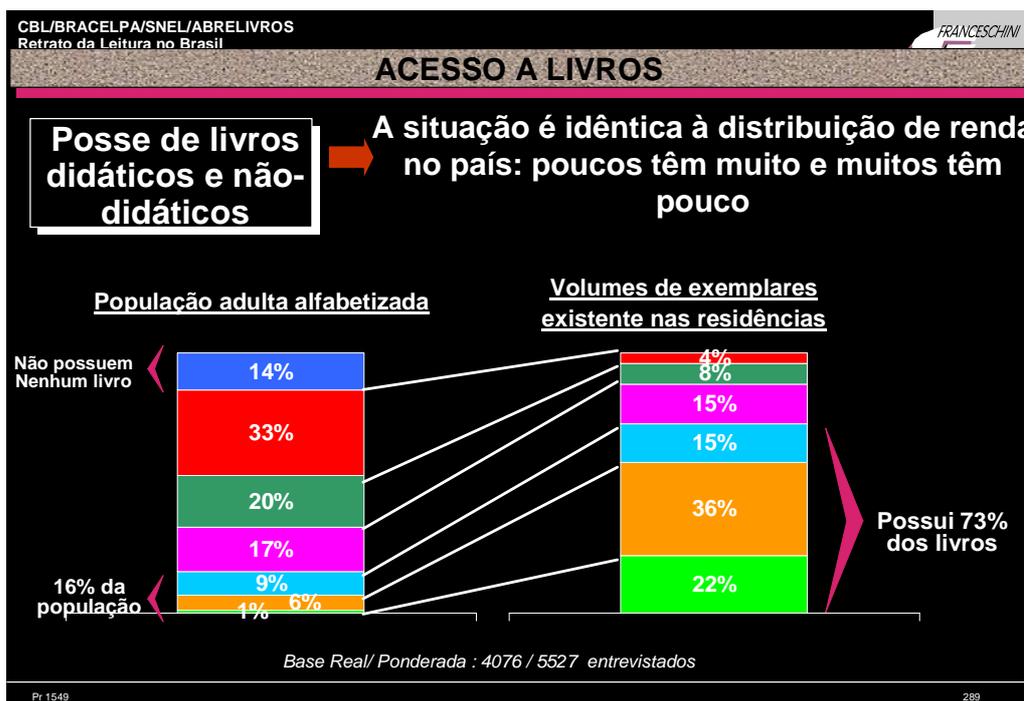
Categoria Literária	Preferência Total %	
	SP	Brasil
Religiosos como Bíblia, espíritas, etc	24	26
Romance nacional ou estrangeiro	18	19
Aventura	8	7
Ficção	7	4
Poesia	4	4
Culinária ou receitas	3	2
História de amor	2	3
Psicologia e filosofia	2	3
Quadrinhos	2	3
Biografias/história de uma pessoa famosa	2	2
Livros infantis para criança	2	2
Livros e manuais de informática	2	1
Terror	2	1
Dicionários e enciclopédias	2	1



Constatação alarmante: 47% dos pesquisados possuem apenas 10 livros em casa. E 2/3 da população brasileira adulta alfabetizada possuem no máximo 25 livros em casa, contando os livros didáticos.² E esses dados são diretamente relacionados à distribuição de renda do país.



² Grifo meu.



Metade dos livros lidos atualmente são comprados. Mulheres compram menos e ganham mais livros. Os paulistanos que estão lendo compram mais livros do que os brasileiros leitores. Os paulistanos compram mais livros do que leitores de outras metrópoles. O leitor paulistano com curso superior compra a maioria dos livros que lê. O poder aquisitivo é uma barreira para que os mais pobres tenham acesso ao livro. O acesso ao livro mediante a compra tende a crescer nas grandes metrópoles.

CBL/BRACELPA/SNEL/ABRELIVROS
Retrato da Leitura no Brasil

FRANCESCOCHINI

ACESSO AO LIVRO

Baixa posse de livros

▶ Poucas alternativas de leitura dentro de casa

+

Baixo poder aquisitivo da maioria dos leitores

Busca de opções para acesso a livros

- ▶ Presente / ganhou da escola
- ▶ Emprestado de amigo/parente
- ▶ Emprestado de biblioteca

Necessidade de criar programas que facilitem o acesso a livros

▶ Desenvolver livros mais baratos

▶ Ampliação do número de bibliotecas

Pr 1549 303

CBL/BRACELPA/SNEL/ABRELIVROS
Retrato da Leitura no Brasil

FRANCESCOCHINI

PERFIL DO COMPRADOR

Classe Econômica

→

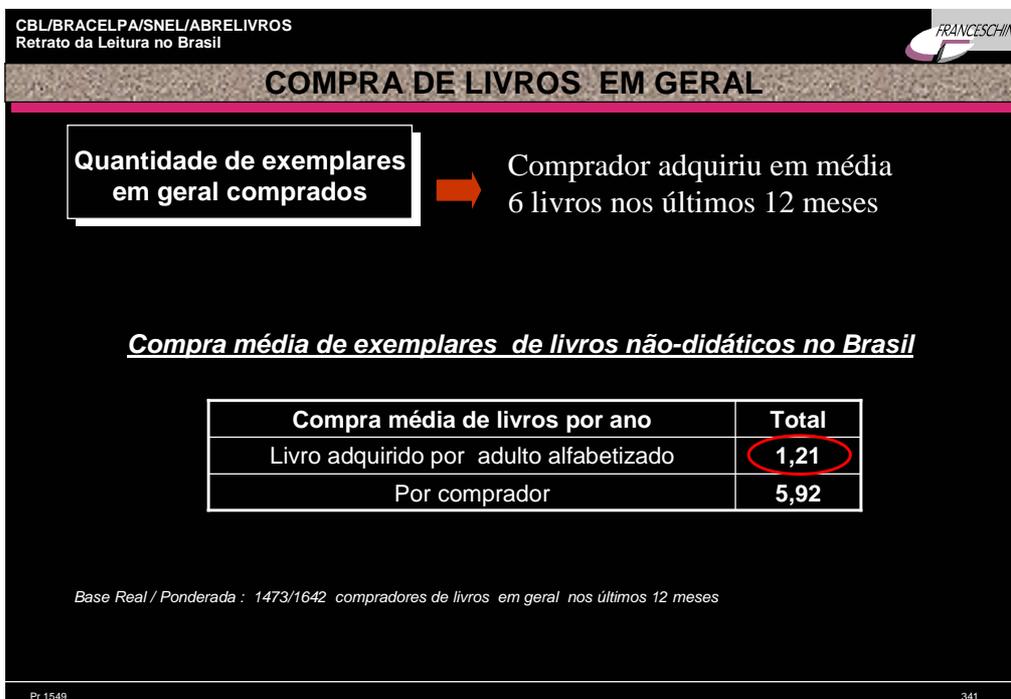
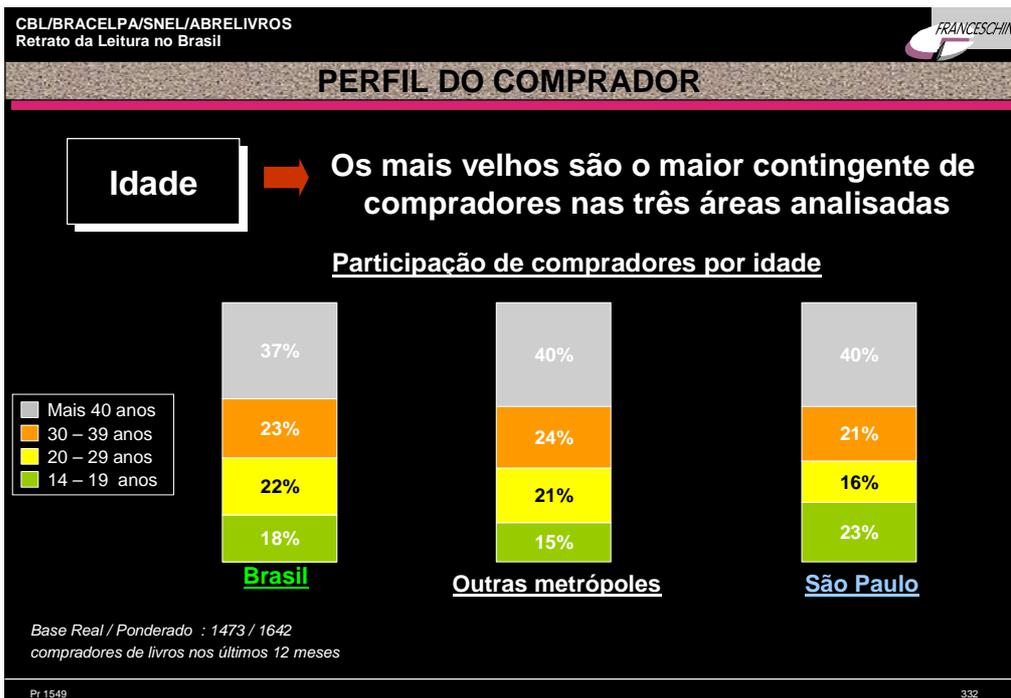
O comprador típico pertence às classes B/C

Participação de classe econômica - compradores

Classe Econômica	Porcentagem
A	17%
B	36%
C	33%
D/E	14%

Base Real / Ponderado : 1473 / 1642
compradores de livros nos últimos 12 meses

Pr 1549 335



CBL/BRACELPA/SNEL/ABRELIVROS
Retrato da Leitura no Brasil

FRANCESCHINI

COMPRA DE LIVROS – NÃO-DIDÁTICOS

Quantidade de exemplares não-didáticos comprados → Compra per capita aponta a dificuldade para aquisição de livros não-didáticos por parte da população brasileira alfabetizada

Compra média de exemplares de livros não-didáticos no Brasil

Compra média de livros por ano	Total
Livro adquirido por adulto alfabetizado	0,66
Por comprador	4,34

Base Real / Ponderada : 1120 / 1216 compradores de livros não didáticos nos últimos 12 meses

Pr 1549 342

CBL/BRACELPA/SNEL/ABRELIVROS
Retrato da Leitura no Brasil

FRANCESCHINI

DINÂMICA DE COMPRAS

Principais categorias de livros comprados nos últimos 12 meses – Brasil

	Brasil	Pequenina	Pequena	Média	Grande	Metrópole
Didáticos	28	29	33	35	26	23
Religiosos como Bíblia, espíritas, etc	20	19	21	27	21	17
Romance Nacional ou estrangeiro	17	14	15	20	19	17
Dicionários e enciclopédias	5	7	5	11	4	3
Livros infantis	6	9	7	6	5	3
Psicologia e filosofia	5	4	3	5	5	8
Ficção	4	2	3	2	3	8
Aventura	4	3	5	3	2	5
Sociologia	3	3	1	1	3	5
Livros e manuais de informática	3	2	1	2	3	4
Biografia	3	3	2	0	3	4
Livros Juvenis para jovens	2	2	3	0	2	2
Poesia	2	3	0	0	3	3
Administração e Negócios	2	1	1	3	3	3
Auto-Ajuda	5	4	5	2	4	5
Culinária	2	4	3	1	1	1
Base Real: Compradores	1473	346	208	68	381	470
Base Ponderada: Compradores	1642	396	243	84	478	441

Pr 1549 365

A livraria é o principal canal de vendas, porém, são utilizadas diversas opções, com destaque para igrejas, em São Paulo. Homens e mulheres compram nos mesmos pontos de venda, em São Paulo. Quanto menor a escolaridade, maior o uso de igrejas e porta em porta para compra e menor uso de livrarias. Comprador com nível superior compra mais em livrarias. Pessoas muito pobres buscam canais alternativos à livraria. Maior renda leva a maior compra em livraria e menor compra em canais alternativos. Quanto menor a cidade, maior o uso do vendedor porta em porta.

Quando pesquisados sobre gêneros de leitura, o leitor do gênero religioso é basicamente a mulher, com mais de 40 anos, pertencente às camadas mais simples da sociedade, que cursou o ensino fundamental ou médio. **Os livros religiosos, como a Bíblia e livros espíritas, estão em segundo lugar na lista dos mais procurados, só perdendo para os livros didáticos (conforme quadro acima).**³

Já o gênero literatura adulta (considerado pela pesquisa como sendo: poesia, dramaturgia, ficção, narrativa, ensaios, gênero epistolar, prosa, sátira, humor, cartas, miscelânea, literatura por religião e história da literatura) é mais lido por homens ou mulheres com escolaridade média ou superior, pertencentes às classes B e C, e que podem ter qualquer idade acima de 14 anos. Esse homem é normalmente atraído por livros de aventura ou ficção, enquanto essa mulher é atraída por romances de “amor” e poesia.

O gênero filosofia e psicologia (classificados como: sistemas filosóficos, psicologia, psicanálise, lógica, ética, filosofia antiga, medieval e oriental, filosofia moderna ocidental, teoria do conhecimento, astrologia, ocultismo, quirologia, esotéricos, auto-ajuda e história da filosofia) tem o leitor típico como sendo homem ou mulher, com escolaridade média ou superior, pertencente às classes A, B e C, e normalmente com 40 ou mais anos. Normalmente esse homem tem maior escolaridade e pertence a camadas econômicas mais elevadas da sociedade do que a mulher.

O gênero Ciências Sociais (classificado como: sociologia, antropologia social, estatística e demografia, ciências políticas, economia, direito e legislação, administração pública, prevenção e assistência social, serviço social, comércio e transportes, etnografia, costumes e folclore, comunicação, marketing, jornalismo e publicidade) tem o perfil de leitor: homem com curso superior, entre 20 e 29 anos, pertencente às camadas A, B ou C da

³ Grifo meu.

sociedade. Normalmente está finalizando ou já acabou seu curso universitário, pois esse gênero é leitura obrigatória da faculdade ou busca uma ampliação dos conceitos e idéias recém-adquiridas.

O gênero ciências aplicadas (classificado como: engenharias, engenharia química, ciências médicas, saúde, agricultura, pecuária, pesca, artes e ciências domésticas, administração, gestão empresarial, organização, manufaturas, desenho de produtos, manufaturas variadas e construção) tem o leitor típico: homem com ensino médio ou superior, de qualquer classe econômica e de idade igual ou acima de 14 anos. Esse perfil amplo é resultado das necessidades do mundo contemporâneo que requer ampla formação educacional e constante atualização profissional. Esse leitor seria um jovem que lê livros de administração ou engenharia em seu curso médio ou superior, e é também o adulto que lê livros do gênero para se manter atualizado e competitivo na sua área de atuação.

A pesquisa é concluída com o gênero generalidades (classificado como: bibliografia, biblioteconomia, enciclopédias, coleções G. e publicações S., obras de referência e consulta, informações, edições de livros, informática, processamento de dados, computação, cibernética e inteligência artificial), seu leitor é um homem com 20 ou mais anos, com curso médio ou superior e pertencente às classes B e C. A área de informática encabeçou esse perfil, e requer constante atualização, portanto, mesmo após concluir os estudos, esse público precisa continuar lendo sobre o assunto.